



Relatório de viagem do Deputado Raul Carrion à República Popular Democrática da Coreia

JULHO DE 2014



Estado do Rio Grande do Sul
Assembleia Legislativa

“Durante o transcurso de uma visita que realizei em 1987, junto com uma equipe de documentalistas britânicos, pude perceber que eles esperavam que Pyongyang fosse algo similar a Teerã dos anos 80 (...) o Departamento de Estado qualificava a Coreia do Norte como uma 'nação terrorista' junto com o Irã; por isso, os documentalistas supunham que carros cheios de 'guardas revolucionários circulariam sacolejando pelas ruas e que as metralhadoras assomariam desde as janelas (haviam viajado até ali como correspondentes de guerra e como tais lhes pagariam). Ou, então, pensavam na Coreia do Norte como uma versão pobre da China, com as massas pedalando em suas bicicletas para chegarem ao trabalho e vestidas em monótonos uniformes azuis de trabalho. (...) Estavam mal preparados para os bulevares de três pistas de Pyongyang, prolixamente varridos e percorridos por transeuntes determinados e disciplinados, acompanhados de perto por mulheres vestidas com uniformes ajustados, orientando o tráfego com disciplinadas e militares piruetas e com um sorriso na boca, paradas sobre plataformas em cada cruzamento. Não esperavam ver a população residindo em modernos e elevados edifícios, esperando o subterrâneo ou o ônibus elétrico pela manhã, como os assalariados japoneses. (...) Pyongyang é uma das cidades mais eficientes e melhor administradas da Ásia, uma mistura da efervescência de Singapura e a bucólica quietude de Alma-Ata. (...) Se a oferta é previsivelmente escassa em relação aos bens de consumo, as necessidades básicas estão, não obstante, cobertas (...) As praças, bem cuidadas se distribuem por toda parte na cidade, que é atravessada por dois rios que fluem por belas margens. (...) A aldeias são espartanas, simples, limpas e evocativas da atmosfera rústica própria do passado coreano, tão ausente na capital. (...) a rede elétrica cobre todos os lares camponeses, mas a televisão aberta está muito menos presente que nas cidades. (...) Poucos policiais ou militares são visíveis aos viajantes, neste que é o país mais militarizado da face da terra.”

Bruce Cummings - Professor da Universidade de Chicago/EUA
Korea's Place in the Sun, 1997.



PUBLICAÇÃO DO GABINETE DO DEPUTADO RAUL CARRION
Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul
Praça Marechal Deodoro, 1001, 10º andar, sala 1005
Fone: (51) 3210-2164 / Fax: (51) 3210-2163
Jornalista responsável: Elisa Stocker (Mtb 13.764)
Endereço eletrônico: raul.carrion@al.rs.gov.br
www.raulcarrion.com.br

Relatório da viagem à República Popular Democrática da Coreia

Apresentação

Entre os dias 18 e 25 de julho de 2014 – a convite da embaixada da República Popular Democrática da Coreia – visitou a Coreia uma delegação brasileira, formada por historiadores e estudiosos de Relações Internacionais e lideranças sociais e políticas, tendo por objetivo o aprofundamento dos laços de cooperação, amizade e conhecimento mútuo entre nossos dois povos e nações.

Participaram da delegação o Deputado e Historiador Raul Carrion – Líder do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Presidente da União Nacional de Legisladores e Legislativos Estaduais (UNALE) –; o Professor e Historiador Paulo Fagundes Visentini; a Professora e Historiadora Analúcia Danilevicz Pereira; o Sub-Secretário de Esportes do Estado do Espírito Santo, Anderson Falcão; e o Presidente da União Estadual de Estudantes do Estado de Goiás, Lucas Ribeiro Marques.

Devido ao longo tempo gasto no deslocamento até a Coreia, na verdade dispusemos de apenas seis dias e meio para as nossas agendas na RPDC, o que se demonstrou insuficiente para um conhecimento mais completo do país, mas, ao mesmo tempo, nos permitiu realizar mais de 40 atividades, em distintas regiões da RPDC. Assim, além da capital – Pyongyang – onde realizamos a maioria das nossas agendas, também visitamos a região do Monte Myohyang, ao Norte; a cidade de Nampo, a Oeste; e Panmunjon, ao Sul.

As nossas agendas englobaram visitas a centros de atenção à saúde; centros educacionais; equipamentos culturais, esportivos e de lazer; empreendimentos fabris e agrícolas; modernas áreas residenciais; museus; monumentos; locais históricos; grandes obras, como o Complexo Hidráulico do Mar do Oeste; e a linha demarcatória do armistício, em Panmunjon; além de contatos com representações governamentais nas áreas de Relações Internacionais e de Divulgação ao Exterior, e com a embaixada brasileira na RPDC.

A atenção dispensada à nossa delegação – seja pelas autoridades norte-coreanas, seja pelo Embaixador Roberto Colin – foi excepcional, permitindo-nos aproveitar ao máximo e com a maior liberdade a nossa estadia. Desde já, ficam registrados os nossos agradecimentos a todos eles!

A República Popular Democrática da Coreia que tivemos a oportunidade de conhecer nesses seis dias e meio – “correndo para cima e para baixo” – é um país moderno, de alta tecnologia, orgulhoso de seus feitos e de sua resistência ao maior bloqueio econômico, diplomático e midiático que qualquer país do mundo já sofreu até hoje. Daí nasce a sua determinação em basear-se em suas próprias forças e não depender de ninguém – mais por já ter experimentado na própria carne as conseqüências de depender dos outros, do que por qualquer visão “autárquica” ou “nacionalista estreita”.

Tanto que a sua Constituição – ao mesmo tempo em que afirma o caráter socialista da economia e que os meios de produção são propriedade do Estado e das organizações sociais e cooperativas – não exclui a associação “*dos organismos, empresas e organizações de nosso país com pessoas naturais e jurídicas estrangeiras, assim como o estabelecimento e gestão de*

diversas empresas nas Zonas Econômicas Especiais”. O que tem permitido investimentos estrangeiros (previstos em lei desde 1984), principalmente oriundos da Coreia do Sul, da China, da Rússia e de coreanos residentes no exterior.

O povo coreano é amigoso, instruído e trabalhador, valorizando o seu acesso totalmente gratuito à saúde, à educação e à moradia. Não vimos uma única favela, um único mendigo, uma única criança abandonada, um único morador de rua, um único maltrapilho! Nossas múltiplas agendas – além de viabilizar o conhecimento dos principais aspectos da realidade norte-coreana – nos permitiram interagir com a população, apesar da barreira da língua, convivendo com ela inclusive em seus momentos de descontração e de lazer.

Chamou atenção de toda nossa Delegação a distância entre a imagem que é difundida pela mídia ocidental contra a República Popular e Democrática da Coreia – apresentando-a como um país atrasado, retrógrado, belicista e de famintos – e a realidade de uma sociedade que, sem ser perfeita, garante a seu povo uma vida digna e almeja a reunificação nacional e a paz interna e com todas as nações do mundo. Mas, uma paz sem a intromissão de potências estrangeiras, com justiça e soberania!

O nosso Relatório procura ser o mais objetivo possível, relatando o que vimos e as nossas impressões. Na medida do necessário, pesquisamos informações complementares, com o objetivo de contextualizar os fatos. Evitamos fazer julgamentos. Primeiro, porque não nos cabe fazê-los. Segundo, porque temos a compreensão de que cada povo deve escolher o seu próprio caminho para o socialismo, de acordo com a sua cultura, as suas tradições e a sua maneira de ser.

Esperamos que este despretençioso Relatório ajude não só a um melhor conhecimento dos avanços e conquistas do Socialismo na República Popular Democrática da Coreia – tão caluniada e detratada pela mídia monopolista ocidental, sem qualquer compromisso com a verdade – mas também a uma maior aproximação entre os nossos povos e os nossos países.

Espero que os leitores me desculpem por haver utilizado no capítulo “Breve História da Coreia” inúmeras citações. Vi-me compelido a isso devido às importantes informações ali contidas sobre a História coreana, impactantes diante da ignorância generalizada sobre a Coreia, sem falar da desinformação mal intencionada da imensa maioria dos “analistas internacionais” e da quase totalidade da mídia ocidental sobre a realidade da República Popular Democrática da Coreia. Assim o leitor poderá ter acesso não a uma opinião puramente pessoal, mas a uma informação amplamente documentada.

Também destaco os artigos do Professor Paulo Fagundes Visentini (UFRGS), da Professora Analúcia Danilevicz Pereira (UFRGS – companheiros de viagem – e do Embaixador brasileiro na RPDC, Roberto Colin, anexados a este Relatório. Por fim, incluímos como anexo o importante artigo de Gregory Elich – do Instituto de Pesquisa Jasenovac e da Comissão da Verdade sobre a Coreia –, que nos contextualiza o terrível cerco militar, diplomático, tecnológico, econômico-financeiro e midiático que os Estados Unidos impõem à RPDC.

*Deputado e Historiador Raul Carrion
Setembro de 2014*

Breve História da Coreia

Os primórdios

Os primeiros sinais de humanídeos na península coreana datam do paleolítico inferior, há 1 milhão de anos atrás. Já os primeiros indícios humanos (artefatos, uso do fogo, etc.), datam de 300.000 anos AC.

Seus descendentes ingressaram na idade do bronze na segunda metade do quarto milênio AC, tendo criado a Civilização *Taedonggang*. Surgiu, então, o primeiro Estado da nação coreana – conhecido como *Joseon* Antigo e fundado pelo Rei Tangun. Civilização que irá durar cerca de três mil anos, até 108 aC.

Em 277 AC, emerge o primeiro Estado Feudal da Coreia, que rapidamente se expande, submetendo progressivamente os demais reinos. No início do século 5º DC, o Estado de Koguryo já domina um território de 2.400 km de leste a oeste e de 2.000 km de norte a sul. Sua capital é Pyongyang.

Em 918, o Rei Wangkon estabeleceu a dinastia *Koryo*, tendo por capital a atual cidade de Kaesong, unificando pela primeira vez a nação coreana. A dinastia Koryo durou até 1392, quando surgiu a dinastia feudal Joseon, o último Estado feudal da nação coreana, que no início do século XX foi dominado pelos japoneses.

A transformação da Coreia em colônia japonesa

No final do século XIX – quando ocorreu a expansão imperialista em todo o mundo – a Coreia sofreu sua primeira agressão em 1866, quando o navio de guerra norte-americano *General Sherman* invadiu as águas territoriais do país e subiu o Rio Taedong até Pyongyang, mas foi afundado e incendiado pelos coreanos. Após, outros barcos de guerra – da França, Inglaterra e Japão – foram repelidos pelo povo coreano.

Porém, em 1876, o Japão conseguiu impor ao decadente Estado feudal coreano o desigual *Tratado de Kanghwo*, reduzindo a Coreia a uma semi-colônia japonesa. As guerras sino-japonesa de 1904-1905 e russo-japonesa de 1904-1905 – quando a China e a Rússia foram derrotadas pelo Império Japonês –, criaram as condições para o total domínio nipônico sobre a Coreia.

Os Estados Unidos apoiaram o Japão em sua ocupação da Coreia, em troca do apoio japonês à ocupação norte-americana das Filipinas (*Pacto Secreto Taft-Katsura*). O *Tratado de Ulsa* – imposto pela força das armas em 1905 – e o *Tratado Coreano-Japonês de Anexação*, em 1910, consumaram a transformação da Coreia em colônia japonesa. A partir de então – usando da maior brutalidade – os japoneses desenvolvem uma política de colonização, se apoderando das terras, indústrias e riquezas coreanas e explorando duramente o país e o seu povo. Em 1925 já são 425 mil japoneses instalados na Coreia. Em 1942, 80% das florestas e 25% das terras cultivadas estão em suas mãos.

Os primeiros anos da luta contra a dominação japonesa

Os coreanos nunca aceitaram o domínio japonês e em 1908 o movimento “voluntários anti-japoneses” chegou a abarcar 70 mil guerrilheiros, mas acabou derrotado em 1910. Ocorreram diversas outras rebeliões, mas igualmente foram esmagadas pelos japoneses, com grande violência.



Kim Hyong Jik

Em 1917, Kim Hyong Jik – pai do futuro Presidente da Coreia, Kim Il Sung – criou a organização revolucionária Associação Nacional Coreana, para lutar contra a dominação japonesa, mas acabou sendo preso. Em 1919, no lugar dos “voluntários anti-japoneses”, que haviam sido derrotados, surgiu o Movimento do Exército Independente, que retomou a resistência armada aos japoneses. Em 1925, foi formado o Partido Comunista da Coreia, que não foi reconhecido pela Internacional Comunista e se desfez em 1928.

Em outubro de 1926, Kim Il Sung fundou a *União para Derrotar o Imperialismo* (UDI), integrada por jovens comunistas, tendo por objetivos derrotar o imperialismo japonês, alcançar a independência da Coreia e construir o socialismo e o comunismo. Em 3 de julho de 1930, Kim Il Sung criou a *Associação de Camaradas Konsol*, formada por jovens comunistas, que viria a ser o embrião do futuro Partido do Trabalho da Coreia.

Em abril de 1932, foi iniciada a *Guerrilha Popular Anti-japonesa*, que logo se estendeu para diversas regiões, incluindo a Manchúria. Em março de 1934, ela foi transformada em *Exército Revolucionário Popular da Coreia*. Nas áreas liberadas, são organizados *governos revolucionários populares*, unindo todas as forças anti-japonesas.

Em maio de 1936, realizou-se a conferência constituinte da *Associação para a Restauração da Pátria* (ARP) – primeira organização permanente da frente única nacional antijaponesa na Coreia – e aprovado o seu *Programa de Dez Pontos*. Kim Il Sun foi eleito seu presidente.

No final da década de 30, os japoneses atacam duramente o ERPC, que correu o risco de ser aniquilado. Em fins de 1938, sob o comando de Kim Il Sung, o ERPC empreendeu a chamada *Marcha Penosa*, em pleno inverno, para fugir ao cerco. Após mais de 100 dias de marcha, o grosso da guerrilha conseguiu chegar, em março de 1939, a Beidadingzi, região fronteira, escapando ao cerco.

A derrota do imperialismo japonês e a ocupação do Sul da Coreia pelos EUA

Ao final da Segunda Grande Guerra, após a rendição alemã (8 de maio de 1945), a luta prosseguiu contra o Japão, que continuava dominando inúmeros países na região do Pacífico e ocupando a Coreia. Em 8 de agosto, o Exército Revolucionário Popular da Coreia (ERPC), sob a direção de Kim Il Sung, iniciou sua ofensiva contra os japoneses, em todo o país. Em 9 de agosto, a URSS declarou guerra ao Japão e atacou as tropas japonesas na Manchúria e na Coreia. Nas principais cidades e regiões, a população sublevou-se. A situação tornou-se insustentável para os japoneses.



Kim Il Sung em 1926.

Sem necessidade, pois o Japão já negociava sua rendição, os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, matando mais de 300 mil pessoas, quase todos civis. Em 15 de agosto, o Japão assinou sua rendição. O ERPC e demais lideranças patrióticas organizaram *Comitês Populares* em toda a Coréia que, reunidos em Seul, proclamaram em 6 de setembro de 1945 a República Popular da Coréia.



Exército japonês em retirada da Coréia, sob a supervisão das tropas norte-americanas.

Desrespeitando a autodeterminação do povo coreano, no dia 8 de setembro, os Estados Unidos ocuparam o Sul da Coréia com suas tropas, até o paralelo 38, inclusive Seul, dissolveram os Comitês Populares e prenderam em massa os seus membros. Segundo o historiador norte-americano Bruce Comings, *“A informação interna estadunidense acerca de prisioneiros políticos sob a ocupação dos EEUU dava 21.458 pessoas na prisão em 1947, e 17.000 em agosto de 1945; dois anos depois, 30.000 supostos comunistas estavam nos cárceres de Rhee e os processos dos suspeitos de comunismo constituíam 80% de todos os casos judiciais. Uma série de ‘Campos de Tutela’ alojavam esses prisioneiros adicionais (...) a embaixada dos EEUU estimava que 70.000 pessoas encontravam-se nesses campos.”*¹

O 1º comunicado do General Douglas MacArthur, comandante das tropas norte-americanas, não deixou dúvidas quanto ao seu caráter de ocupação militar: *“como comandante em chefe das Forças Armadas dos Estados Unidos no Pacífico, exerço através das mesmas o controle militar sobre o Sul da Coréia, desde o paralelo 38, e sobre a sua população. (...) Devem ser respeitadas todas as minhas ordens e as ditadas sob a minha autoridade. Os atos de resistência às forças de ocupação ou qualquer ação que possa obstaculizar a tranquilidade pública e a segurança serão castigadas com energia. Durante o meu controle militar o inglês será o idioma oficial”*.²

Em seu informe sobre os três primeiros meses de ocupação, o General Hodge afirmou: *“[Existe] um crescente ressentimento em relação a todos os estadunidenses na área (...) cada dia que passa em meio a essa situação torna a nossa posição na Coréia mais insustentável e diminui nossa decrescente popularidade (...) a palavra pró-estadunidense é associada a pró-japoneses, traidor nacional e colaboracionista.”*³

Após negarem ao povo coreano o direito à autodeterminação, os militares estadunidenses – diante das dificuldades em formar um governo pró-americano no Sul da Coréia – foram buscar nos EUA o Sr. Syngman Rhee (um septuagenário que lá vivia há 37 anos) e o impuseram, no início de 1946, como presidente de um fictício Conselho Democrático Representativo, que tinha como principal sustentáculo os antigos colaboracionistas pró-japoneses.

1 CUMINGS, Bruce. El Lugar de Corea en El sol – Una historia moderna. Córdoba: Comunic-arte Editorial, 2004, p. 245.

2 GARCIA ALVAREZ, Raul I. e PARDILLO GOMEZ, Mayra. Corea Sí. Pyongyang, 1992, p.115.

3 CUMINGS, idem, p. 219.

Pouco tempo depois, uma série de greves e passeatas – pleiteando melhores salários e direitos trabalhistas – tomaram conta da cidade de Seul. Na manifestação a polícia foi autorizada a atirar na multidão, matando 41 grevistas. Logo depois, centenas de grevistas foram presos, torturados e condenados à pena de morte.



Aldeia incendiada em Cheju.

A ocupação norte-americana e seu apoio aos segmentos que haviam colaborado com a ocupação japonesa geraram uma grande reação do povo sul-coreano: *“Os torturadores e os integrantes de esquadrões da morte, que até bem pouco haviam sido um dos braços do domínio estrangeiro, estavam de volta, circulando pelas ruas com armamento norte-americano, radiotransmissores e jipes.”*⁴ No outono de 1946, uma rebelião massiva se espalhou por quatro províncias. Fortemente reprimidos, os rebeldes iniciaram uma guerrilha que se manteve ativa até 1949. Em outubro de 1948, ocorreu uma importante rebelião no porto de Yosu, sufocada ao custo de mais de 2.000 mortos e 3.000 presos. Na ilha de Cheju a resistência foi calada depois de terem sido mortos 60 mil pessoas, terem fugido para o Japão outras 40 mil e terem sido destruídas cerca de 40 mil casas. Das 400 aldeias existentes, só restaram 170.

A reconstrução na Coréia no Norte

Enquanto isso, no Norte as tropas russas respeitaram o governo surgido dos *Comitês Populares*, criados logo após a vitória contra os japoneses.

Em 10 de outubro de 1945, Kim Il Sung fundou o *Partido Comunista da Coréia do Norte*, que em 1946 uniu-se ao Partido Neo-democrático da Coréia, constituindo o *Partido do Trabalho da Coréia*.

Em 8 de fevereiro de 1946, tendo por base os Comitês Populares formados em todo o país, foi constituído o *Comitê Popular Provisório da Coréia do Norte* – com a tarefa de levar adiante a revolução democrática, anti-imperialista e anti-feudal – o qual elegeu Kim Il Sung como seu presidente.

Em 5 de março – sob o lema “a terra pertence aos camponeses que a trabalham” – foi editada a *Lei da Reforma Agrária na Coréia do Norte*, que confiscou as terras de japoneses, pró-japoneses, traidores da nação e latifundiários, e as distribuiu para 725 mil famílias camponesas sem terra ou com pouca terra. O regime permitiu aos ex-latifundiários que desejassem trabalhar a terra, se mudarem para províncias vizinhas, onde lhes era concedida a mesma quantidade de terra que aos demais agricultores. Os camponeses obtiveram terras que podiam ser transmitidas aos seus filhos, mas não podiam ser compradas ou vendidas no mercado.

Em 24 de junho foi promulgada a *“Lei do Trabalho para os operários e empregados da Coréia do Norte”*, estabelecendo a jornada de 8 horas e a proibição do trabalho às crianças. No dia 30 de julho, foi assinada a *“Lei da igualdade de direitos do homem e da mulher na Coréia do Norte”*.

4 FRIEDRICH, Jörg. Yalu – à beira da terceira guerra mundial. Rio de Janeiro, 2011, p. 188.

Seguiram-se diversas outras medidas para democratizar as esferas judicial, fiscal, cultural e educacional. Foi estabelecido o ensino gratuito e obrigatório e deflagrada uma grande campanha de alfabetização que criou mais de 16 mil escolas para adultos, só em 1946. No início de 1949, mais de 2,3 milhões de coreanos haviam sido alfabetizados e o analfabetismo foi definitivamente erradicado no país.

Em 10 de agosto de 1946, foi assinado o “*Decreto de nacionalização de indústrias, transportes, comunicações, bancos, etc.*”, pertencentes a japoneses, pró-japoneses e traidores da nação, que tiveram os seus bens expropriados, sem direito a qualquer indenização. Os capitalistas patriotas e pequenos e médios empresários tiveram os seus bens respeitados.

Em 3 de novembro de 1946, foram realizadas as primeiras eleições democráticas da Coréia, em seus 5.000 anos de existência: “*Nas eleições ao Comitê Nacional Popular de novembro de 1946 o PDC obteve 351 representantes, o Chongu-dang 253 e o PTCN 1.102; foram eleitos, ainda, 1.753 representantes postulados como apartidários.*”⁵ Em fevereiro de 1947, instalou-se o *Comitê Popular da Coréia do Norte*, tendo por presidente Kim Il Sung. Em 8 de fevereiro de 1948 foi constituído o Exército Popular da Coréia.

Fruto de todas essas transformações econômicas, sociais e políticas, a produção industrial aumentou 3,4 vezes entre 1946 e 1949, e a produção para o consumo cresceu 2,9 vezes. Houve um início de diversificação industrial. No ano de 1949, a indústria nacionalizada era responsável por 91% da produção e as cooperativas e o Estado controlavam 57% do comércio. Na agricultura, surgiram as primeiras cooperativas agrícolas e artesanais e um incipiente setor estatal, formado por granjas experimentais e estações de máquinas e tratores.

Segundo Cumings, “*72% das crianças freqüentavam a escola primária, comparadas com os 42% de 1944; cerca de 40 mil escolas para adultos em todo o país brindavam alfabetização básica a operários e camponeses. Informação estadunidense (...) mostra a produção de lingotes de ferro subindo de 6.000 toneladas em 1947 a 166.000 em 1949, a produção de barras de aço subir de 46.000 toneladas a 97.000, (...) superior à produção japonesa de 1944 (...); a produção industrial subiu 39,6% em 1949(...). O resultado desse esforço extraordinário (...) foi que desde 1940 até meados dos anos 60 (...) Coréia do Norte cresceu de maneira muito mais rápida que o Sul (...).*”⁶

Os EUA bloqueiam a reunificação e auto-determinação da Coréia

Apesar de ter sido acordado na Conferência de Ministros de Relações Exteriores, realizada em Moscou, em dezembro de 1945, que a URSS e os Estados Unidos trabalhariam pela criação de um governo provisório unificado e que no prazo de cinco anos se retirariam da Coréia, no dia seguinte os Estados Unidos passaram a trabalhar pela divisão definitiva do país, em um contexto de “Guerra Fria”.



Repressão à membros dos comitês populares.

5 CUMINGS, idem, p. 251.

6 CUMINGS, idem, pp. 478-479.

Além de dissolverem pela força os *Comitês Populares* e reprimirem os que defendiam a reunificação da Coréia, criaram e armaram um exército de 150 mil homens no Sul, sem possuir qualquer mandato para tanto. Não satisfeitos, propuseram em setembro de 1947 que a questão da Coréia – que era um assunto a ser resolvido entre a URSS e os Estados Unidos – passasse para a alçada da ONU, sem ingerência do Conselho de Segurança (onde a URSS podia exercer o direito de veto). Moscou se opôs, mas os EUA – que naquela época manejavam as Nações Unidas ao seu bel prazer – conseguiram aprovar a proposta.

Assim, foi formada a Comissão Temporária das Nações Unidas sobre a Coréia, que convocou “eleições gerais” no país, o que não foi aceito nem pela URSS, nem pelos norte-coreanos, que não permitiram que essa comissão fantoche dos Estados Unidos desenvolvesse as suas atividades no Norte da Coréia.

Em resposta às maquinacões norte-americanas, foi realizada, em abril de 1948, em Pyongyang, uma Conferência conjunta de representantes de partidos políticos e organizações sociais da Coréia do Norte e do Sul – na qual compareceram 695 representantes de 56 partidos e organizações, representando mais de 10 milhões de coreanos. A própria imprensa norte-americana foi obrigada a reconhecer que “*na Conferência de Pyongyang todas as organizações de direita e de esquerda estiveram representadas, com exceção de três organizações dirigidas por Syngman Rhee, Kim Song Su, etc.*”⁷

Desrespeitando a vontade do povo coreano, a dita “comissão” organizou eleições fraudulentas no Sul, em 10 de maio de 1948. Segundo Vivian Trias, as eleições “*foram vergonhosas. Os bandos terroristas assolaram a população; nas seis semanas anteriores foram cometidos quase 600 assassinatos políticos. É claro que ganhou a direita e a comissão internacional considerou o seu triunfo como legítimo e 'democrático'. (...) A divisão ficou consagrada.*”⁸

Segundo Bruce Cumings, “*praticamente todos os políticos e partidos políticos de expressão, à direita de Rhee, se negaram a participar nas eleições, incluindo a Kim Kyu-sik, um peculiar centrista coreano, e a Kim Ku, um homem situado, provavelmente, à direita de Syngman Rhee.*”⁹

Como era de esperar, Syngman Rhee obteve ampla maioria e assumiu a presidência. Poucos dias depois, em 15 de agosto de 1948, sob os auspícios do Gal. MacArthur, foi proclamada a *República da Coréia*, dividindo de forma definitiva a nação. MacArthur ameaçou: “*Esta barreira [o paralelo 38] deve ser derrubada e o será. Nada poderá impedir que o vosso povo logre a unidade em liberdade.*”¹⁰



Syngman Rhee é recebido pelo Gal. MacArthur.

7 JO AM e NA CHOL GANG. Corea en El Siglo XX. Pyongyang, 2002, p. 98.

8 TRIAS, Vivian. Historia del imperialismo norte-americano-2. La hegemonía: 1919-1963. Buenos Aires, 1977, p. 224.

9 CUMINGS, idem, p. 233.

10 HOROWITZ, D. Estados Unidos Frente a la Revolución Mundial (de Yalta al Vietnam). Barcelona, 1968, p. 147.

Com a posse de Syngman Rhee, chegou ao fim o governo militar de ocupação, mas não a presença militar e a tutela dos EUA sobre o governo do Sul da Coreia. Segundo Vitorino: “seguindo as orientações de Washington (...) Rhee governou a Coreia do Sul em estado de terror e perseguição. (...) Em 1949, o governo de Rhee mantinha em cárcere 36 mil prisioneiros políticos e um saldo de mortes de mais de 100 mil pessoas.”¹¹

O próprio Presidente Truman teve de confessar a convivência dos Estados Unidos com esses crimes: “Syngman Rhee (...) rodeou-se de homens reacionários (...) e, quando o fim do governo militar lhe deixou as mãos livres para atuar impunemente contra seus inimigos políticos, adotou métodos policiais para impedir a liberdade de expressão. (...) Entretanto, não tínhamos outro remédio senão apoiá-lo.”¹²

Relatando a evolução política da Coreia do Sul, sustentada pelos EUA, o insuspeito Giordani nos diz: “Syngman Rhee foi reeleito presidente em 1952 e, novamente, em 1956, exercendo poderes ditatoriais para manter-se no governo até 1960, quando teve como sucessor o general Pak Chung Hee, que assume o poder em maio de 1961, após um golpe militar. Park foi reeleito em 1967 e em 1971, mas em 1979 foi assassinado pelo chefe dos Serviços Secretos. Sobe ao poder Choi Kiu Há que é deposto pelos militares em 1980. Segue-se a presidência do General Chum Doo Hwan (1980-1988), caracterizada por repressões políticas.”¹³ Como se pode ver, não é de hoje que os Estados Unidos impõem e apoiam ditaduras sem qualquer compromisso com a democracia.

Syngman Rhee – ditador no Sul – prepara a invasão armada do Norte

Em resposta às eleições fraudulentas realizadas no Sul, o Norte organizou, em 25 de agosto de 1948, eleições diretas para a Assembleia Popular Suprema. Devido ao regime de terror implantado por Syngman Rhee, a única alternativa para a indicação dos representantes do Sul na Assembleia Popular foi a indicação clandestina de delegados que, reunidos em Haeju, elegeram os seus deputados. Assim, em 9 de setembro de 1948 – um mês após a criação da República da Coreia no Sul – foi constituída no Norte a *República Democrática Popular da Coreia (RPDC)* e Kim Il Sung foi eleito o seu Chefe de Estado.

Pouco depois, as tropas soviéticas abandonaram a Coreia em respeito à autodeterminação coreana e conclamaram os Estados Unidos a fazer o mesmo. Esses, porém, negaram-se a fazê-lo e só se retiraram da Coreia em 30 de julho de 1949, quase um ano depois. Segundo Bruce Cumings, “Os estadunidenses não podiam retirar suas tropas com tanta facilidade, pois estavam preocupados pela viabilidade do regime no Sul, por suas tendências ditatoriais e por



Tropas soviéticas retiram-se da Coreia em respeito à autonomia coreana.

11 VITORINO, William. Guerra na Coreia – A origem de um conflito. São Paulo, 2010, p. 59.

12 ZENTNER, Christian. Grandes Guerras de nuestro tiempo – Las Guerras de La Postguerra (I). Barcelona, 1980, p. 70.

13 GIORDANO, Mário Curtis. História do Século XX. Aparecida/SP, 2012, p. 572.

suas intenções (declaradas a todo o momento) de marchar em direção ao Norte. Mas muito mais relevante que isso era a crescente importância que a Coreia adquiria para a política mundial estadunidense como parte de uma nova estratégia dual de contenção do comunismo e revitalização da economia industrial do Japão”.¹⁴

Em fevereiro de 1949, falando à Assembleia Nacional, Syngman Rhee disse que se não conseguia anexar a Coreia do Norte com a ajuda da “Comissão da ONU sobre a Coreia” o “Exército de Defesa Nacional (...) deverá necessariamente marchar sobre a Coreia do Norte.”¹⁵ E, em 9 de março, seu Ministro do Interior, Yun Chi Yong, afirmou “que a República da Coreia recupere pela força a terra perdida que é a Coreia do Norte é a única via para reunificar o Norte e o Sul da Coreia.”¹⁶

Em resposta a essas ameaças, em junho de 1949 realizou-se em Pyongyang um encontro para constituir a “Frente Democrática pela Reunificação da Pátria” que conclamou a reunificação da Coreia pela via pacífica. A FDRP apresentou seis pontos para viabilizar essa reunificação pacífica: “1) A reunificação da Pátria deve ser realizada pelo próprio povo coreano; 2) as tropas dos EUA devem retirar-se imediatamente da Coreia do Sul; 3) A ‘Comissão da ONU sobre a Coreia’, organismo ilegal, deve retirar-se sem tardança; 4) Efetuar simultaneamente, em setembro de 1949, em todo o território da Coreia do Norte e do Sul, eleições para um órgão legislativo unificado; 5) Assegurar a legalidade e a liberdade em suas atividades aos partidos políticos e organizações sociais democráticas; 6) O órgão legislativo supremo, surgido das eleições gerais, deve adotar uma constituição e formar, sobre essa base, um governo.”¹⁷

Em resposta, em julho de 1949, logo após a publicação do projeto de reunificação pacífica da FDRP, o Ministro da Defesa da Coreia do Sul, Sin Song Mo, ameaçou: “Nosso Exército de Defesa Nacional (...) tem a convicção e a força para ocupar completamente, não importa quando, em um dia, Pyongyang e, mesmo, Wonsan ao Norte, se a ordem for dada.”¹⁸

As sucessivas provocações armadas sul-coreanas

Durante todo ano de 1949, as incursões de tropas sul-coreanas ao território do Norte – que já ocorriam desde 1947 – recrudesceram, deixando claro que o Sul buscava a guerra. Em Kaesong, em 4 de maio, um ataque de tropas do Sul durou quatro dias, causando a morte de 400 soldados norte-coreanos e 22 sul-coreanos, além de mais de 100 civis, segundo cifras oficiais estadunidenses e sul-coreanas. Entre 21 de maio e 7 de junho, efetivos da 1ª Divisão do Exército sul-coreano, com apoio aéreo, atacaram os montes Kuksa, Unpha, Kachi e Pidulgi, ocupando-os por algum tempo, mas logo foram expulsos. Em fins de junho, atacaram o monte Unpha, tomando-o e fortificando-se ali. No dia 6 de julho, atacaram o monte Kosan, mas sem conseguir tomá-lo. Em 25 de julho, atacaram e ocuparam o monte Song-ak, mas foram expulsos.

14 CUMINGS, idem, p. 231.

15 HO JONG HO, KANG SOK HUI E PAK THAE HO. L'impérialisme US, provocateur de la guerre de Corée.

Pyongyang, 1993, p. 85.

16 Idem, p. 85.

17 Idem, p. 88.

18 Idem, p. 89.

Em julho de 1949, o General W. L. Roberts chefe do “Grupo Assessor Militar da Coréia” (GAMC) – que sucedeu o governo de ocupação dos EUA na Coréia – afirmou aos comandantes sul-coreanos Chae Pyong Doc e Kim Sok Won que *“a presente invasão do Norte servirá de bom terreno de experimentação para a guerra civil iminente; o combate permitirá adquirir conhecimentos vivos através de um contato direto com o inimigo.”*¹⁹

E Kim Sok-Won, comandante das tropas sul-coreanas no paralelo 38, afirmou à CONUC que a península vivia um estado de guerra e que *“devemos contar com um programa para recuperar nosso território perdido, a Coréia do Norte, atravessando a fronteira do paralelo 38, fixada em 1945”. E mesmo o historiador norte-americano Bruce Cumings reconhece que “a guerra que eclodiu em junho de 1950 produziu-se depois de uma guerra de guerrilhas e nove meses de combate ao longo do paralelo 38, durante 1949. (...) A razão pela qual a guerra não eclodiu em 1949 (...): o Sul queria uma guerra, mas o Norte não a desejava.”*²⁰

Em 4 de agosto de 1949, diante da ocupação do Monte Unpha por tropas sul-coreanas, o Exército Popular da Coréia contra-atacou, aniquilando-as por completo. Diante desse desastre, diversos comandantes militares do Sul propuseram um ataque geral contra o Norte, o que acabou não ocorrendo. Em 23 de agosto, diversos barcos da Marinha do Sul invadiram o Rio Taedong – na Coréia do Norte – e afundaram quatro embarcações norte-coreanas de 35 a 45 toneladas. Em 18 de agosto, uma frota naval sul-coreana bombardeou Monggumpho, na província de Hwanghae, no Norte, litoral Oeste da Coréia.

Em setembro de 1949, Egon Ranshofen-Wertheimer membro da CONUC informou que *“a tentação de Rhee por invadir o Norte e a pressão exercida sobre ele para fazê-lo pode, assim, tornar-se irresistível. As autoridades militares mais altas da República (...) estão exercendo uma pressão permanente sobre Rhee para que ele tome a iniciativa e cruze o paralelo.”*²¹

Em outubro de 1949, Syngman Rhee discursou a bordo de um navio de guerra dos EUA, ancorado em Inchon, dizendo que o Sul podia tomar Pyongyang em três dias, queixando-se de que só não fazia isso porque os Estados Unidos temiam que isso precipitasse a terceira guerra mundial. E o Ministro da Defesa, em entrevista coletiva realizada em 31 de outubro, declarou que suas tropas estavam preparadas para avançar sobre a Coréia do Norte: *“Se pudéssemos manejar-nos por conta própria, já (...) teríamos começado (...) Temos força suficiente para avançar e tomar Pyongyang em uns poucos dias.”*²²



Tropas norte-americanas costeando o Rio Taedong após a invasão por barcos sul-coreanos em agosto de 1949.

19 Compilação de provas documentais da provocação pelos imperialistas americanos da Guerra Civil da Coréia. Pyongyang, p. 115.

20 CUMINGS, idem, p. 276-278.

21 New York Herald Tribune, 30.10.49.

22 Idem, 01.11.49.

Em janeiro de 1950, Preston Goodfellow, assessor de Syngman Rhee, informou ao Embaixador de Taiwan nos Estados Unidos, Wellington Koo, que *“eram os sul-coreanos que estavam ansiosos por penetrar na Coréia do Norte, devido a que já se sentiam prontos, com seu exército de 100.000 homens bem treinados.”*²³

Apesar de constantemente agredida, a RPDC respondia com uma ampla campanha pela reunificação pacífica da Coréia, sem ingerências estrangeiras. Para bloquear essa campanha – que contava com crescente simpatia da população do Sul –, o Congresso dos EUA aprovou em fevereiro de 1950 a “Lei de Ajuda à Coréia” que estabelecia que essa ajuda acabaria *“caso seja formada na República da Coréia um governo de coalizão que inclua um ou mais membros do Partido Comunista ou do partido que atualmente controla o governo da Coréia do Norte.”*²⁴ Através dessa Lei os EUA bloquearam qualquer reunificação pacífica da Coréia e incentivaram o confronto.

No mês de junho, três emissários enviados pelo Norte para tratar da reunificação, foram sumariamente fuzilados. Em 18 de junho, o republicano John Foster Dulles – defensor de um confronto preventivo com a URSS, antes que esta alcançasse a paridade nuclear com os EUA – iniciou uma visita à Coréia, que teve a característica de uma “revista às tropas” e de uma verificação sobre seus preparativos guerreiros no paralelo 38. Nesse mesmo dia o Secretário da Defesa Louis Johnson e o General Bradley chegaram a Tóquio para conferenciar com o General MacArthur. Segundo informaram, para inteirarem-se de fatos *“que afetam a segurança dos Estados Unidos e a paz do mundo”*.²⁵

Destaque-se, ainda, que em 30 de maio haviam ocorrido eleições para a Assembleia Nacional Coreana, nas quais Syngman Rhee sofrera importante derrota, tendo a oposição eleito 128 das 210 vagas no parlamento. Politicamente acuados, Rhee e os norte-americanos começaram ver na guerra com o Norte uma saída para a sua crise política.

A eclosão da Guerra da Coréia

No dia 25 de junho de 1950, pela manhã teve início a “Guerra da Coréia”, que durante três anos manteve o mundo a beira de uma Terceira Guerra Mundial e causou sofrimentos indescritíveis ao povo coreano. Até hoje se discute quem deu o “primeiro tiro”. O fundamental, porém, é identificar quem impôs a divisão artificial da Coréia, quem bloqueou e bloqueia até hoje a reunificação pacífica do país e quem multiplicou entre 1947 e 1950 as provocações armadas.



John Foster Dulles em visita ao Paralelo 38.

23 CUMINGS, idem, p. 284.

24 New York Times, 20.06.50.

25 Daily Mail, Londres, 19.06.50, edição parisiense.

Em 23 de junho, às 22h, as forças sul-coreanas iniciaram um ataque ao Monte Unpha – palco de agressão semelhante em fins de junho de 1949 –, que prosseguiu até 4h da manhã do dia 25. E, nas primeiras horas do dia 25 de junho, o 17º Regimento da Coréia do Sul atacou os norte-coreanos que defendiam o Monte Turak, em Onjin. Às 11h da manhã, os sul-coreanos divulgaram que seu 17º Regimento havia tomado a cidade de Haeju, no Norte. Referindo-se a essa tão documentada²⁶ ocupação de Haeju – de que a Coréia do Sul se vangloriou publicamente – o historiador norte-americano Bruce Cumings afirma que “*este livro não pode excluir a possibilidade de que haja sido o Sul que tenha iniciado os combates em Ongjin, diante da perspectiva da tomada imediata de Haeju.*”²⁷

Confirmando isso, John Gunther, biógrafo de Mac Arthur, relata em “The Ridle of MacArthur”, p. 165, que “dois importantes membros das forças de ocupação realizaram a excursão a Nikko e (...) *um deles 'foi inesperadamente chamado ao telefone'. Ao regressar, disse em voz baixa: 'acaba de se iniciar uma grande confusão. Os coreanos do Sul atacaram a Coréia do Norte.'*”²⁸ Posteriormente, Gunther sustentaria que esta informação era errônea, baseada em uma versão da Coréia do Norte.

Em resposta ao ataque sul-coreano, o Exército Popular da Coréia iniciou uma grande contra-ofensiva, que em poucos dias levaria a tomar Seul.

ONU empresta sua bandeira à agressão norte-americana à Coréia

Às três horas da manhã do dia 25 de junho, tão logo se iniciaram os combates, os EUA telefonaram para o Secretário Geral da ONU, Trygve Lie, e lhe exigiram a convocação do Conselho de Segurança da ONU que – com as ausências da China Continental, excluída do Conselho de Segurança, e da URSS, que poderia vetar qualquer deliberação – reuniu-se na manhã do próprio dia 25. Baseado unicamente em informações dos EUA e da Coréia do Sul e totalmente manipulado pelos Estados Unidos, o Conselho responsabilizou a Coréia do Norte pelo ataque e exigiu que essa suspendesse os combates.

Sem autorização do Congresso, o Presidente Truman determinou a intervenção militar norte-americana (chamada de “ação policial”, pra driblar a exigência constitucional), o bloqueio naval e o bombardeio da Coréia do Norte. Além disso, aproveitando o pretexto, postou uma poderosa frota naval entre a China Continental e Formosa, em apoio a Chiang Kai Check. No dia 27, o Conselho de Segurança – ao invés de tentar mediar o conflito – aprovou uma resolução dando cobertura legal ao ataque norte-americano e conclamando todos os membros das



Votação do Conselho de Segurança da ONU que autorizou a intervenção militar na Coréia.

26 O New York Times, o New York Herald-Tribune e o Washington Post informaram que em 25 de junho duas companhias do 17º Regimento haviam ocupado Haeju. O Delegado militar do Reino Unido em Tóquio telegrafou em 27 de junho que dois batalhões do 17º Regimento ocuparam Haeju (FO317, fragmento nº 84057. Gascoigne a FO, 27 de junho de 1950).

27 CUMINGS, idem, p. 293.

28 STONE, Irving F. La historia oculta de La Guerra de Corea. Cuba, 1952, p. 62.

Nações Unidas a se somarem às forças interencionistas. Mais do que isso, entregou o comando dessas tropas “da ONU” ao General MacArthur, sem estabelecer qualquer supervisão da ONU sobre suas ações.

A partir daí, os Estados Unidos, a Coréia do Sul e mais 15 nações – Inglaterra, França, Canadá, Itália, Bélgica, Holanda Austrália, Nova Zelândia, Irlanda, Dinamarca, Grécia, Turquia, África do Sul, Filipinas e Colômbia – uniram-se na agressão à Coréia do Norte, contribuindo com tropas, armas, mantimentos e apoio logístico. O Brasil, fortemente pressionado para engajar-se na Guerra da Coréia, negou-se a fazê-lo, por conta da forte campanha contrária, liderada pelo Partido Comunista do Brasil.



Passeata de jovens em Niterói contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia.

O avanço avassalador das tropas da Coréia do Norte

Apesar da sua inferioridade em número, em armamento e em apoio aéreo e naval, as tropas norte-coreanas – demonstrando grande capacidade estratégica e tática e alta combatividade – avançaram rapidamente, pondo em fuga tanto as tropas sul-coreanas (consideradas pelos EUA como “o melhor exército da Ásia”), quanto os até agora “invencíveis” norte-americanos. Nesse avanço, contaram com o apoio de forças guerrilheiras do Sul da Coréia. Em três dias tomaram Seul. Logo após uma pausa para consolidarem o seu avanço, prosseguiram no dia 5 de julho em direção ao Sul, tomando Taejon. Em fins de agosto, haviam empurrado os exércitos sul-coreanos e norte-americanos até o perímetro de Pusan, libertando mais de 90% do território e 92% da população da Coréia. Nos territórios liberados foram reconstruídos os Comitês Populares que haviam sido liquidados pelos norte-americanos e foram distribuídas aos camponeses pobres as terras dos latifundiários: 43,3% das terras cultiváveis na zona liberada foram confiscadas e distribuídas gratuitamente a um milhão e 267 mil famílias camponesas.

No dia 9 de julho, derrotado em todas as frentes e cercado no perímetro de Pusan, “MacArthur enviou uma mensagem urgente a Matthew Ridgway, em que solicitava ao Estado Maior Conjunto 'que considerasse se as bombas A iam estar ou não à disposição do general MacArthur' Se solicitou então ao general Charles Bolte, chefe de operações, que falasse com MacArthur acerca do uso de bombas atômicas 'em apoio direto aos combates terrestres'; poderiam ser disponibilizadas entre 10 e 20 bombas (...) não obstante, o Estado Maior Conjunto rechaçou o uso da bomba.”²⁹

Em sua desabalada retirada, as tropas estadunidenses e sul-coreanas realizaram todo o tipo de massacres de civis suspeitos de serem comunistas ou de colaborarem com os norte-coreanos. Em agosto, Alan Winnington publicou no Daily Worker de Londres que “a polícia sul-coreana, sob a supervisão dos assessores do GMAC, havia massacrado 7.000 pessoas na aldeia de Yangwol, perto de Taejon, entre 2 e 6 de julho. (...) chegaram caminhões da polícia

29 CUMINGS, idem, p. 304.

30 Idem, p. 305.

na região e fizeram com que fossem cavados seis poços, a duzentos metros um do outro. Dois dias depois, foram conduzidos ao lugar uma série de prisioneiros políticos, sendo executados (tanto através de um balaço na nuca como pela decapitação) e atirados nas fossas uns sobre os outros, 'como sardinhas'. (...) As fontes sul-coreanas inicialmente falaram em 4.000 mortos (logo mudaram essa cifra para 7.000, alguns meses depois)".³⁰

Os EUA adotaram uma política de terra arrasada e de bombardeio indiscriminado das populações civis: "As forças estadunidenses começaram a queimar as aldeias suspeitas de abrigar guerrilheiros e, em alguns casos, simplesmente as queimaram para negar às guerrilhas um possível lugar onde esconder-se." Segundo o correspondente britânico Reginald Thompson, "o imenso poder das armas modernas foi desafiado por um punhado de camponeses providos de uns poucos rifles e carabinas e de uma coragem desesperada (...) sofrendo sobre si e sobre o resto dos habitantes o espantoso horror das bombas incendiárias (...). Cada povo e aldeia no caminho da guerra eram borrados do mapa (...) eliminando cegamente gente remota e desconhecida, gerando holocaustos de morte, uma verdadeira produção em massa da morte, espalhando uma desolação abismal sobre comunidades inteiras."³¹



Tropas americanas queimam uma aldeia norte-coreana.

EUA rejeitam proposta da URSS de um acordo de paz e eleições gerais

Quando, em inícios de julho, Nehru se propôs a realizar uma mediação, o Departamento de Estado dos EUA respondeu que "o cessar fogo e o retorno dos coreanos do Norte ao paralelo 38 eram condições mínimas e irredutíveis" para a paz. Mas quando, em fins de julho, a URSS somou-se a essa iniciativa e propôs um acordo de paz e eleições gerais "tanto no Norte como no Sul, para eleger um só governo de toda a península", os EUA se opuseram com veemência, mostrando toda sua hipocrisia.

O correspondente chefe do *New York Times* nas Nações Unidas deixou claras as razões disso: "A dificuldade consiste em que há muita probabilidade de que os comunistas obtenham uma grande maioria se as eleições se celebram antes que se tenha derrotado e desfeito a comunização da Coréia do Norte, e antes que o programa de reconstrução da ONU haja amortecido o ressentimento do Norte e do Sul, causado pela destruição de lares feita no curso da liberação pelas forças da ONU. Nesse caso, o comunismo viria a ganhar, mediante eleições, o que não pode obter com a invasão."³² Ou seja, as eleições só eram bem vindas se houvesse a certeza da vitória de Syngman Rhee, aliado dos Estados Unidos.

30 Idem, p. 305.

31 Idem, pp. 300; 303-304.

32 *New York Times*, 24.08.50

E quando, em 28 de setembro, Inglaterra, Austrália, Canadá, Noruega e Filipinas apresentaram uma resolução prevendo eleições em ambas zonas, um dos delegados que a elaborou afirmou que "era possível que sob esse plano se criasse uma Coréia unificada comunista, em quatro ou cinco anos. As esperanças de uma vitória democrática se acredita que aumentarão se as eleições forem adiadas até que um programa de ajuda das Nações Unidas comece a reparar a destruição causada pela guerra e se possa fazer um esforço para enfrentar a influência comunista na Coréia do Norte."³³ Não pode haver uma confissão mais clara de que o regime do Norte contava com amplo apoio popular tanto no Norte como no Sul.

Aos poucos, a máquina de guerra norte-americana, apoiada por 15 nações, começou a pesar na balança: "no dia 29 [de agosto] quase 2.000 homens pertencentes à 27ª Brigada de Infantaria Inglesa chegaram a Pusan, vindos de Hong Kong. Cinco batalhões de blindados, com cerca de 69 tanques cada um, também chegaram em agosto, e no fim do mês a ONU já tinha muito mais de 500 tanques no perímetro (...). Esse número dava à ONU uma superioridade de quase 5:1 naquela área. Assim, com a superioridade no ar já garantida, a ONU estava agora em boas condições para manter suas linhas e atacar quando chegasse a hora."³⁴

O desembarque dos EUA em Inchon e a retirada norte-coreana

Em 15 de setembro, enquanto a situação mantinha-se crítica em Pusan, os Estados Unidos realizaram o desembarque de 83 mil soldados estadunidenses, mais 57 mil sul-coreanos e britânicos, em Inchon, na retaguarda das tropas norte-coreanas – utilizando 261 navios e o apoio de mais de mil aviões. Isto criou um perigo mortal para as tropas norte-coreanas, que tiveram que levantar o cerco a Pusan e realizar uma rápida retirada em direção às regiões montanhosas do Norte, visando preservar suas forças. Sua retirada foi facilitada pela renhida batalha pela retomada de Seul, que manteve ocupadas as tropas norte-americanas e aliadas até o final de setembro, causando-lhes enormes baixas. À medida que se retiravam as tropas norte-coreanas semeavam inúmeros grupos guerrilheiros no caminho, que passaram a fustigar as tropas estadunidenses e foram decisivos no contra-ataque posterior.

Em Seul, a vingança dos novos senhores da capital foi terrível: "Idosos, gestantes e crianças cavaram valas, para nelas serem amontoados uma hora depois. (...) As mulheres correspondiam a um terço dos quatro mil camaradas Centenas delas, comunistas e colaboracionistas foram deixadas em bordéis, para serem violentadas por coreanos e soldados da ONU. Os carrascos da polícia de Syngman Rhee (...) se encarregaram da matança dos que pertenciam aos comitês populares por estes criados, aí se incluindo os dirigentes e os familiares dos dirigentes. Um levantamento oficial realizado na Coréia do Norte apontou 29 mil vítimas da vingança sulista."³⁵



Desembarque de tropas em Inchon.

33 *New York Times*, 29.09.50

34 HEIFERMAN, R., SHERMER, D. e MAYER, S.L. *Guerras do Século 20*. Rio de Janeiro, 1975, p. 463.

35 FRIEDRICH, idem, p. 243.

Nesse momento, colocou-se uma nova questão para os Estados Unidos: o seu avanço devia deter-se no paralelo 38 ou devia continuar em direção ao Norte? Apesar dos advertências transmitidas por Nehru, de que os chineses não tolerariam o avanço das tropas norte-americanas além do paralelo 38, Truman – incitado por MacArthur, que tudo fazia para transformar a Guerra da Coreia em uma cruzada contra o comunismo mundial, ainda que à custa de uma conflagração nuclear – decidiu fazê-lo. Isso apesar do mandato da ONU não autorizá-lo a tanto. Ambos interpretaram a retirada norte-coreana como a ruína total do



As valas onde se amontoavam os corpos das vítimas do massacre imposto pela polícia de Syngman Rhee.

exército norte-coreano e avaliaram a ameaça chinesa como um blefe. Do alto da sua prepotência, MacArthur afirmou que os comunistas chineses “não dispõem de cobertura aérea; se tentarem a travessia com tropas terrestres vai ser a maior das carnificinas. Serão aniquilados.”³⁶

Assim, os mesmos que “indignados” haviam acusado a Coreia do Norte de ter cruzado o paralelo 38 – fazendo com que o Conselho de Segurança da ONU a condenasse por isso – agora afirmavam que o paralelo 38 era uma “mera linha imaginária” e que o objetivo da ONU era a reunificação da Coreia sob o governo de Syngman Rhee. “Em outras palavras, o paralelo que cortava em duas a Coreia era um limite internacionalmente reconhecido se os cruzassem os coreanos, mas não o era se o cruzassem os estadunidenses.”³⁷

Para a sua expedição ao Norte, MacArthur reuniu um corpo expedicionário de mais de 300 mil norte-americanos armados até os dentes, aos quais se somavam centenas de milhares de sul-coreanos e soldados de outros 15 países aliados. Em 2 de outubro, MacArthur apresentou um ultimato à Coreia do Norte: sua única alternativa era a capitulação incondicional.

A invasão da Coreia do Norte pelos EUA

Em 9 de outubro, o 8º Exército dos Estados Unidos e seus aliados cruzaram o paralelo 38, ingressando na Coreia do Norte. Ao início, encontraram forte resistência. Logo, porém, a resistência cessou, como que por milagre, e as tropas invasoras penetraram profundamente no país, ocupando em 17 de outubro Pyongyang, parcialmente abandonada. Já as tropas que haviam desembarcado em Inchon contornaram a península, em seus mais de 200 barcos, e ocuparam Wonsan, a Leste, em 25 de outubro.



Tropas americanas cruzam o Paralelo 38.

36 FRIEDRICH, idem, p. 259.
37 CUMINGS, idem, p. 309.

O rastro de sangue e de destruição que foi sendo deixado pelas tropas norte-americanas pode ser aquilatoado pela ordem expedida pelo General Walker, comandante do 8º Exército, ao iniciar o seu avanço: “Os soldados das forças das Nações Unidas não deixem tremer suas mãos ainda quando diante deles apareçam crianças e velhos. Matem-os! Fazendo isso vocês estarão salvando-se de uma catástrofe e cumprindo o seu dever como soldados das forças das Nações Unidas.”

Em Pyongyang, as atrocidades contra civis, crianças, mulheres e idosos ultrapassaram todos os limites, sendo que as autoridades sul-coreanas informaram que já haviam detido 55.909 “malignos colaboracionistas vermelhos e traidores”, logo assassinados. Mas, as forças dos EUA e da ONU não eram alheias e essas atrocidades. Tanto que o *Guerilla Operations Outline*, editado pela 8240ª Unidade Armada (United Nations Partisan Force), em seu parágrafo 18, “Assassination”, determinava: “Os principais alvos de assassinato são líderes comunistas coreanos. Líderes comunistas ou do Partido dos Trabalhadores norte-coreano que não cooperam com as nossas forças armadas são mortos. A morte dos líderes comunistas por ordem de importância reduz a ambição dos subordinados. Têm prioridade as táticas terroristas que chamem atenção para o alto índice de mortalidade das lideranças inimigas.”³⁸

MacArthur anunciou “triumfos espetaculares e prometeu aos soldados que no Natal já estariam em casa. O Comando Supremo das Potências Aliadas declarou que a guerra havia acabado. O *New York Times* informou que o conflito estava chegando ao seu final e todos falavam de uma “derrota acachapante da Coreia do Norte”.

A realidade, porém era outra. Conforme comentou um oficial do Exército Popular da Coreia: “É possível pensar que ter seguido todo o caminho até o perímetro de Pusan, para logo retirar-se completamente até o Rio Yalu constitua uma derrota total. Mas não é assim. Nós retrocedemos porque sabíamos que as tropas da ONU nos seguiriam até bem ao Norte, estendendo e enfraquecendo suas linhas por esta vasta região. Chegou, então, o momento de que envolvamos essas tropas e as aniquilemos.”³⁹

Como se viu posteriormente, as tropas da ONU passariam a ser atacadas tanto pela frente, quanto pela retaguarda, onde haviam sido deixadas tropas com o objetivo de envolvê-las. Simultaneamente “voluntários” chineses começaram a ingressar na Coreia, cruzando à noite o Rio Yalu e burlando a vigilância norte-americana. Logo, essas forças se uniram nas montanhas às tropas norte-coreanas reagrupadas, preparando o contra-ataque.

Embragados pelo avanço fácil, os estadunidenses nada perceberam. “Em 22 de outubro, os assessores do GMAC informaram que no Norte só existiam focos isolados de resistência; o EPC já não era capaz de ‘uma defesa organizada’. Em um lapso de uns poucos dias, porém, ‘tropas coreanas frescas e com equipa-



Voluntários chineses após cruzarem o Rio Yalu.

38 FRIEDRICH, idem, p. 263.
39 CUMINGS, idem, p. 311.

mento novo' golpearam duramente as linhas de frente da ONU, contando com tanques e apoio aéreo; as unidades do ERdC recuaram, em total confusão. Em 26 de outubro, unidades combinadas chino-coreanas baixaram com estrondo desde as montanha de Unsan (...) golpeando seriamente as forças estadunidenses; esse mesmo dia, os ataques do EPC destruíram o 2º Corpo de Exército da ERdC, debilitando assim o flanco direito do 8º Corpo de Exército. (...) esses ataques geraram o 'completo colapso e a desintegração' do 2º Corpo".⁴⁰ Mas, logo o inimigo sumiu e a calma voltou aos campos de batalha.

No início de novembro, os EUA iniciaram o bombardeio das pontes sobre o Rio Yalu, na fronteira com a China, na tentativa de impedir a infiltração e tropas, armamentos e mantimentos para a Coréia do Norte.

A demolidora contra-ofensiva chino-coreana

Em 16 de novembro, o comandante das forças chinesas "voluntárias", Pen Dehuai, difundiu a notícia que suas forças, atemorizadas, iriam retirar-se. Presunçoso, MacArthur lançou, em 25 de novembro, a ofensiva "Home by Christmas" (Em casa no Natal!), por ele considerada o golpe de misericórdia contra os norte-coreanos. A ofensiva de duas colunas – uma pelo Leste e outra pelo Oeste, "para cercar e aniquilar o inimigo" – progrediu sem dificuldades durante três dias, mas a partir do dia 27, as "tropas da ONU" passaram a sofrer terríveis ataques que aniquilaram grandes contingentes de tropas. As forças estadunidenses foram perseguidas desde a represa de Changjin, o 2º Corpo do ERdC colapsou novamente e iniciou-se uma retirada geral à custa de enormes perdas: "As duas alas dos exércitos das Nações Unidas foram isoladas uma da outra (...) haviam começado a autêntica sangria e a destruição. As dizimadas forças das Nações Unidas enquanto se deslocavam para o Sul (...) realizaram uma retirada de 'terra queimada' deixando a milhões de coreanos sem lar e famintos."⁴¹ Enquanto isso, por todos os lados e pela retaguarda, fortes forças guerrilheiras sangravam os exércitos aliados em retirada: "em 6 de dezembro, as forças comunistas tomaram Pyongyang e no dia seguinte a frente aliada estava em seu ponto mais setentrional, a somente 32 quilômetros ao norte do paralelo. A ofensiva combinada chino-coreana limpou a Coréia do Norte de forças inimigas em pouco mais de duas semanas."⁴²



Ataque a uma das pontes do Rio Yalu.



Artilharia norte-coreana.

40 Idem, p. 317.

41 HOROWITZ, Idem, p. 149.

42 CUMINGS, idem, p. 318.

No dia 15 de dezembro, as "tropas da ONU" cruzaram de volta o paralelo 38 e continuaram suas desabalada carreira para o sul.

Em retaliação, a força aérea estadunidense "bombardeou Pyongyang, entre 14 e 15 de dezembro, com 700 bombas de 500 libras, caças Mustang arrojando napalm e 175 toneladas de bombas de demolição de ação retardada, que caem dando um golpe seco e logo explodem em momentos estranhos, quando as pessoas tentam escapar da morte sob o fogo do napalm. Ridgway ordenou o bombardeio de Pyongyang 'com o objetivo de queimar a cidade até os cimentos com bombas incendiárias.'" ⁴³ A cidade foi totalmente destruída.

Na noite do Ano Novo, as tropas chino-coreanas cruzaram o paralelo 38, avançando rapidamente 15 quilômetros, causando pesadas perdas aos EUA e seus aliados: "O VIII Exército, com seu equipamento pesado, via-se praticamente barrado pelas pontes de Pukhan. Para Washington, os cem mil norte-americanos cercados, um terço das forças, possivelmente transformariam o horror em um ato de desespero. (...) Às três horas, ordenou a retirada total e a evacuação de Seul (...) Na tarde seguinte [4 de janeiro] duas divisões dos Voluntários do Povo e a 1ª Divisão norte-coreana entraram na cidade. (...) Com isso se encerrava a terceira fase da ofensiva, que forçara as tropas norte-americanas da ONU a recuar 120 quilômetros na direção sul". ⁴⁴ "Em janeiro, os chineses, buscando de forma evidente limitar a sua ação, permitiram que a ofensiva decresse." ⁴⁵

A mesma tática de terra arrasada foi aplicada contra Kanggye, Uijongbu, Wonju e centenas de aldeias. Em 18 de janeiro, ao voar sobre a região de Tanyang, o General Barr constatou: "a fumaça das aldeias e as choças em chamas enchem os vales (...) não se pode entender porque as tropas dos EEUU queimam as moradias quando o inimigo não está presente (...) os incêndios sistemáticos que se aplicam aos pobres camponeses quando o inimigo não está ali, vão contra o abastecimento em grãos para os próprios soldados estadunidenses. Dadas as casas em chamas, estimamos uma cifra de 8.000 refugiados e esperamos mais. Os refugiados são em sua maioria os velhos, os aleijados e as crianças." E George Barret, do New York Times, ao visitar uma aldeia atacada, relatou: "Os habitantes ao longo da aldeia e nos campos circundantes foram atingidos e assassinados pelo napalm, conservando as posturas exatas que tinham quando se produziu o ataque incendiário – um homem a ponto de montar sua bicicleta, 50 meninos e meninas jogando em um orfanato, uma dona de casa surpreendentemente sem ferimentos, tendo nas mãos uma página enrugada de um catálogo da Sears-Roebuck".⁴⁶



Os Mig-15s chineses deram suporte à ofensiva das forças chino-coreanas.

43 Idem, p. 325.

44 FRIEDRICH, idem, p. 334.

45 HOROWITZ, Idem, p. 149.

46 Idem, p. 324-326.

Apesar de seus métodos bárbaros, os norte-americanos sofreram uma humilhante derrota: “VIII Exército desfez-se ao longo do caminho. Até mesmo as unidades que não sofriam ameaça abandonaram seus equipamentos e fugiram, tentando evitar um cerco. (...) Desde a derrota da França, em maio de 1940, não se tinha conhecimento de tamanho fracasso. A incrível visão de todo um exército norte-americano abandonando armas e feridos no campo de batalha, para salvar a própria pele traduzia o ardente desejo de deixar o país pela via mais rápida. (...) Em dez dias o VIII Exército recuou 180 quilômetros. (...) No dia 15 de dezembro, atravessaram o paralelo 18 em direção ao sul. Em 7 de janeiro, (...) o cabo James Cardinal (...) escreveu a seus pais, em Nova York (...): ‘Está parecendo o princípio do fim. Os chineses meteram o pé no traseiro do exército dos EUA, e eu penso que vamos cair fora. (...) pensem no fato de que todo soldado aqui está sentindo o mesmo’.”⁴⁷

Ressaltando o papel – tantas vezes ignorado – dos norte-coreanos nessa contra-ofensiva, Cumings comenta: “o efeito de shock que causou a intervenção chinesa foi o elemento decisivo no desmantelamento do contra-ataque estadunidense na Coréia do Norte. Mas a contribuição coreana a esse resultado também foi importante, tanto na estratégia como no poder militar e é usualmente subestimada na literatura sobre o tema. (...) MacArthur (...) não só ignorou a palpável ameaça chinesa; foi, ainda, amplamente superado como estrategista pelos generais do EPC”.⁴⁸

Derrotados, os EUA ameaçam com a guerra nuclear

Em fins de 1950, o pânico tomou conta das altas esferas do governo norte-americano, que passou a trabalhar com a hipótese de utilizar o seu arsenal nuclear, mesmo que ao custo da eclosão de uma terceira guerra mundial. Em 30 de novembro, em coletiva de imprensa amplamente divulgada, o Presidente Truman, traumatizado pelas perdas diárias de suas tropas – 11 mil homens naquele dia e no dia seguinte –, afirmou que os EUA estavam dispostos a utilizar qualquer arma do seu arsenal, em uma alusão explícita ao seu arsenal nuclear. Em dezembro as perdas norte-americanas se mantiveram e no dia 3 o General Bradley cogitou da evacuação de suas tropas da Coréia.



Aldeia dizimada por bombas norte-americanas.



Tanque Sherman norte-americano lançando napalm sobre uma aldeia norte-coreana.

47 FRIEDRICH, idem, pp. 287-290.

48 CUMINGS, idem, p. 319.

No dia 9 de dezembro, MacArthur solicitou 26 bombas atômicas para serem usadas na Coréia. Na noite de Natal, Mac Arthur enviou a Washington uma lista contendo 24 alvos nucleares, entre os quais Xangai, então com três milhões de habitantes. Em entrevista publicada posteriormente, MacArthur afirmou que tinha um plano para ganhar a guerra em dez dias: “teria lançado entre 30 e 50 bombas atômicas (...) ao redor do pescoço da Manchúria” e “espalharia detrás de nós – desde o Mar do Japão até o Mar Amarelo – um cinturão de cobalto radioativo, com uma vida ativa entre 60 e 120 anos.” Diga-se, de passagem, que o cobalto 60 tem uma radioatividade 320 vezes maior que o rádio.

Segundo Bruce Cumings, “a crise de dezembro levou também à utilização, ou à ameaça de utilização, do que Washington denominava como ‘armas de destruição massiva’: atômicas, químicas e biológicas.”⁴⁹ Em abril de 1951, Leavenworth escreveu na Revista Militar, órgão do Comando do Exército Norte-americano que “os micróbios devem ser cultivados e é necessário possuir grandes quantidades dos mesmos, prontas a serem utilizadas (...) a enfermidade produzida deve ser a mais difícil possível de diagnosticar, deve ser difícil de determinar-se a origem (...) e o germen não deve ser suscetível de nenhuma terapêutica química especial”. Em setembro do mesmo ano, o U.S. News and World Report informou que “novas armas serão utilizadas. (...) fala-se no Congresso de que novas armas não atômicas, de forma ‘fantástica’ estariam disponíveis para serem utilizadas na Coréia.” Em seguida surgiram as denúncias do uso de armas químicas e bacteriológicas pelos norte-americanos contra a população-coreana: “foram coletadas centenas de provas do emprego de armas microbianas pelos americanos na Coréia, e muitas delas pela Comissão Internacional de Juristas Democratas, de que fiz parte. (...) desde o paralelo 38 até quase o Rio Yalu, os americanos lançaram micróbios de terríveis moléstias como a peste, o cólera, o tifo, a encefalite, etc. (...) A guerra química também foi utilizada pelos agressores ianques. (...) A Comissão de Juristas examinou os resultados da autópsia das vítimas.”⁵⁰



Bomba de napalm sobre Hanchon.

Em 11 de abril, MacArthur foi demitido por divergências com Truman, sendo substituído pelo General Ridgway. Os primeiros dias de abril de 1951 foram os dias em que os Estados Unidos estiveram mais perto de utilizar armas atômicas; foram paradoxalmente, os dias em que Truman destituiu MacArthur. Ridgway solicitou, em maio de 1951, 38 bombas atômicas, mas o seu pedido não foi acatado pelo Alto Comando, em parte por pressão dos aliados europeus, que temiam uma retaliação nuclear soviética na Europa.

Truman chegou a autorizar um ataque atômico, em determinadas circunstâncias: “em fins de maio já estavam operativas as plataformas de lançamento da bomba atômica dispostas na base aérea de Cadena, em Okinawa; as bombas foram levadas para lá desmontadas,

49 Idem, p. 320.

50 BRITTO, Letelba R. de. Um brasileiro na Coréia, Rio de Janeiro, 1952, p. 16; p. 20; pp. 102-105.

sendo armadas na base – faltando-lhes somente o núcleo atômico vital. Em 5 de abril, o EMC [Estado Maior Conjunto] ordenou uma represália nuclear imediata contra as bases manchurianas se grande número de tropas novas ingressassem no conflito ou, aparentemente, se fossem lançados desde aí bombardeiros contra as possessões estadunidenses. (...) O Presidente firmou ainda uma ordem que autorizava o uso das ogivas contra objetivos chineses e norte-coreanos.”⁵¹

As negociações para por fim à guerra e novas ameaças nucleares

A partir de fins de maio de 1951, porém, a frente estabilizou-se em torno do paralelo 38, com ofensivas alternadas de ambos os lados, sempre com pesadas perdas. Por um lado, os chineses e norte-coreanos – cientes dos riscos de uma escalada nuclear norte-americana – julgavam ter atingido seu principal objetivo: infligir uma humilhante derrota aos norte-americanos, acabando com sua áurea de invencibilidade, e forçá-los a retornar ao sul do paralelo 38. Objetivos maiores exigiriam forças superiores às que dispunham. Já os norte-americanos – ressabiados do enfrentamento com as tropas chinesas e norte-coreanas – se deram conta que só atacando frontalmente a China e a Rússia – o que levaria à terceira guerra mundial – poderiam vencer a guerra na Coreia.

Cresceram, então, interna e externamente, as pressões pelo encerramento da guerra. Em 30 de junho de 1951, o General Matthew Ridgway – “Comandante Geral das tropas da ONU” – propôs a abertura de negociações para estabelecer um armistício. Após 718 reuniões e quase dois anos de tratativas, finalmente as negociações chegaram a um entendimento, levando ao armistício. Diante das resistências de Syngman Rhee em aceitar o armistício, “Washington ofereceu-lhe uma ajuda no valor de 200 milhões de dólares e o equipamento de 20 divisões, além de apoio militar na eventualidade de um ‘caso claro de agressão’. E também o retorno os velhos tempos. Rhee disse que não assinaria o armistício, mas o respeitaria.”⁵²

Antes, porém, o impasse nas negociações colocou de novo o mundo à beira de uma guerra atômica. Em outubro de 1952, Mark Clark, sucessor de MacArthur e de Ridgway solicitou a Washington “que sejam feitos planos para o uso de armas atômicas” Em 2 de fevereiro de 1953, Eisenhower, em seu discurso sobre a situação nacional, “mencionou a possibilidade de empregar armas nucleares contra a China” Em 25 de maio de 1953, os EUA exigiram que a China concordasse com o armistício, “caso contrário os B-29 de Le May plantariam o cogumelo atômico em Xangai, Nanquim, Beijing e Shenyang. (...) Na primavera de 1953, (...) uma nova carga de ogivas atômicas foi levada em



B-29 estacionado na base de Okinawa, pronto para despejar bombas nucleares sobre solo norte-coreano.

51 CUMINGS, idem, pp. 322-323.

52 FRIEDRICH, idem, p. 423.

um navio para Okinawa; desta feita, segundo os fidedignos depoimentos de Eisenhower e Dulles, não como um blefe. (...) Em manifestações públicas e conversas privadas, ele e Dulles haviam dito que encaravam as bombas atômicas como ‘uma parte normal do arsenal de guerra’ (...) Seu governo, disse o presidente, considerava ‘essas armas convencionais’. (...) ‘De uma maneira ou outra, o tabu que cerca o uso de armas atômicas teria que ser destruído’.”⁵³

Previendo o eventual fracasso das negociações de armistício, Eisenhower e o alto comando norte-americano aprovaram a *National Security Council Action N° 794*, que determinava, nesse caso, o “uso extensivo, estratégico e tático de bombas atômicas contra a Manchúria e toda a China. (...) O alvo do ataque era a China e o objetivo a ser atacado era a totalidade da sua população urbana, a razão de ser de uma arma nuclear.”⁵⁴

Esses quase dois anos de intermináveis tratativas – durante as quais os Estados Unidos tentaram reverter sua derrota na Coreia através de inúmeras ofensivas fracassadas – foram responsáveis por 45% das perdas norte-americanas. Nesse período, os EUA adotaram uma estratégia de terra arrasada e de destruição da Coreia, ‘batizando a sua nova política coreana com o nome de ‘Operação Assassino’, carniceria sem fim e sem objetivos que, como escreveu Pearl Buck, ‘nos fez perder o que sempre deveríamos ter conservado: o afeto dos asiáticos’.”⁵⁵

Ao contrário disso, os comandantes estadunidense jactavam-se de que nem em cem anos o povo coreano levantaria de novo a cabeça. “Os combates aéreos (...) mataram a milhões de pessoas antes que a guerra concluísse (...) destruindo desde o ar ‘toda fábrica, cidade ou aldeia’ ao longo de milhares de quilômetros quadrados de território norte-coreano. (...) Para 1952, quase todo o centro e norte da Coreia haviam sido arrasados. O que restava de população tinha que viver em covas (...) como ato final de sua bárbara guerra aérea, bombardearam grandes represas que irrigavam água para 75% da produção de alimentos do Norte. (...) A força aérea estava orgulhosa da destruição que havia gerado: ‘a corrente resultante inundou 43 km de vale curso abaixo e o caudal de águas inundadas varreu [rotas de abastecimento, etc.] (...) O cidadão ocidental dificilmente consegue conceber a incrível importância que a perda [do arroz] tem para a fome e a morte lenta dos asiáticos.’ (...) Quando a guerra finalmente concluiu, em 27 de julho de 1953, o Norte havia sido devastado por três anos de bombardeios que dificilmente deixaram um edifício moderno em pé. Ambas Coreias haviam presenciado um virtual holocausto que arrasou seu país”.⁵⁶

O Chefe do Estado Maior da Aeronáutica dos EUA, Curtis LeMay gabava-se: “Incendiamos cada cidade da Coreia do Norte, de qualquer modo, e algumas da Coreia do Sul também. (...)”



Ataques aéreos norte-americanos arrasaram cidades como Taesong.

53 Idem, pp. 413-414; p. 421; p. 436.

54 Idem, p. 443.

55 Horowitz, idem, p. 151.

56 CUMINGS, idem, pp. 324-329.

Durante um período de mais ou menos três anos, matamos 20% da população da Coreia como baixa direta da guerra ou de fome e exposição às intempéries.” No seu desvario genocida, LeMay escreveu em 3 de agosto de 1952 a Vandenberg, “dizendo que, em abril, sua capacidade para bombardear a Rússia em seis dias havia aumentado de 140 para 146 bombas atômicas. (...) 'isso vai virar uma guerra total. Isso significa que Moscou, São Petersburgo, Mukden, Vladivostok, Beijing, Xangai, Port Arthur, Darien, Odessa, Stalingrado (...) serão eliminadas!’”⁵⁷

Impotentes para derrotar a pequenina Coreia, os EUA vingavam-se transformando a guerra em um genocídio contra o povo coreano e preparando um ataque atômico não provocado à China e à URSS, o que daria início à III Guerra Mundial e ao holocausto nuclear. E ainda há gente que acredita que é a Coreia do Norte – e não os EUA – quem ameaça a humanidade com a deflagração de uma hecatombe nuclear.

A assinatura do Armistício de Panmunjon

Apesar dos delírios dos militaristas estadunidenses, finalmente chegou-se a um acordo para a pacificação da península coreana. Envergonhados por sua incapacidade em vencer a República Popular Democrática da Coreia, os norte-americanos queriam que a assinatura do armistício – marcada para 27 de julho de 1953, na localidade de Panmunjon, na Coreia do Norte – ocorresse da forma mais discreta possível. Mas os norte-coreanos não aceitaram isso e construíram, em tempo recorde, um amplo pavilhão especialmente para a cerimônia de assinatura do armistício. Um comando armado dos Estados Unidos ainda tentou derrubar o prédio na madrugada que antecedeu a assinatura do acordo, mas foi impedido pelos soldados norte-coreanos.

O general norte-americano Mark Clark, que assinou o armistício, diria amargurado: *“Eu ganhei a nada invejável distinção de ser o primeiro Comandante do Exército dos Estados Unidos a assinar um acordo de armistício sem vitória”.*

O armistício assinado estabeleceu uma linha demarcatória de em torno de 250 quilômetros – que atravessa o país de leste a oeste, seguindo um trajeto próximo ao paralelo 38 –, em torno da qual se estende uma área desmilitarizada, de 2 km em cada lado, na qual é proibida a existência de armas automáticas ou de alto poder de fogo.

As perdas dos Estados Unidos e de seus aliados, nos três anos de guerra, foram de 1.567.128 soldados mortos, feridos ou capturados (dos quais 405.498 norte-americanos); 12.224 aviões derrubados ou capturados; 564 navios de guerra afundados ou capturados (inclusive o cruzador pesado Baltimore); 3.255 tanques e veículos blindados destruídos ou capturados; 13.350 carros, 7.695 armamentos de diferentes tipos e 925.152 pequenas armas destruídas ou capturadas.

Referindo-se a isso, o General Omar Bradley, Chefe do Estado Maior do Exército dos Estados Unidos, desabafou: *“Falando francamente, a Guerra da Coreia foi uma grande catástrofe militar, foi uma guerra errada, realizada no local errado, no momento errado e contra o inimigo errado.”*

57 FRIEDRICH, idem, p. 467.

A árdua reconstrução da RPDC sob a ameaça permanente dos EUA

Após três anos de guerra – durante os quais os EUA submeteram a RPDC a um bombardeio genocida por ar, terra e mar – o país havia sido completamente destruído e precisava recomeçar a partir do zero. A evacuação do Sul pelas tropas norte-americanas, a não introdução de novas armas e a reunificação pacífica da Coreia por meio de eleições gerais – previstas no armistício – jamais aconteceram, mas as Nações Unidas não tomaram qualquer medida para exigir que os EUA cumprissem com o acordado



Os mísseis Honest John instalados na Coreia do Sul pelo governo norte-americano.

O armistício mostrou não significar qualquer garantia sólida de paz e de não agressão atômica contra a RPDC por parte dos EUA: *“Depois que finalizou a Guerra da Coreia, os Estados Unidos introduziram armas nucleares na Coreia do Sul, apesar do acordo do armistício, que proibia a introdução de armamento novo enquanto ao seu tipo. (...) Syngman Rhee (...) com frequência ameaçava reabrir a guerra.”* Em agosto de 1957, Eisenhower aprovou a NSC 5702/2, permitindo um *“apoio estadunidense a uma iniciativa unilateral da RdC em resposta a uma rebelião de massas ao estilo húngaro na Coreia do Norte. (...) Rhee não diminuiu a sua defesa do uso de bombas de hidrogênio quando fizesse falta; sobressaltou inclusive seus partidários republicanos quando defendeu o seu uso em um discurso dirigido ao Congresso, em 1954. (...) Em janeiro de 1958, os Estados Unidos colocaram canhões nucleares de 280 mm e mísseis nucleares tipo 'Honest John' na Coreia do Sul e um ano mais tarde a força aérea 'estacionou permanentemente um esquadrão de mísseis cruzeiro tipo Matador na Coreia'. Com um alcance de 1.100 quilômetros, os Matador foram dirigidos à China e à URSS, assim como também à Coreia do Norte.”*⁵⁸

É nesse quadro de grave ameaça externa que a RPDC teve que trilhar o árduo caminho da sua reconstrução. Isso a obrigou a despender importantes recursos – de que tanto necessitava para sua reconstrução pacífica – em ações de defesa. Na 6ª Sessão plenária do Comitê Central do Partido do Trabalho da Coreia, realizada em 5 de agosto de 1953, logo após a assinatura do armistício, o Presidente Kim Il Sung afirmou: *“Na construção econômica do pós-guerra devemos seguir a orientação de assegurar preferentemente o restabelecimento e o desenvolvimento da indústria pesada e, ao mesmo tempo, desenvolver a indústria leve e a agricultura.”*⁵⁹

No decorrer do Plano Trienal (1954-1956), consagrado essencialmente à retomada da economia, a produção de meios de produção aumentou a uma média anual de 59% e a de bens de consumo a uma média anual de 28%, ultrapassando em 1,7 vezes e 2,1 vezes, respectivamente, o nível de produção de 1949, ano que antecedeu a guerra.

58 CUMINGS, Idem, pp. 545-548.

59 Informe al 6º Pleno del Comité Central del Partido del Trabajo de Corea, 05.08.53. In: KIM IL SUNG. La Construcción del Socialismo. Buenos Aires, 1973, p. 60.

Já o 1º Plano Quinquenal (1957-1961) – cumprido em apenas quatro anos –, teve por objetivo lançar as bases do socialismo. O nível de destruição na agricultura, na indústria, no comércio e no artesanato havia sido tal que as diferenças de classes e de posses haviam sido praticamente eliminadas e estavam a exigir esforços conjuntos para garantir a sobrevivência de todos. Isso favoreceu uma rápida socialização dos meios de produção – tanto no campo como na cidade –, o que foi realizado de maneira voluntária, sem o uso da coerção, através do exemplo e da comprovação das vantagens do trabalho coletivo sobre o individual.

A reconstrução na agricultura

A socialização da agricultura começou por uma fase experimental, quando foram criadas algumas cooperativas por circunscrição, englobando camponeses pobres e membros do Partido. Muito rapidamente, apesar da ausência de maquinário agrícola⁶⁰, a exploração cooperativa – que se beneficiava do auxílio do Estado – mostrou a sua superioridade sobre a pequena propriedade parcelar. A partir daí ela generalizou-se, atingindo 80,9% em 1956, 95,6% em 1957 e 100% em 1958. Aos “grandes proprietários” (que na Coreia não eram tão grandes) foi permitido se manterem trabalhando a terra, em províncias adjacentes, onde lhes foi concedida a mesma quantidade de terra que aos demais agricultores.

As cooperativas criadas foram inicialmente de três tipos, respeitando as particularidades locais e o nível de consciência dos camponeses: 1) As cooperativas elementares eram formadas por uma equipe de cooperação de trabalho, onde os camponeses cultivavam em comum suas terras individuais, com seus próprios meios de trabalho e a retribuição era segundo a terra, os meios de produção e o trabalho fornecidos; 2) Nas cooperativas semi-socialistas, as terras eram postas em comum e exploradas coletivamente, com retribuição segundo o trabalho realizado e a quantidade de terra aportada por cada um; 3) Nas cooperativas plenamente socialistas, as terras e os principais meios de produção eram tidos em comum e a retribuição de cada um era proporcional ao trabalho realizado. Rapidamente o conjunto das cooperativas evoluiu para o terceiro tipo. Cada família camponesa teve direito a conservar uma pequena parcela para uso individual, com alguns porcos, aves e pequenos animais. O produto excedente dessas parcelas individuais pode ser livremente vendido no mercado.

Em 1958, uma vez concluída essa primeira etapa, foi realizado um reagrupamento das cooperativas por circunscrição administrativa, cada uma passando a ter uma média de 275 agregados (3.843 cooperativas com 1.055.000 camponeses, em 1958). Em 1960, as cooperativas exploravam 84% das superfícies cultivadas, contra 16% das 1.609 granjas estatais, das



Fazenda cooperativa Migok, em Sariwon.

60 “A nossa experiência mostrou que a cooperativização agrícola é perfeitamente possível, mesmo nas condições em que não existem praticamente máquinas agrícolas modernas (...) a exploração cooperativa assim organizada é, apesar disso, decisivamente superior à economia individual” (KIM IL SUNG. Sur l’édification socialiste. In: SURET-CANALE, J e VIDAL, J.E. A República Popular Democrática da Coreia. Lisboa, 1977, p. 43).

quais 39 eram geridas centralmente e 130 eram geridas por comitês populares regionais. Com esse reagrupamento, a área média de terras cultivadas por cada cooperativa passou de 130 para 500 hectares: “O reagrupamento das cooperativas permitiu utilizar racionalmente os meios de produção, desenvolver a revolução técnica, melhorar a utilização da mão-de-obra e diversificar a economia cooperativa. Além disso, uniu estreitamente as unidades de produção com a administração e submeteu a um controle único a produção, o comércio e o crédito”.⁶¹

Tendo em conta que dos 12,8 milhões de hectares do Norte da Coreia, somente 2 milhões são de terras aráveis, foi feito um enorme esforço para ampliar as superfícies cultivadas, seja pelo ordenamento das planícies e montanhas (através de plataformas nas encostas íngremes), seja pela recuperação das terras salinas no litoral, o que exigiu um grande investimento em trabalho. Ao mesmo tempo, nos setores montanhosos foram incrementadas as culturas arbustivas – especialmente frutíferas – e o reflorestamento.

A partir de 1958, os principais esforços para ampliar a produção se voltaram para a implementação da **revolução técnica**: “Sem transformar a atrasada técnica da agricultura é impossível mostrar no plano geral a superioridade da exploração cooperativa e desenvolver mais as forças produtivas da agricultura. À medida que se concluía a cooperativização da agricultura, o nosso Partido preparou-se imediatamente, sem perda de um instante, para a modernização técnica da economia rural.”⁶²

O primeiro elemento dessa revolução técnica foi a expansão da **irrigação**. Para isso, o sistema de canais foi renovado e ampliado, de forma que o conjunto dos arrozais e boa parte das áreas dedicadas a outras culturas – como o milho e a horticultura – passaram a contar com a irrigação mecânica: “Em 1967, contavam-se 39.726 km de canais de irrigação. Os trabalhos realizados substituíram os antigos sistemas de irrigação locais por vastos sistemas regionais. (...) A superfície de arrozais irrigados passou de 387.900 djeungbos⁶³, em 1946, para 509.698, em 1960, e para 700.000, em 1970.”⁶⁴

A **eletrificação** foi o segundo aspecto dessa revolução técnica, sendo que em 1967 já havia alcançado a 98,2% das circunscrições administrativas e a 86,1% das famílias camponesas. A título de comparação, lembremos que só muito recentemente – com o Programa “Luz para Todos” de Lula – a energia elétrica chegou para a maioria dos trabalhadores rurais brasileiros.

O terceiro aspecto da revolução técnica foi a **mecanização** da agricultura. Em um primeiro momento – tendo em vista que o parque fabril encontrava-se destruído – a ênfase foi para o aperfeiçoamento do material aratório manual e de tração animal.



Sistema de canais de irrigação na região de Hoemun-ri.

61 HONG SEUNG EUN. Le Développement Economique de la République Populaire Démocratique de Corée. Pyongyang, 1990, pp. 38-39.

62 KIM IL SUNG. Rapport d’activité Du Comité Central. In: SURET-CANALE, J. e VIDAL, J.E., idem, p. 43.

63 Cada djeungbo equivale a aproximadamente 1 Hectare.

64 SURET-CANALE, J. e VIDAL, J.E., idem, p.50.

Será somente a partir de 1960, com a recuperação industrial, que a mecanização da agricultura passará a jogar papel. Assim, o número de tratores passou de 372, em 1953, para 6.313 em 1960, ultrapassando os 20 mil em 1970, fazendo com que a totalidade dos arrozais de planície passasse a ser trabalhada com tratores e que a totalidade da debulha fosse mecanizada.

Por fim, a **quimização** – isto é, o uso generalizado de adubos químicos, herbicidas e inseticidas – foi o quarto elemento da revolução técnica na agricultura. O uso médio de adubos químicos por hectare saltou de 13 quilos, em 1949, para 160 quilos em 1960 e 510 quilos em 1970, eliminando na quase totalidade o uso de excrementos animais como adubo.

Em 1960, os cereais ocupavam 82,4% das áreas semeadas (sendo 18,1% de arroz e 28,3% de milho); os legumes e as forragens 13,4%; e as plantas industriais 4,2%. Pode-se considerar que em meados da década de 1970 a revolução técnica da agricultura havia sido concluída no seu essencial e o país podia considerar cobertas as suas necessidades básicas de alimentação, com destaque para o arroz, o milho, a batata, leguminosas e hortifrutigranjeiros. O desenvolvimento forrageiro e, em consequência, da pecuária ainda sofriam importantes atrasos.

O imposto em espécie, que em 1945 havia sido de 25%, caiu em 1959 para 8,4%, sendo totalmente suprimido em 1966. Houve uma melhoria considerável do nível de vida dos camponeses e o Estado assumiu a responsabilidade da reconstrução das habitações rurais, de qualidade equivalente às moradias urbanas.

A reconstrução da indústria

O Plano Trienal (1954-1956) e o Plano Quinquenal (1957-1961) puseram ênfase na reconstrução e desenvolvimento da indústria pesada (energia elétrica, siderurgia, indústria mecânica, produtos químicos, etc.), colocando a produção de bens de consumo em segundo plano. Nessa empreitada, a RPDC contou com o apoio da URSS e da China, ainda que nem de longe próxima do que o Sul recebeu dos Estados Unidos e do Japão. Isso fez com que a indústria da RPDC crescesse a uma taxa média anual de 41,7% durante o Plano Trienal e de 36,6% durante o 1º Plano Quinquenal.

Em junho de 1958, cada circunscrição foi orientada a construir uma indústria de pequeno ou de médio porte, com os seus próprios recursos. Até o final de 1958, foram construídas mais de 1.000 empresas locais, mobilizando recursos e mão-de-obra ociosos, as quais já eram responsáveis, em 1960, pela metade da produção de bens de consumo do país. Em 1964 elas já eram mais de 2.000. Dessa forma, o Estado pode concentrar 82,6% dos seus investimentos na indústria pesada, contra 17,4% na indústria leve; apesar disso, a fabricação de bens de produção cresceu 3,6 vezes e a de bens de consumo cresceu 3,3 vezes. Além disso, as indústrias locais contribuíram muito para o desenvolvimento regional, aproximaram a agricultura da indústria e diminuíram progressivamente as disparidades entre a cidade e o campo.



Fábrica de máquinas em Huichon, instalada durante o plano quinquenal.

Ao mesmo tempo em que incentivava a emulação socialista – do que o movimento *Chollima* foi um claro exemplo – o Partido do Trabalho da Coreia nunca caiu na tentação “igualitarista” e sempre defendeu a retribuição de acordo com o trabalho aportado por cada um: “O impulso político e moral do trabalho sob o socialismo deve estar ligado ao estímulo material. A distribuição segundo a qualidade e a quantidade do trabalho é uma lei objetiva da sociedade socialista e é um potente meio contra aqueles que querem comer sem trabalhar, a expensas dos outros, e para estimular materialmente o ardor dos trabalhadores na produção.”⁶⁵

No período do 1º Plano Quinquenal, o desequilíbrio entre a indústria extrativa e a indústria de transformação foi superado, paralelamente à grande expansão da produção de máquinas e equipamentos: “a participação das construções mecânicas no valor global da produção industrial passou de 17,3% em 1956 para 21,3% em 1960 e a taxa de auto-suficiência nacional para os equipamentos mecânicos, de 46,5% a 90,6%, no mesmo período.”⁶⁶ Foram desenvolvidos novos ramos industriais e os que já existiam foram qualificados. A indústria metalúrgica foi diversificada e reequilibrada, reduzindo o excesso de fundição em relação à produção de aço; esta passou de 30%, antes da Libertação, para 70%, em 1960. A indústria química, restrita aos adubos, expandiu-se para a produção de matérias plásticas e produtos sintéticos. A indústria de bens de consumo ampliou enormemente a sua gama de produtos.

Em 1960, a produção industrial alcançou um volume 7,6 vezes maior que 1944. Em 1964, as indústrias mecânicas já eram responsáveis por 26% do total da produção industrial e a Coreia já supria quase 95% de suas necessidades em máquinas e equipamentos.

Os diversos Planos Setenais e Sexenais

O 1º Plano Setenal (1961-1967) projetou uma taxa anual de crescimento de 18%, mas o agravamento das tensões com os EUA e a suspensão da ajuda da URSS – devido ao apoio coreano à China, na disputa Sino-Soviética – fizeram com que o Plano fosse prorrogado por três anos, devido à necessidade da destinação de maiores recursos para a defesa nacional. Por essas razões, o crescimento da produção industrial limitou-se a 12,8% ao ano, entre 1961 e 1970, o que ainda é uma taxa extremamente elevada. Segundo Cumings, “nas duas décadas posteriores à Guerra da Coreia o crescimento do Norte deixou muito para trás o Sul, colocando medo no coração dos funcionários estadunidenses, os quais se perguntavam se Seul decolaria em algum momento.”⁶⁷



Planta de cimento em Nampo, implementada durante o Primeiro Plano Quinquenal.

65 KIM IL SUNG. Rapport d'activité du Comité Central. In: SURET-CANALE, J. e VIDAL, J.E., Idem, p. 45.

66 HONG SEUNG EUN, idem, p. 27.

67 CUMINGS, idem, p. 481.

Apesar de todos esses percalços, entre 1956 e 1970 o valor da produção industrial aumentou 11,6 vezes – sendo 13,3 vezes para os meios de produção e 9,3 vezes para os bens de consumo – e o peso da indústria no total da produção saltou para 75%, tornando a Coreia um país predominantemente industrial. Na geração de energia ocorreram importantes mudanças, aumentando a participação das centrais térmicas – alimentadas a carvão – em relação à geração hidroelétrica. Assim, a produção global de energia aumentou 70%, enquanto a geração térmica cresceu 11 vezes.

Diante da carência de coque metalúrgico na Coreia, foram desenvolvidos diferentes processos técnicos para produzir o aço sem o uso do coque (aço elétrico, ferro granulado, etc.). A indústria siderúrgica diversificou-se, elevando o percentual de aços especiais e produtos semi-acabados (laminados, tubos de aço, etc.). O país passou a ser grande produtor e exportador de tungstênio, molibdênio, cromo e níquel, entre outros, e desenvolveu a produção de metais não ferrosos como o cobre, chumbo, zinco e alumínio.

A indústria mecânica deu um enorme salto, passando a produzir navios, tratores, caminhões e outros veículos, locomotivas elétricas e a diesel, vagões, turbinas, transformadores, equipamentos elétricos e de transmissão, máquinas têxteis, prensas, máquinas para mineração, motores diesel, além de bens de consumo duráveis: *“o maior êxito registrado no estabelecimento da indústria pesada foi a criação da nossa própria indústria das construções mecânicas, que constitui o fundamento do desenvolvimento da economia nacional e do progresso técnico.”*⁶⁸

A indústria química também teve uma grande expansão. Além de uma refinaria, ampliou a produção de adubos nitrogenados, super-fosfatos, uréia, amoníaco, plásticos, álcool, metanol, ácido clorídrico, carbureto de cálcio, etc. Destaca-se, ainda, a produção de borracha – tanto natural quanto sintética – e de pneus. A indústria da construção passou a contar com diversas fábricas de cimento, vidro, madeira e pré-moldados para a produção moradias.

A indústria leve tem o seu ponto alto na indústria têxtil, incluindo a fiação, tecelagem, impressão e confecção. Ela trabalha o algodão, a lã, a seda e as fibras sintéticas, onde se destacam o Vinalon – criado com tecnologia puramente coreana, a partir de antracita e cal – e os têxteis celulósicos. Na indústria alimentar tem importância a indústria da pesca e das conservas a ela associadas.

Na área dos transportes, o esforço principal do plano setenal foi no sentido da eletrificação do sistema ferroviário (de 12% em 1960 para 55% em 1970) e a expansão da rede rodoviária para todas as aldeias do país.



Fábrica de Fertilizantes de Hamhung. A produção atual é de 500.000 toneladas de fertilizantes, e nela trabalham cerca de 7.000 pessoas.

68 KIM IL SUNG. Rapport d'activité..., idem, p. 87-88.

O 1º Plano Sexenal, iniciado em 1971, colocou a necessidade de fazer a produção ingressar em uma nova etapa: *“As três tarefas principais apontadas à revolução técnica pelo Plano Sexenal (...) são reveladoras da preocupação pelo homem que está no centro da política do Partido do Trabalho da Coreia e do governo: eliminar os trabalhos penosos, reduzir a diferença entre o trabalho na agricultura e na indústria, libertar as mulheres dos trabalhos domésticos.”*⁶⁹

O esforço para a eliminação dos trabalhos pesados ou nocivos à saúde levou a mais ampla mecanização e automatização da indústria e dos transportes, exigindo o rápido desenvolvimento da indústria eletrônica. Na agricultura, significou a ampliação da irrigação, o amplo uso de adubos químicos, a seleção de variedades cultiváveis, a eletrificação e a generalização da mecanização. Fruto disso, a produção de cereais alcançou 7 milhões de toneladas em 1974, 8 milhões em 1976, 9 milhões em 1979 e 10 milhões em 1984. A libertação das mulheres das tarefas domésticas ensejou o desenvolvimento da indústria de preparação prévia dos alimentos e a produção massiva de eletrodomésticos (refrigeradores, máquinas de lavar, marmitas elétricas, etc.).

Visando a atualização e a modernização tecnológica, a RPDC adquiriu durante o Plano Sexenal plantas industriais completas no campo socialista, no Japão e no Ocidente. Comparando o desenvolvimento do Norte e do Sul nesse período, o historiador norte-americano Bruce Cumings afirma em 1997: *“estudo da CIA, publicado em 1978, situa a renda per capita da RPDC no mesmo nível da RdC para 1976 e outro estudo estimou que as taxas de crescimento per capita do Sul e do Norte foram iguais até 1986. (...) A produção total de eletricidade, carvão, fertilizante, máquinas ferramenta e aço na Coreia do Norte era comparável ou maior aos totais da Coreia do Sul no início dos anos 80, devendo-se ter em conta que a população da RdC era o dobro da RPDC. (...) um crítico do rendimento econômico norte-coreano avaliou o seu crescimento industrial anual, entre 1978-1984, em 12,2%. (...) o nível de vida das massas na Coreia do Sul, ainda que ligeiramente melhores, não sobressaem sobre os níveis médios dos coreanos [do Norte]. (...) Engenheiros agrônomos da ONU constataram que o Norte utilizava sementes milagrosas de arroz em 1980 e que havia substituído o adubo humano (ainda amplamente utilizado no Sul a essa época) por fertilizantes químicos. (...) A moral da população é claramente melhor que na ex União Soviética e tanto as fábricas como as cidades dão uma imagem de eficiência e trabalho duro. (...) Nos anos 90, o consumo per capita de energia se estimava quase tão alto como no Sul, ainda que os consumidores da RdC utilizam muito mais energia que os do Norte, onde se aplica fundamentalmente à indústria”*⁷⁰



Planta metal-mecânica em Chongjin.

69 SURET-CANALE, J. e VIDAL, J.E., idem, p.10.
70 CUMINGS, idem, pp.481-483.

Fruto dessas medidas, “a produção industrial cresceu a uma média anual de 15,9%, de 1970 a 1979. No mesmo período, o valor global da produção industrial aumentou 3,8 vezes: 3,9 vezes pela produção de bens de produção, 3,7 vezes pela dos bens de consumo. (...) A produção industrial continuou a desenvolver-se rapidamente durante a execução do segundo Plano Setenal. (...) O valor global da produção industrial cresceu 2,2 vezes entre 1978 e 1984 – 2,2 vezes no que se refere aos meios de produção e 2,1 vezes em relação aos bens de consumo. Seu ritmo de crescimento anual foi de 12,2%. (...) Em 1984, relativamente a 1977, a produção de eletricidade aumentou 78%, o carvão 50%, o aço 85%, as máquinas-ferramenta 67%, os tratores 50%, os veículos automotores 20%, os adubos químicos 56%, o cimento 78%, os tecidos 45% e os equipamentos para a pesca 120%. (...) Durante esse período, foram construídas e colocadas em funcionamento 17.785 fabricas e oficinas modernas. (...) A produção de máquinas se multiplicou por 2,3. Assinale-se em particular a ampliação dos centros de produção de máquinas pesadas, de equipamentos sob encomenda, de equipamentos de extração, de meios de transporte, de aparelhos eletrônicos e de elementos de automatização. Em 1984 a renda nacional havia crescido 80% em relação a 1977”⁷¹

Após o 2º Plano Setenal, concluído em 1984, houve um período de reajustamento, entre 1985 e 1986, com o objetivo de reequilibrar o desenvolvimento econômico do país e prepará-lo para maiores avanços. Durante esse período as prioridades foram a produção energética, os transportes ferroviários e a indústria siderúrgica.

Em 1987, teve início o 3º Plano Setenal (1987-1993), tendo como principais objetivos ampliar em 90% a produção industrial (a uma média de 10% ao ano), em 40% a produção agrícola (alcançando 15 milhões de toneladas de cereais) e em 80% o PIB. A meta de crescimento da renda de operários e empregados foi fixada em 60% e dos camponeses em 70%. Foi definido um ambicioso plano energético, prevendo a construção de diversas hidroelétricas e centrais térmicas, além de uma central atômica. Nas regiões costeiras e montanhosas foi prevista a construção e numerosas centrais eólicas

Outras prioridades do 3º Plano Setenal foram a indústria do carvão, a produção de aços especiais, metais não-ferrosos, máquinas-ferramentas com comando numérico, robôs, caminhões, tratores, navios, máquinas extratoras, implementos agrícolas, indústria eletrônica e microeletrônica. Na indústria da construção foi estabelecida a meta de construir de 150 mil a 200 mil moradias nas cidades e nos campos a cada ano.

Esses resumidos dados apresentados nos mostram quão longe da realidade estão aqueles que nos apresentam a República Popular Democrática da Coreia como um país atrasado, estagnado e inviável.

Importantes avanços sociais

ARPDC – após a guerra que devastou o país e liquidou boa parte da sua população – teve de enfrentar simultaneamente inúmeras tarefas: a reorganização da agricultura, a industrialização (com prioridade para a indústria pesada), a defesa nacional e a melhoria das condições de vida da população.

71 HONG SEUNG EUN, idem, pp. 49-50; pp. 56-59.

Assim, no âmbito do atendimento à sua população, esforçou-se para assegurar a todos o essencial: alimentação, vestuário, moradia, educação e atendimento à saúde. Em conseqüência, na RPDC tem enorme importância o “salário social” (não monetário), usufruído através da moradia disponibilizada pelo Estado – gratuitamente ou com aluguéis extremamente baixos, incluídas a luz e a calefação –, da alimentação com preços subsidiados, do vestuário fornecido pelas empresas a seus trabalhadores e pelas escolas a seus alunos (da pré-escola à universidade) e pela educação e atendimento à saúde, totalmente gratuitos.



Blocos residenciais em Pyongyang.

Ao lado de um crescente aumento dos salários e rendas da população, houve uma diminuição persistente dos preços industriais e de bens de consumo. No decorrer do Plano Sexenal, o ganho real dos operários e empregados cresceu 70% e os ganhos dos trabalhadores rurais cresceu 80%. Em 1974, foram suprimidos todos os impostos sobre a população.

Tendo em vista a completa destruição das moradias nos campos e nas cidades, devido aos bombardeios genocidas dos Estados Unidos, um dos maiores desafios enfrentados foi a construção de habitações para a população. Só durante o Plano Sexenal, foram construídas 414 mil moradias nas cidades e 472 mil nas áreas rurais, em um país que contava com apenas 15 milhões de habitantes. Hoje, o problema habitacional está totalmente resolvido na Coreia.

Em 1956, foi instituído ensino primário obrigatório. Em 1958, o ensino obrigatório passou a ser de 7 anos e hoje já é de 12 anos. Foi construído um amplo sistema de estabelecimentos de ensino superior – sendo a Universidade Kim Il Sung de Pyongyang a mais importante –, completado por uma rede de universidades noturnas e por correspondência para os trabalhadores. Na década de 70 as emissões de televisão passaram a cobrir todo o território da RPDC. A rede de creches, que em 1970 já atendia 80% das crianças, ao final do Plano Sexenal já cobria 100% das necessidades. O Estado assumiu integralmente os numerosos órfãos de guerra, privilegiando-os para que possam superar a desvantagem social de que foram vítimas.

O atendimento à saúde também se tornou exemplar: “funcionários da Organização Mundial da Saúde e outros organismos da ONU elogiam a provisão de serviços básicos de saúde; as crianças na Coreia do Norte estão melhor cobertas pela vacinação que as crianças estadunidenses. A informação das Nações Unidas mostra que a expectativa de vida nesse pobre e pequeno país é de 70,7 anos (contra 70,4 da RdC), um número só ligeiramente inferior ao dos Estados Unidos. A mortalidade infantil é de 25 por mil nascimentos, frente aos 21 por mil no Sul. (...) Em torno de 74% dos norte-coreanos vive nas cidades, frente a 78% no Sul (...) um grau de urbanização e industrialização acorde aos níveis internacionais.”⁷²

Durante o 2º Plano Setenal (1977-1984), a renda real dos operários e empregados aumentou em 60% e a dos agricultores em 40%. “Durante esse período as vestimentas, os

72 CUMINGS, idem, p.482.

calçados, os artigos de uso escolar e os produtos alimentares foram fornecidos gratuitamente (...) a todas as crianças, alunos e estudantes. (...) Em fins de 1984, o país contava com 216 estabelecimentos de ensino superior [em 1989, já eram 270] (...) assim como com 1.250.000 técnicos e especialistas. No âmbito da saúde pública, foram construídos mais de 290 estabelecimentos de saúde – preventivos e terapêuticos – e o número de médicos e de leitos aumentou, respectivamente, em 40% e 6%.⁷³

Os esforços do Norte pela reunificação da Coreia

Logo após o armistício, a RPDC retomou os seus esforços para uma reunificação pacífica do país, mas encontrou forte resistência dos Estados Unidos e do governo ditatorial de Seul. Em novembro de 1953, os EUA fizeram malograr a conferência política prevista pelos acordos de armistício. Em abril de 1954, quando a questão da Coreia foi discutida na Conferência de Genebra, a República Popular Democrática da Coreia propôs a reunificação nacional, a retirada de todas as tropas estrangeiras e a realização de eleições livres em todo o país. A proposta foi rejeitada pelos Estados Unidos, que se negavam a sair da Coreia do Sul, mas exigiam a retirada dos voluntários chineses.



A Conferência de Genebra de 1954.

Em outubro de 1954, o governo da RPDC propôs “a convocação para Pyongyang ou para Seul de uma conferência conjunta da Assembleia Popular da República Popular Democrática e da Assembleia Nacional de Seul, a fim de discutir intercâmbios econômicos e culturais, comunicações postais e livre circulação entre as duas partes da Coreia. Essas propostas, bem como as que se seguiram – agosto de 1955, abril de 1956, setembro de 1957 e fevereiro de 1958 – esbarraram com uma recusa ou nem sequer tiveram resposta por parte do regime de Syngman Rhee”.⁷⁴

No decorrer de 1958, em um gesto de boa vontade, todos os voluntários e militares chineses retiraram-se da RPDC, mas as tropas norte-americanas não só permaneceram no Sul como ampliaram suas bases militares e reforçaram o seu armamento, o que estava proibido pelo acordo de armistício.

A derrubada de Syngman Rhee e a ditadura do General Park Chung Hee

Em abril de 1960, em protesto contra mais uma eleição fraudada, eclodiram em todo o país grandes manifestações populares. Apesar do apoio norte-americano, Syngman Rhee não conseguiu resistir e foi apeado do poder. Em julho de 1960, assumiu Chang Myun.

Em agosto de 1960, o Presidente Kim Il Sung apresentou uma nova proposta para a reunificação da Coreia: “se as autoridades da Coreia não podiam aceitar (...) eleições gerais

73 HONG SEUNG EUN, idem, p. 60.

74 SURET-CANALE, J. e VIDAL, J.E., idem, p. 118.

livres em toda a Coreia, poderia ser criado um sistema de confederação do Norte e do Sul, como medida transitória antes da reunificação completa. Seria formado um Conselho Nacional Supremo, compreendendo representantes dos governos da República Democrática da Coreia e da República da Coreia (...). Os sistemas políticos do Norte e do Sul permaneceriam inalteráveis e os dois governos prosseguiriam as suas atividades independentes.”⁷⁵

Diante do profundo eco que essa proposta alcançou entre a população do Sul da Coreia, os Estados Unidos perceberam que o governo de Chang Myun seria incapaz de deter o clamor pela reunificação e organizaram em 16 de maio de 1961 um golpe militar que colocou a frente do governo de Seul o General Park Chung Hee. Este, tão logo assumiu, desatou a mais feroz repressão contra o povo sul-coreano. Assim, foi momentaneamente refreado o movimento a favor da reunificação. Apesar disso, o governo da RPDC continuou a apresentar propostas para a reunificação pacífica da Coreia, como em junho de 1962, outubro de 1962, dezembro de 1963, março de 1964, maio de 1965, etc.

O início de negociações visando a reunificação da Coreia

Em janeiro de 1972, em entrevista ao jornal japonês Yomiuri Shimbun, Kim Il Sung afirmou: “Para eliminar a tensão na Coreia é necessário substituir o acordo de armistício da Coreia por um acordo de paz entre o Norte e o Sul. Insistimos para que o Norte e o Sul concluam um acordo de paz e que as forças armadas do Norte e do Sul da Coreia sejam consideravelmente reduzidas, com a condição de que as tropas de agressão do imperialismo americano sejam retiradas da Coreia do Sul. Por mais de uma vez declaramos que não temos a intenção de 'invadir o Sul'. Se os governantes sul-coreanos não tiverem a intenção de realizar a 'reunificação através da marcha em direção ao Norte', não haverá qualquer razão para não darem o seu assentimento ao estabelecimento do acordo de paz entre o Norte e o Sul”.⁷⁶ Aqui temos o claro desmentido da acusação feita até hoje pela chamada “livre imprensa ocidental” de que é a RPDC que não aceita estabelecer um acordo da paz.



Encontro diplomático entre as Coreias visando a reunificação, 1972.

Em 4 de julho de 1972, após negociações prévias em Pyongyang e em Seul, os representantes da Coreia do Norte e da Coreia do Sul assinaram uma Declaração manifestando “o desejo comum de realizar a reunificação pacífica do país o mais cedo possível” e definindo os três princípios que deveriam orientar a reunificação (referenciando os três pontos propostos anteriormente pela RPDC): 1) Reunificação independente (sem ingerências estrangeiras); 2) Reunificação pacífica (sem o recurso às armas); 3) Reunificação através de uma grande unidade de toda a nação (transcendendo as diferenças de concepções, ideais e sistemas).

75 Idem, pp. 119-120.

76 SURET-CANALE, J. e VIDAL, J.E., idem, p. 128-129.

Mas o General Park Chung Hee – fortemente pressionado pelos EUA – recuou dos compromissos assumidos e desatou, em julho de 1952, uma forte repressão contra os manifestantes que pediam a reunificação, condenando à morte ou à prisão perpétua inúmeros líderes oposicionistas sul-coreanos. Em 17 de outubro de 1972, proclamou a lei marcial e impôs uma nova Constituição que lhe permitia continuar de forma vitalícia na presidência e lhe concedia todos os poderes, sem qualquer controle. Curiosamente, não houve qualquer protesto por parte dos Estados Unidos e das nações ditas “democráticas” do ocidente, nem lhe foi imposta qualquer sanção econômica ou diplomática pela ONU...



Park Chung Hee e Richard Nixon.

Com isso as negociações para a reunificação da península “voltaram à estaca zero”.

A administração Jimmy Carter (1977-1981), que anunciou uma retirada gradual forças terrestres estadunidenses da Coreia (que acabou não acontecendo), abriu espaço para um melhoramento da relação entre o Norte e o Sul.

Assim, em 1980, no 6º Congresso do Partido do Trabalho da Coreia, o Presidente Kim Il Sung propôs como caminho para a reunificação da Coreia a formação de um Estado Federal Unitário e de um governo nacional unificado, no qual o Norte e o Sul estariam representados com o mesmo peso e sob o qual ambos lados exerceriam a respectiva autonomia regional, com direitos e deveres iguais. Ou seja, uma federação baseada em uma nação, um estado, dois sistemas e dois governos. Esse estado federal assumiria um caráter independente e democrático e se chamaria República Federal Democrática do Koryo, retomando o nome do Primeiro estado unificado na história da Coreia. Mais uma vez – apesar do enorme apoio que essa proposta recebeu, tanto no Norte, como no Sul – o governo sul-coreano a rejeitou.

A ascensão de Reagan à presidência dos EUA – em substituição a Jimmy Carter – levou, ao contrário ao agravamento das tensões na península: “Reagan convidou o ditador Chun Doo Hwan [que sucedera Park Chung Hee] a visitar Washington em fevereiro de 1981, como seu primeiro ato de política exterior (...) se agregaram 4.000 estadunidenses aos 40.000 já existentes ali, se venderam a Seul caças F-16 avançados e se levaram a cabo, a cada início de ano, grandes exercícios militares (chamados Espírito de Equipe) que envolviam a mais de 200.000 soldados estadunidenses e coreanos. (...) O Secretário da Defesa, Caspar Weinberger, declarou em 1983 (...) que se os soviéticos atacavam o Golfo Pérsico, os Estados Unidos podiam responder atacando qualquer ponto que elessem. O documento dizia que a Coreia era esse ponto.”⁷⁷ O resultado dessa política agressiva dos EUA foi o congelamento das tratativas.

77 CUMMINGS, idem, pp. 528-529.

O colapso do Leste europeu e da URSS e os seus impactos na RPDC

Entre 1989 e 1991, produziu-se o colapso do Leste Europeu e a União Soviética deixou de existir, fracionando-se em diversas repúblicas. Na sua maioria, governos reacionários e anti-comunistas passaram a dirigi-las. As anteriores relações inter-estatais no interior do campo socialista e os tratados comerciais em vigor foram abandonados da noite para o dia, criando enormes dificuldades econômicas para os países que persistiram no caminho socialista, como Cuba, Vietnam, Laos e a República Popular Democrática da Coreia. A China – que havia iniciado as suas reformas e a sua abertura em 1986 – foi menos afetada, inclusive devido à sua pujança econômica, dimensões e vasto mercado interno.

“O colapso do bloco socialista privou Pyongyang de importantes mercados, causando vários anos de queda do PIB a princípios dos anos 90. Dados sul-coreanos situam essa queda na faixa de 2 a 5% e analistas governamentais estadunidenses pensam que o pior havia passado para a Coreia do Norte em fins de 1993. (...) Pyongyang reconheceu pela primeira vez publicamente ‘grandes perdas na nossa construção econômica’ e ‘uma situação externa e interna sumamente complexa e aguda’ no 21º Pleno do Partido do Trabalho, em dezembro de 1993. A maior parte da responsabilidade na crise foi atribuída não ao sólido sistema socialista norte-coreano, mas ao ‘colapso dos países socialistas e ao mercado socialista mundial’, que ‘destruiu’ a muitos sócios de Pyongyang e aos seus acordos comerciais.”⁷⁸

Até a década de 70, o comércio exterior da RPDC havia sido quase que unicamente com o bloco socialista, mas nos anos seguintes havia se diversificado com o Japão, Europa Ocidental e várias nações do Terceiro Mundo. Em meados dos 70, 40% do seu comércio era com países não comunistas e somente 30% com a URSS. Mas, no final dos anos 80, por falta de divisas fortes e outras dificuldades, a RPDC voltara a ser dependente do comércio com a URSS. A exigência da recém criada Federação Russa de que o petróleo e outros produtos passassem a ser pagos com moedas fortes foi, assim, um duro golpe para os norte-coreanos.

Os problemas se agravaram ainda mais devido à ocorrência nesse exato momento de sérias **perturbações climáticas**, prejudicando a produção de alimentos e causando uma situação de insegurança alimentar, contornada com grandes sacrifícios da população e com alguma ajuda internacional. Esse período ficou conhecido como a “marcha penosa”, em analogia com a dura luta travada pelo Exército Revolucionário Popular da Coreia contra os ocupantes japoneses, em 1934, quando enfrentou o risco de aniquilamento.

Os líderes norte-coreanos, agindo com habilidade, procuraram realizar as alterações de rumo necessárias para enfrentar as novas circunstâncias e as novas condições do cerco



78 CUMMINGS, idem, p. 484.

imperialista: “a crise (...) resultou na apresentação de uma nova legislação sobre inversões estrangeiras, relações com empresas capitalistas e novas zonas de livre comércio. Numerosas leis foram sancionadas para o sistema bancário, na área do trabalho e das inversões. (...) Numerosas empresas de Hong Kong, Japão, França e Coréia do Sul formularam compromissos de abertura de fábricas de manufaturas na RPDC (...) O fundador do conglomerado Hyundai, Chong Chu-yong, viajou a Coréia do Norte em janeiro de 1989 e anunciou uma 'joint venture' para promover o turismo nas Montanhas Diamante. (...) No outono de 1990, pela primeira vez foram mantidas conversações entre primeiros ministros, em Seul em setembro, em Pyongyang em outubro. Em 1991, ambas Coréias se uniram às Nações Unidas, apesar da prolongada oposição dos norte-coreanos a entrar nesse corpo sob duas bandeiras coreanas. (...) em 13 de dezembro de 1991 (...) os primeiros ministros da RdC e da RPDC firmaram um acordo de reconciliação, não agressão, cooperação econômica e intercâmbio em muitos campos e a livre passagem entre as duas metades do país para as estimadas 10 milhões de famílias separadas pela guerra.”⁷⁹

No mesmo diapasão, Kim Il Sung tornou público, em 1993, o seu *Programa de dez Pontos da Grande Unidade Pan-Nacional para a Reunificação da Pátria*, propondo: 1) Fundar um Estado unificado independente, pacífico e neutro, mediante a grande unidade pan-nacional; 2) Lograr a unidade baseada no amor à nação e no espírito de independência nacional; 3) Unir-se no espírito de fomentar a coexistência, a co-prosperidade e interesses comuns e entregar tudo à causa da reunificação da Pátria; 4) Unir-se após por fim a toda luta política que fomente a divisão e o enfrentamento entre os compatriotas; 5) Confiar mutuamente e unir-se após eliminar por igual os temores de agressão ao Norte ou ao Sul, à vitória contra o comunismo ou à comunização; 6) Valorizar a democracia e ir de mãos dadas pelo caminho da reunificação da Pátria, sem rechaçar um ao outro por professar diferentes doutrinas e opiniões; 7) Proteger os bens materiais e espirituais do indivíduo e da organização e fomentar a sua utilização em favor da conquista da grande unidade nacional; 8) Todos os integrantes da nação devem compreender-se e confiar uns nos outros e unir-se mediante contatos, viagens e diálogos; 9) Os integrantes da nação que residem no Norte e no Sul do país e no ultramar devem fortalecer a solidariedade entre si na busca da reunificação da Pátria; 10) Valorizar enormemente os que contribuam para a obra da grande unidade nacional e da reunificação da Pátria.

Uma vez mais a proposta da RPDC – apesar de amplo apoio tanto no Norte como no Sul – não obteve qualquer resposta concreta por parte da Coréia do Sul, instigada pelos Estados Unidos ao confronto.



79 Idem, p. 484; p. 531.

Em 2000, **Kim Jong Il** retomou os esforços norte-coreanos buscando a reunificação da Coréia e realizou um encontro com o Presidente da Coréia do Sul, **Kim Tae Jun**, em Pyongyang. Foi adotada, então, a *Declaração Conjunta Norte-Sul de 15 de junho*, passo decisivo para desanuviar as tensões entre as duas Coréias. Outra reunião foi realizada em 4 de Outubro de 2000, quando foi aprovada a *Declaração de 4 de Outubro*, que deu desdobramentos concretos à Declaração de 15 de junho, incluindo a criação do Parque Industrial conjunto de Kaesong, o estabelecimento de uma zona especial de paz e cooperação no Mar do Oeste, o restabelecimento da ligação férrea entre o Norte e o Sul, a participação conjunta nos jogos olímpicos de Pequim, em 2008, e intercâmbios culturais e familiares.



Inconformados com a aproximação entre as duas Coréias, os EUA passaram a pressionar o governo de Seul, ampliaram as manobras militares conjuntas e a nuclearização da Coréia do Sul e impuseram novas sanções econômicas à RPDC, elevando enormemente as tensões na península e inviabilizando maiores avanços na reunificação entre o Norte e o Sul da Coréia.

Estados Unidos ameaçam a RPDC com o objetivo de desestabilizá-la

É nesse momento de graves dificuldades da RPDC que os EUA decidiram apertar o cerco econômico, diplomático e militar contra a RPDC, com o objetivo de levá-la ao colapso. O pretexto foi o programa de energia nuclear norte-coreano, iniciado em 1962 através de um pequeno reator nuclear com fins investigativos, de apenas 4 MW, cedido pela URSS. Este reator já havia sido colocado em 1977 sob a supervisão da Agência Internacional para a Energia Nuclear da ONU (AIEA). Posteriormente, a Coréia construiu um reator de gás-grafite, de 30 MW, que iniciou suas operações em 1987, em Yongbyon, tendo a AIEA sido convidada a inspecioná-lo.

É nesse contexto que no início da década de 90 a imprensa e as agências de notícias norte-americanas começaram a martelar o tema do “perigo nuclear norte coreano”: “Os repórteres (...) escrevem de forma rotineira que a Coréia do Norte tem recusado as inspeções; entretanto (...), a Coréia do Norte havia permitido seis inspeções formais da AIEA no sítio de Yongbyon, entre maio de 1992 e fevereiro de 1993. (...) Nessa época já era uma rotina entre os analistas estadunidenses influentes sustentar que Kim Il Sung era malvado ou louco, ou ambas as coisas, que o seu regime devia ser derrubado e, se fosse necessário, que seus recursos nucleares deveriam ser eliminados pela força.”. As ameaças mais graves iniciaram em 26 de janeiro de 1993 “quando o presidente Bill Clinton, recém empossado, anunciou que as manobras militares ‘Espírito de Equipe’ seriam retomadas (...). Em fins de fevereiro, o General Lee Butler, encarregado do novo ‘Comando Estratégico’ dos Estados Unidos anunciou que estava mudando o alvo das armas nucleares estratégicas (isto é, as bombas de hidrogênio), pensadas para a antiga URSS, para a Coréia do Norte”.⁸⁰

80 CUMMINGS, idem, pp. 540-543.

Em março de 1993, dezenas de milhares de soldados estadunidenses chegaram para exercícios militares na Coreia e com eles vieram bombardeiros B-1B e B-52 da **base de Guam**, além de vários navios de guerra com mísseis de cruzeiro. Diante de tais ameaças dos EUA, a RPDC anunciou que poderia abandonar o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), visto que este prevê que os países sem armas nucleares não podem ser ameaçados por aqueles que as têm (algo que os EUA nunca respeitaram).



Uma vez terminadas as manobras militares, a RPDC aceitou reabrir negociações e não levou adiante a sua ameaça de abandonar o TNP. Porém, a AIEA, instigada pelos Estados Unidos, insistiu em “inspeções especiais” – que nunca havia solicitado em nenhuma parte –, inclusive em áreas sem instalações nucleares, o que, evidentemente, não foi aceito pelos norte-coreanos. Depois de muitas tensões, em julho de 1993, os norte-coreanos propuseram que o seu programa nuclear – baseado em reatores de grafite e urânio natural – fosse substituído por reatores de água leve, proporcionados pelos Estados Unidos, menos propensos a serem utilizados com fins militares. Essa proposta causou muita surpresa, pois tornaria a RPDC dependente do abastecimento externo de combustível.

Depois de muitas marchas e contramarchas, em outubro de 1994 foi acordado que *“em troca do congelamento de seus reatores de grafite e da permissão de inspeções completas sob o TNP, um consórcio de nações (...) proporcionaria os reatores de água leve (...). Enquanto isso, os Estados Unidos forneceriam o petróleo para solucionar os problemas energéticos da RPDC e começaria a incrementar gradualmente relações diplomáticas.”*⁸¹

Na verdade, porém, os Estados Unidos nunca cumpriram o acordado nessas tratativas, alegando falta de aprovação pelo Congresso e outras desculpas, levando a RPDC – após anos de paciente espera – a denunciar o referido acordo e a retomar o seu programa nuclear, retirando-se do TNP e anunciando que diante das reiteradas ameaças nucleares dos EUA, passaria a produzir suas próprias armas nucleares, como meio de dissuasão a qualquer agressão norte-americana. O que pouco depois foi concretizado, através da realização de seus primeiros testes nucleares. Da mesma forma, comprovando o seu elevado desenvolvimento científico e tecnológico, a RPDC lançou diversos satélites no espaço e tem testado com êxito diferentes tipos de mísseis de médio e longo alcance.

Diante disso, os Estados Unidos – além de um endurecimento sem precedentes de suas sanções econômicas, financeiras e diplomáticas – ampliou em muito a sua ofensiva belicista contra a RPDC, com total cobertura da ONU, que se cala diante das reiteradas transgressões norte-americanas do TNP e das normas do Direito Internacional. Esses fatos estão amplamente descritos no artigo *“Como Obama fomenta uma crise na Península Coreana”*, de Gregory Elich, em anexo a este Relatório.

⁸¹ Idem, pp. 554-555.

Conclusão

Evidentemente, não temos a pretensão de abarcar nesta breve introdução à história da Coreia todos os aspectos e esclarecer todas as controvérsias acerca da atribuída trajetória do povo coreano. A nossa intenção é unicamente levantar o véu de desinformação e de falsidades que as agências de notícias e de propaganda norte-americanas disseminam em todo o mundo, buscando apresentar a Coreia como membro proeminente do “eixo do mal” e pintar os Estados Unidos como o mais “pacífico” e “benemérito” Estado que a humanidade já conheceu.

Os fatos aqui relatados, depois de minuciosa pesquisa – baseada em grande parte em autores ocidentais sem qualquer simpatia com a *República Popular Democrática da Coreia* – demonstram de forma cabal as atrocidades cometidas pelos norte-americanos na Guerra da Coreia, dizimando 20% da sua população e arrasando sem necessidade o país. Da mesma forma, mostram a total irresponsabilidade e prepotência com que os seus “estadistas” manejaram sua momentânea superioridade em armas nucleares durante os anos 50, ameaçando por diversas vezes a humanidade com uma conflagração nuclear.

Pode-se dizer que a Terceira Guerra Mundial só não ocorreu nesse momento devido à pressão de seus aliados europeus – que temiam serem os primeiros a sofrer uma eventual retaliação soviética – e pela extrema cautela da URSS e da China. Esta, depois de ter aplicado – junto com os norte-coreanos – uma tremenda surra nas tropas estadunidenses, retornou ao paralelo 38, evitando aniquilá-las, para não justificar uma vindita nuclear.

Encerrada a guerra com o armistício, todos os esforços para estabelecer uma paz definitiva e para realizar a reunificação pacífica da Coreia foram barrados pelos Estados Unidos, que não escondem o seu objetivo de manter na Coreia do Sul uma poderosa base militar e nuclear, de onde possam ameaçar a China, a ex-URSS e a própria Coreia do Norte.

Frustrados por não terem conseguido forçar a República Popular Democrática da Coreia ao colapso nos anos que se seguiram ao desmantelamento do Leste Europeu da URSS, os Estados Unidos continuam tentando por todos os meios estrangulá-la, sem qualquer respeito para com a autodeterminação dos povos e o Direito Internacional. Para isso, utilizam sua hegemonia na ONU, aplicando todo o tipo de sanções econômicas, financeiras e diplomáticas contra o heróico povo norte-coreano e usam todo o seu poderio tecnológico e militar para ameaçá-lo.

Como afirmou o vice-Diretor do Departamento Internacional do Partido do Trabalho da Coreia, Pak Gun Kwang, em conversa com a nossa delegação: *“Os Estados Unidos mantêm 30 mil soldados e mais de 1.000 artefatos nucleares na Coreia do Sul. Ameaçam permanentemente a RPDC com seus B52 e suas bases nucleares no Hawaí e em Guam. Por isso a RPDC se viu obrigada a desenvolver suas armas nucleares. Os EUA não conseguem liquidar com a RPDC devido ao seu poderio nuclear. Essa é a única garantia da paz.”*



DADOS GERAIS SOBRE A RPDC

Nome oficial:	República Popular Democrática da Coréia
Capital:	Pyongyang População: 2.860.000 (2012) Altitude: 27m (89 pés) Superfície: 176 Km ²
Superfície:	122.762Km ²
População:	24.427.000 (2012)
Idioma:	Coreano
Moeda:	Won coreano do norte
Relações diplomáticas:	160 países
Relações diplomáticas com o Brasil:	Desde março de 2001
Expectativa de vida:	74 anos
Alfabetização:	100% (desde 1991)
Acesso à água e saneamento:	100%



Complexo Metalúrgico Chollima

Indústria: parque fabril diversificado e de alta tecnologia, incluindo siderúrgicas, carboquímica, produção de minérios ferrosos e não ferrosos (magnetita, grafite, zinco, cobre, chumbo, tungstênio, etc.), moderna indústria de armamentos, máquinas ferramentas computadorizadas, veículos automotores, locomotivas elétricas, navios, geradores de energia, turbinas para hidroelétricas, máquinas para extração de minérios, máquinas e implementos agrícolas e maquinário para indústria leve. Também a indústria química e a indústria da construção são bem desenvolvidas, suprindo as necessidades do país em produtos químicos, plásticos, fibras e resinas sintéticas, fertilizantes, vidro, cimento, produtos cerâmicos, madeiras, móveis, etc. A indústria é o setor dominante na geração do PIB e o que emprega o maior número de trabalhadores.



Granja Cooperativa Taedonggang

Agricultura: não existe a produção em pequenas parcelas, mas a **produção cooperativa** predomina frente às fazendas estatais. A irrigação, a mecanização a utilização de fertilizantes são amplamente difundidas, junto com a eletrificação do campo. Os principais produtos são o arroz, o milho, a batata, a soja, o trigo e a cevada. As hortalças vêm ganhando peso crescente na produção. Existem fortes investimentos no aprimoramento de sementes e no esforço em obter duas safras ao ano em

diversos produtos. A agricultura é o terceiro setor econômico em valor do PIB e no número de trabalhadores, abaixo do setor de serviços.

Sistema Econômico:

1. Prevalcem relações socialistas de produção. Os meios de produção são propriedade do Estado e das organizações sociais e cooperativas. A economia é planejada e o Estado aplica tarifas aduaneiras para proteger a economia nacional auto-suficiente.
2. A propriedade do Estado é de todo o povo. Os recursos naturais, as ferrovias, o transporte aéreo, os portos, os meios de comunicação, as fábricas e empresas e os principais bancos, são propriedade do Estado.
3. A propriedade das organizações sociais e cooperativas é propriedade coletiva dos seus trabalhadores. Elas podem ser proprietárias de terras, máquinas agrícolas, barcos, fábricas e pequenas e médias empresas.

4. A propriedade individual é a de consumo e uso pessoal de cada cidadão, sendo constituída pela retribuição segundo o trabalho realizado e o benefício adicional oferecido pelo Estado e a sociedade. Os produtos obtidos em parcelas individuais e por outras economias auxiliares individuais e o ingresso pelas demais atividades econômicas legais também são propriedade individual. O Estado garante o direito de herdar.

5. O Estado aplica o sistema de autofinanciamento na administração econômica e leva em conta os custos de fabricação, preços, rentabilidade e outros indicadores econômicos. Na retribuição ao trabalho de cada um, combina harmonicamente os incentivos morais e os incentivos materiais.

6. O Estado fomenta a gestão empresarial comanditária e associada dos organismos, empresas e organizações nacionais com pessoas naturais e jurídicas estrangeiras, assim como estabelecimento de diversas empresas nas Zonas Econômicas Especiais. Os investimentos estrangeiros (previstos em lei desde 1984) são basicamente da Coreia do Sul, da China, da Rússia e de norte-coreanos residentes no exterior. A experiência melhor sucedida é o **Complexo Industrial de Kaesong**, gerido pela Hyundai sul-coreana, na fronteira entre os dois países, que em seu terceiro estágio deverá englobar cerca de 2 mil empresas e 300.000 trabalhadores.



Complexo Industrial de Kaesong

7. A RPDC investe fortemente em Ciência Tecnologia. A Academia de Ciências, a Academia de Ciências Sociais, a Academia de Ciências da Indústria Ligeira, a Academia Agrônômica, a Academia de Ciências Pedagógicas, a Academia de Medicina, são algumas das tantas instituições de investigação existentes. As pesquisas visam aproveitar ao máximo o potencial das matérias primas existentes no país. A falta do carvão de coke foi superada por novas tecnologias siderúrgicas, a fibra sintética Vinalon é produzida a partir da antracita e pedras calcárias, as indústrias eletrônicas e computacionais permitem a crescente automatização industrial, e o domínio da fissão e da fusão nuclear lhe garantem a autonomia nuclear.



Universidade de Agricultura de Wonsan

8. Foram abolidos todos os impostos (anos 70) e o Estado assegura a todos os trabalhadores, plenas condições para a alimentação, vestuário e moradia..

9. O Estado assegura proteção ao meio ambiente, antepondo-o à produção, para conservá-lo, enriquecê-lo e prevenir a sua contaminação.

Sistema político:

1. Todo cidadão maior de 17 anos tem o direito a eleger e ser eleito, sem distinção de sexo, profissão, nacionalidade, tempo de residência, propriedade, instrução, filiação partidária.

2. **Assembleia Popular Suprema:** poder supremo da nação é eleita a cada 5 anos pelo voto universal, secreto, igualitário e direto (não-obrigatório). Ao total são 687 deputados, dos quais as mulheres são 112. Além de legislar, a Assembleia Popular Suprema elege e destitui o 1º Presidente do Comitê de Defesa Nacional, o 1º Ministro do Conselho de Ministros, o Presidente do Tribunal Supremo e o Presidente do Ministério Público Supremo. Os deputados têm assegurada a imunidade, não podendo ser detidos nem submetidos a sanções legais sem autorização da Assembleia Popular Suprema; os eleitores podem remover os deputados a qualquer momento.

3. **1º Presidente do Comitê de Defesa Nacional:** Chefe de Estado e Comandante das Forças Armadas;

4. **1º Presidente do Conselho de Ministros:** Chefe de Governo.

5. **Assembleias Populares Locais** (provinciais, de cidades subordinadas ao governo central; municipais; de distrito): são os órgãos locais de poder, sendo eleitas a cada 4 anos pelo voto secreto, universal, igualitário e direto. Elegem o Presidente e demais membros do Comitê Popular respectivo.



6. **Comitês Populares locais:** são os órgãos de administração do poder local respectivo.

7. O país é formado por 9 províncias, 3 cidades subordinadas diretamente ao poder central (Pyongyang, Kaiseung e Nampo), 200 distritos e 4.000 comunas (que não têm Assembleias Populares nem Comitês Populares).

8. Judiciário: além do Tribunal Supremo, atuam os tribunais provinciais ou de cidades subordinadas ao governo central; os Tribunais Populares de cidade e de distrito; o Tribunal Especial.

Direitos sociais e individuais:

1. Todo o cidadão apto para o trabalho pode escolher sua profissão, tendo assegurado um emprego estável e retribuição de acordo com a quantidade e a qualidade do seu trabalho. Os salários mais valorizados são os de cientistas, trabalhadores em indústrias siderúrgicas, metalúrgicas e mecânicas e trabalhadores em mineração. Além do salário, os trabalhadores dispõem de diversas outras vantagens, como **moradia, educação e saúde** gratuitas e transporte subsidiado. A jornada normal de trabalho é de 8 horas, podendo ser mais curta segundo o grau de dificuldade e outras condições específicas. É proibido o trabalho para menores de 16 anos.



Complexo Habitacional Un-ha



Escola infantil em Pyongyang



Maternidade de Pyongyang

2. O cidadão tem direito ao descanso através do sistema de dias de folga (em geral, aos domingos), férias pagas (20 dias), casas de convalescência e repouso por conta do Estado e desfrute de centros culturais e de lazer. Os sábados são utilizados para o estudo, o trabalho ou o descanso.

3. O cidadão tem direito a tratamento médico gratuito (desde 1953) e a um sistema de seguro e pensão social. A aposentadoria é aos 55 anos para as mulheres e 60 anos para os homens. Os idosos e crianças desamparadas têm direito a ajuda material do Estado.

4. O Ensino obrigatório é de 12 anos: 1 ano de educação pré-escolar; 5 anos de preparatório; 3 anos de secundário; 3 anos de secundário superior. Após vêm os cursos universitários, que em média duram de 4 a 5 anos (medicina dura 7 anos). O ensino é público e gratuito para todos, em todos os níveis. O Estado outorga bolsas de estudo para o **ensino universitário e para as escolas especializadas**. O número total de estudantes regulares, em todos os níveis, atinge hoje os 8,5 milhões. Além disso, milhares têm acesso a atividades extra-escolares no contra-turno.



Escola infantil em Pyongyang



Catedral de Pongsu - Pyongyang

5. As mulheres desfrutam desde 1946 da mesma posição social e os mesmos direitos que os homens, além do direito à licença pré-natal e pós-natal, redução da jornada de trabalho para as mães de vários filhos e ampliação da rede de maternidades, **creches e jardins de infância**. O Estado protege o matrimônio e a família, considerada a unidade básica da vida em sociedade. O Estado incentiva o crescimento populacional e as mães de muitos filhos são condecoradas. A idade média de casamento dos homens é de 28 a 30 anos e das mulheres de 25 a 26 anos.

6. É garantida a liberdade de palavra, imprensa, reunião, manifestação e associação. O Estado garante aos partidos políticos e organizações sociais democráticos as condições para realizar livremente suas atividades. Atualmente, além do Partido do Trabalho da Coreia (1945), atuam na RPDC o Partido Social Democrático Coreano (1945) e o Partido Chondoísta Chongu (1946). Cada partido escolhe os seus candidatos para as eleições.

7. É garantida a inviolabilidade pessoal e de domicílio e o sigilo da correspondência. Nenhum cidadão pode ser preso ou ter o seu domicílio registrado senão de acordo com a lei.

8. É garantida a liberdade de residência e de viagem.

9. É garantida a **liberdade religiosa e de culto**.

10. São garantidos os direitos autorais, as invenções e as patentes.

11. O serviço militar, apesar de ser visto como uma "obrigação" de todo cidadão, não é obrigatório; a sua duração é de dois a três anos. Além do treinamento militar, envolve a **participação na construção de grandes obras públicas**.

PROGRAMAÇÃO REALIZADA

Havendo chegado à Pyongyang, capital da República Popular Democrática da Coreia, na tarde do dia 18 de julho, sexta-feira – após uma escala em Pequim – fomos recebidos no aeroporto pelas autoridades desse país e pelo Embaixador brasileiro Roberto Colin, daí seguindo para o Hotel Koryo Pyongyang, onde ficamos hospedados.

O **Hotel Koryo** foi construído em 1985, sendo constituído por duas torres de 45 andares, que atingem a altura de 140 metros. Ocupa uma área construída de 84 mil m² e conta com 500 habitações, com capacidade para 1.000 hóspedes. Na parte superior da cada torre estão localizados dois restaurantes giratórios, com 200m² cada um, de onde se pode contemplar a cidade.

Belamente decorado, o hotel possui diversos restaurantes, bares, salas para banquetes e conferências, livraria, loja de artesanato e de produtos de primeira necessidade, além de uma piscina de 500 m², canchas para tênis e badminton e enfermaria.

No Hotel Koryo, nos reunimos com o Senhor Ri Hyok – da Secção de Assuntos Asiáticos, Africanos e Americanos do Departamento de Relações Internacionais do Partido do Trabalho da Coreia – e com o Sr. Kim Hyong Il, nosso tradutor para o português, e estabelecemos um plano de atividades para os sete dias seguintes.

Ficaram à disposição da nossa delegação dois veículos – tendo como motoristas os Srs. Choe Kwang Nam e Kim Chol Hyok –, além dos já referidos Kim Hyong Il e de Ri Hyok. Todos acompanharam nossas atividades, tudo fazendo para nos viabilizar o melhor aproveitamento possível da intensa agenda montada.

Em diversas ocasiões também fomos acompanhados pelo Sr. Kim Chol Zin – do Departamento de Relações Internacionais do Partido do Trabalho da Coreia – que da mesma forma muito contribuiu para nossa frutífera estadia na RPDC.

Desde já manifestamos o nosso mais profundo agradecimento a todos eles, sem os quais não teríamos conseguido aprofundar o nosso conhecimento da República Popular Democrática da Coreia e de seu povo.



Hotel Koryo Pyongyang

RECEPÇÃO NA EMBAIXADA BRASILEIRA

Nessa mesma noite, os membros da delegação foram recepcionados na Embaixada brasileira, ocasião em que tiveram a oportunidade de provar a culinária coreana enquanto conversavam longamente com o Embaixador Roberto Colin, que é um entusiasta de uma maior aproximação entre o Brasil e a RPDC.

Na ocasião o Embaixador discorreu sobre o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, sobre a realidade atual da República Popular Democrática da Coreia e sobre as potencialidades das relações econômicas, sociais e culturais entre os dois países.



Da esq. p/ dir.: Anderson Falcão, Paulo Visentini, Embaixador Roberto Colin, Deputado Raul Carrion, Lucas Ribeiro Marques e Analúcia Danilevicz Pereira.

19 de julho CASA NATAL DE KIM IL SUNG

Na manhã do dia seguinte, 19 de julho, sábado, às 7h, antes de tomar o café, sai para passear pelas redondezas, aproveitando para apreciar o prédio da **Estação de Trens** – em estilo coreano tradicional –, que está próxima ao hotel Koryo –, e para ver a circulação de pessoas pelas ruas ao amanhecer, no seu deslocamento para o trabalho ou para atividades de estudo ou lazer.

Tendo em vista as (des)informações correntes no mundo ocidental de que o estrangeiro em Pyongyang só tem permissão para sair acompanhados e sob vigilância, aproveito para informar que o fiz com inteira liberdade, sem qualquer vigilância e sem que ninguém me acompanhasse ou perguntasse aonde eu iria...

Às 9h, toda a delegação partiu do hotel para fazer uma visita a casa onde – em 15 de abril de 1912 – nasceu o fundador da Coreia Socialista, Kim Il Sung. A referida casa, com seu teto de palha – hoje transformada em museu –, está situada no sopé da Colina Mankyongdae, nas cercanias de Pyongyang, e revela, por sua simplicidade, a origem humilde do grande líder da revolução coreana, Kim Il Sung.

Após, tivemos a oportunidade de visitar o atual parque da Colina Mankyongdae, onde Kim Il Sung passou sua infância.



MUSEU DAS TRÊS REVOLUÇÕES

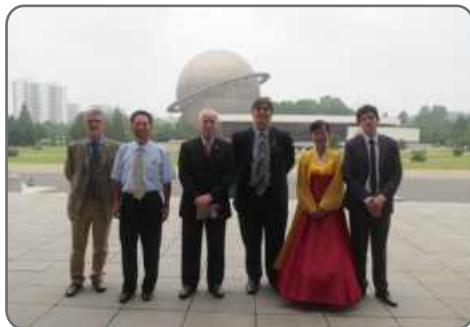
A seguir, nos deslocamos para o **Museu de Exposição Permanente das Três Revoluções** – Ideológica, Técnica e Cultural – situado no Bairro Ryonmot de Pyongyang, que ocupa uma área total de 100 hectares. Ali estão situados seis pavilhões, tendo ao fundo o Monumento às Três Revoluções. Pelas limitações de tempo, só conseguimos visitar três desses pavilhões.

O primeiro a ser visitado foi o pavilhão da história da revolução coreana – onde cada ala expõe um período diferente da luta do povo coreano sob a liderança, respectivamente, do Presidente Kim Il Sung, do Generalíssimo Kim Jong Il e do 1º Presidente do Comitê de Defesa Nacional da RPDC, Kim Jong Un. Ali estão expostas **fotos** de suas principais atividades, obras publicadas, objetos pessoais e informações históricas sobre os acontecimentos da época.

A seguir, visitamos o pavilhão da Indústria Eletrônica e de Tecnologia da Informação, onde tivemos a oportunidade de apreciar monitores de vídeo de LCD e equipamentos de computação (hardware) produzidos na RPDC com tecnologia própria, inclusive no terreno da programação computacional (software).

No mesmo pavilhão, em uma estrutura esférica à parte, conhecemos alguns dos importantes avanços conquistados pelo povo coreano no **âmbito espacial**. Ali estão expostos – além dos foguetes lançadores – três gerações de satélites já colocados em órbita pelo país. Na ocasião, também assistimos um vídeo apresentando alguns desses lançamentos.

O último pavilhão a ser visitados foi o da indústria pesada, onde tivemos a oportunidade de apreciar equipamentos voltados à extração de minérios, à produção siderúrgica, turbinas para hidroelétricas, máquinas ferramentas computadorizadas, máquinas para a produção da fibra sintética Vinalon, desenvolvida com tecnologia coreana e produzida a partir da antracita e pedras calcárias, etc. Equipamentos que atestam a avançada tecnologia industrial desenvolvida pela RPDC.



Cabe destacar, ainda, o fato da RPDC – que assim como o Brasil carece de “carvão coque” para a produção do seu aço – ter desenvolvido uma tecnologia inovadora para produzir aço a partir do seu carvão mineral, também com alto teor de cinzas como o extraído no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, o que pode abrir um importante campo de cooperação tecnológica, visando um melhor aproveitamento do nosso carvão mineral.

MUSEU DA GUERRA DE LIBERTAÇÃO

Após o almoço, nos trasladamos até o monumental **Museu Comemorativo da Vitória da Guerra de Libertação da Coreia**, formado por mais de 80 salas e inaugurado no ano de 1974. Cada uma das salas apresenta uma etapa ou um aspecto da revolução coreana – a luta anti-japonesa, a revolução democrática, a guerra de libertação, os heróis da República, a luta do povo na retaguarda, os equipamentos do Exército Popular, etc. –, expondo documentos históricos, fotografias, pinturas e maquetas.

No lado de fora do edifício principal do Museu, podemos apreciar belas e expressivas esculturas que retratam a luta e o heroísmo do povo coreano na busca da sua libertação. E em pavilhões cobertos, que circundam toda a área, estão expostos inúmeros equipamentos militares destruídos ou capturados aos inimigos (especialmente norte-americanos) – como tanques, canhões, helicópteros e aviões – além das armas do Exército Popular coreano.

Atração à parte foi a visita ao **navio-espia “Pueblo”**, da Frota dos Estados Unidos no Pacífico, capturado, junto com seus 82 tripulantes pela Marinha do Exército Popular, em 23 de janeiro de 1968, depois de invadir as águas territoriais da Coreia.

Após ameaçar a RPDC com as mais terríveis represálias – sem conseguir intimidá-la – os EUA foram obrigados a reconhecer o ato de espionagem e a invasão do mar territorial da Coreia, assinando um pedido formal de desculpas e comprometendo-se a não mais violar as suas fronteiras marítimas. Ao mesmo tempo, pediram humildemente que fosse concedido perdão aos tripulantes prisioneiros.

Diante desse pedido de perdão, em um gesto de boa vontade, a RPDC libertou os 82 marinheiros presos como espíões – sem qualquer contrapartida – e entregou o cadáver de um tripulante morto ao resistir, mas confiscou o navio, seus equipamentos de espionagem e suas



armas, transformando-o em um museu e em uma prova concreta das provocações norte-americanas contra a Coréia.

PARQUE AQUÁTICO DE MUNSU

Após a visita ao bellissimo Museu da Guerra de Libertação, fomos até o **Parque Aquático de Munsu**, aberto ao público em geral, mediante um pagamento irrisório, subsidiado pelo Estado. Além de enormes equipamentos aquáticos ao ar livre, o referido centro de lazer também possui amplas áreas cobertas e aquecidas para uso no inverno. O que inclui, inclusive, equipamentos para a prática de outras modalidades de esporte e lazer.

O parque aquático também disponibiliza outros serviços pessoais, entre os quais o corte de cabelos. Aproveitamos a oportunidade – tendo em vista as “informações” difundidas pelas agências internacionais de notícias e pela mídia ocidental, no sentido de que todos na RPDC são obrigados a cortar o cabelo da mesma forma que o 1º Secretário do Partido do Trabalho da Coréia, Kim Jong Un – para fotografar através do vidro da barbearia as **sugestões de corte de cabelo**, constatando que nenhum deles é similar ao de Kim Jong Un. Aliás, durante toda nossa estadia na Coréia, não conseguimos ver ninguém que usasse o corte de cabelo do atual líder maior da RPDC, o que não seria nenhum problema se ocorresse. Mas, esse fato serve para mostrar o quanto o mundo está desinformado acerca da Coréia, por conta do controle que os Estados Unidos têm nos dias de hoje sobre a quase totalidade das agências internacionais de notícias.

ARCO DO TRIUNFO

O final da tarde nos serviu para visitarmos o **Arco do Triunfo** de Pyongyang, inaugurado em 1982, por ocasião dos 70 anos do Presidente Kim Il Sung e em memória do seu retorno triunfal ao país depois da libertação da Coréia da



dominação japonesa. A sua localização é próxima ao local onde Kim Il Sung fez um pronunciamento histórico, ao retornar a Pyongyang depois da vitória sobre os japoneses.

Ele foi construído com 10.500 peças de granito, tem 60 metros de altura e 52,5 metros de largura; suas arcadas têm 27 metros de altura e 18,6 metros de largura. Suas dimensões são maiores que as do Arco do Triunfo de Paris.

A moldura de cada arcada é formada por 70 blocos de granito, simbolizando os 70 anos de Kim Il Sung. No seu interior existem dezenas de salas, escadas, elevadores e miradores. Em suas faces maiores estão colocados quatro conjuntos escultóricos, esculpidos em gigantescas placas de cobre, representando a luta do povo coreano sob a liderança do Presidente Kim Il Sung.

ESTAÇÃO DE TRENS

Após o jantar, fiz uma caminhada nas cercanias do Hotel Koryo, com o objetivo de apreciar o belo prédio da **Estação de Trens** iluminado e observar o movimento dos moradores de Pyongyang à noite. Novamente, fiz minha caminhada solitária com total liberdade, sem que ninguém me importunasse. Acostumado com o Brasil, estranhei a ausência de policiais nas ruas, apesar de já ser noite.

Chegando à praça onde está a referida Estação, pude constatar a presença de um grande número de pessoas assistindo em um telão os melhores momentos dos principais jogos da Copa do Mundo, que há poucos dias havia se encerrado no Brasil.

Aliás, o povo coreano acompanhou atentamente a Copa do Mundo pela televisão, lamentando a derrota do Brasil, por quem torciam e a quem consideram o país que joga o melhor futebol do planeta.

20 de julho

MUSEU DA AMIZADE INTERNACIONAL

Às 8h da manhã do domingo, 20 de julho, partimos do Hotel Koryo rumo ao Monte Myohyang, ao norte de Pyongyang, para uma visita ao **Museu de Exposição da Amizade Internacional**. O prédio, em estilo coreano tradicional, possui seis andares e ocupa uma superfície total de 46.000 m², tendo sido inaugurado em 1978.

Ali estão expostos para o público em geral, em cerca de 100 salas, 113.000 objetos, obras de arte e peças artesanais oferecidas ao Presidente Kim Il Sung por chefes de Estado e de Governo, personalidades e instituições sociais e políticas, de mais de 170 países. Pela riqueza



e beleza do seu acervo, também é conhecido como Museu de Belas Artes e Tesouros do Mundo.

Após visitar parcialmente esse prédio – a visita completa exigiria vários dias – caminhamos até o **segundo prédio** do complexo, dedicado à exposição dos 70 mil presentes oferecidos ao Generalíssimo Kim Jong Il e dos 40 mil presentes oferecidos ao Marechal Kim Jong Un. Da mesma forma, só visitamos parcialmente esse segundo prédio, também em estilo tradicional coreano e igualmente com em torno de 100 salas, organizadas por continentes, países e origem dos presentes.

TEMPLO DE PAYON

Após a visita ao Museu da Amizade Internacional, nos deslocamos até o **Templo Budista de Payon**, também no Monte Myohyang, construído no século XI (1042). O referido templo foi duramente bombardeado pelos Estados Unidos durante a Guerra da Coreia – sem qualquer consideração com seu caráter histórico e religioso –, sendo que do total de 24 prédios que existiam, só restaram 10, reconstruídos.

Restaurado com grande cuidado pelo governo da RPDC, hoje o Templo Payon além de ser um local de visitação é um ativo centro religioso budista, onde são realizadas inúmeras cerimônias religiosas.

Aliás, a liberdade de crença religiosa foi assegurada a todos os cidadãos da RPDC desde o primeiro dia do Poder Popular. Sua Constituição, no artigo 68, assegura: “O cidadão tem liberdade de crença religiosa. Esse direito é garantido com a permissão para construir edifícios e celebrar cerimônias religiosas.”

Em 1989, foi criado o Conselho de Religiosos da Coreia, uma organização não governamental que engloba a Associação Xintoísta da Coreia, a Federação Budista da Coreia, a Federação Cristã da Coreia, a Associação Católica da Coreia e o Comitê Coreano da Igreja Ortodoxa. Em 1991, ele se associou à Conferência Mundial Religiosa pela Paz.

Em nossa visita ao Templo Budista de Payon tivemos a possibilidade, inclusive, de tirar uma foto com o monge responsável pelo mesmo.



HOTEL DE CHONGCHON

O nosso almoço ocorreu nesse domingo no belo Hotel de Chongchon, a beira do rio Myohyang, em estilo coreano tradicional.

Após o almoço, retornamos à Pyongyang, aonde chegamos em torno das 17h.

APARTAMENTOS PARA PROFESSORES DA UNIVERSIDADE KIM IL SUNG

Nossa visita seguinte foi a um dos blocos de apartamentos construídos especialmente para os professores e os pesquisadores da Universidade Kim Il Sung, os quais são altamente valorizados pelo governo e pelo povo coreanos, por sua enorme contribuição ao desenvolvimento tecnológico e econômico do país.

Aliás, a bandeira do Partido do Trabalho da Coreia, além do tradicional martelo – que representa os operários – e a foice – que representa os camponeses –, traz ao centro um pincel, simbolizando os intelectuais. Essas são, no entender dos coreanos, as três forças motrizes da revolução.

O moderno arranha-céu, de linhas arroçadas – que sem ser luxuoso mostra o cuidado com os detalhes e a qualidade da construção – abriga mais de 300 apartamentos, dos quais visitamos um. Recebidos cordialmente pelo professor e sua família, visitamos suas diversas dependências e tomamos conhecimento de que a sua área total é de mais de 200 m².

O professor nos informou que o apartamento lhe havia sido cedido gratuitamente, com todos os móveis e eletrodomésticos necessários, incluída uma moderna televisão de tela LCD. Além disso, o prédio está situado próximo da Universidade Kim Il Sung, onde trabalha.

Para registrar o momento, tiramos uma foto junto com o Professor e nos despedimos com uma sadia inveja, pensando nos graves problemas habitacionais que ainda vive o nosso povo, apesar dos enormes avanços obtidos nos últimos anos com os projetos habitacionais de Lula e Dilma, que até o final deste ano terão construído em torno de três milhões de moradias, além de outras já contratadas ou em construção.

É preciso dizer que durante os sete dias que estivemos na RPDC – apesar de termos circulado por toda capital e por diversas regiões do país – não vimos uma única favela e tomamos



conhecimento de que todo cidadão coreano tem acesso a uma residência digna, proporcionada pelo Estado. Mesmo ao percorrermos regiões rurais, constatamos a existência de moradias adequadas para a população do campo.

Em relação à habitação, a Constituição da RPDC afirma em seu artigo 25 que “O Estado assegura a todos os trabalhadores plenas condições para a alimentação, a vestimenta e a moradia”, o que é reforçado no artigo 28, em relação às áreas rurais: “O Estado assume a construção dos estabelecimentos de produção e moradias modernas nas granjas cooperativas”.

PARQUE DE PATINAÇÃO

Ao cair da tarde, visitamos o **Parque Popular de Patinação**. No imenso pavilhão coberto está a pista artificial de patinação no gelo que, infelizmente, encontrava-se em manutenção. Nesse mesmo pavilhão, havia mais de uma dezena de mesas de pingue-pongue, onde jovens coreanos e coreanas treinavam e onde aproveitamos para experimentar nossas habilidades, sem muito sucesso...

A seguir, visitamos a pista ao ar livre – para a patinação sobre rodas, skate e outras modalidades que desconhecíamos.

Este é mais um dos diversos centros de lazer, cultura e entretenimento qualificados que o Estado coreano tem construído nos últimos anos, para uso do povo. Dali, retornamos ao Hotel Koryo para jantar, depois de mais um dia de muitas atividades.

21 de julho TORRE DA IDÉIA JUCHE

Na manhã do dia 21 de julho, segunda-feira, as nossas atividades se iniciaram às 8h30min, com uma visita à **Torre da Idéia Juche**, inaugurada em 15 de abril de 1982, por ocasião dos 70 anos do Presidente Kim Il Sung, elaborador da Idéia Juche. De forma sintética, a Idéia Juche expressa a compreensão de que as massas populares são as donas da revolução e da construção do país e a sua força propulsora, e que cada um é senhor do seu próprio destino e possui em si mesmo a força que o forja.

O monumento constitui-se de um obelisco de 170 metros de altura, formado por 25.500 blocos de granito branco, lavrados com esmero, encimado por uma tocha de 20 metros de altura e 45



toneladas de peso, feita com um material especial de cor vermelha que – mediante efeitos especiais de iluminação – assemelha-se à noite a uma tocha flamejante. Tivemos a oportunidade de subir até a parte superior da Torre da Idéia Juche através de um elevador, onde pudemos apreciar, desde um mirador, uma bela vista panorâmica, de 360 graus, da cidade de Pyongyang. A Torre da Idéia Juche está alinhada com a Praça Kim Il Sung e dela separada pelo Rio Taedong, também conhecido como Okryu por suas águas azuis transparentes

Na face frontal do obelisco, vemos um grupo escultórico de 30 metros de altura, onde estão representados um operário, um camponês e um intelectual, que erguem em suas mãos, respectivamente, um martelo, uma foice e um pincel – símbolos do Partido do Trabalho da Coréia –, expressando o seu papel na condução da revolução socialista. Ao lado direito e esquerdo do obelisco, distribuem-se seis conjuntos escultóricos materializando a Idéia Juche na indústria, na agricultura, na educação, na saúde pública, na defesa nacional e nas ciências e artes.

DEPARTAMENTO INTERNACIONAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA CORÉIA

Às 9h30min, a delegação teve uma reunião com o Departamento Internacional do Partido do Trabalho da Coréia. Participaram da reunião, entre outros – além da delegação brasileira e do tradutor Kim Hyong Il –, o Vice-Diretor do Departamento Internacional do Partido do Trabalho da Coréia, Pak Gun Kwang, o Sr. Ri Nam Jun e o Sr. Ri Hyok. A reunião – que durou quase uma hora e meia – permitiu um amplo intercâmbio de idéias sobre a realidade brasileira e a realidade coreana.



De nossa parte, agradecemos o carinho com que a nossa delegação estava sendo recebida na Coréia e manifestamos a nossa grata surpresa diante dos grandes avanços que o povo coreano estava obtendo. Da mesma forma, expressamos o nosso orgulho pelo fato do Brasil não ter tomado parte da agressão armada dos Estados Unidos contra a Coréia, entre 1950 e 1953, graças à grande campanha que o Partido Comunista do Brasil realizou contra o envio de tropas brasileiras à Guerra da Coréia.

A seguir, apresentamos de forma resumida as importantes conquistas do povo brasileiro nos últimos 11 anos, na retomada do desenvolvimento econômico, no enfrentamento da miséria, na diminuição do desemprego, na inclusão social, na crescente democratização do país e na afirmação da soberania nacional. Também analisamos o processo de integração latino-americana e os avanços econômicos e sociais no continente, onde a maioria dos governos têm assumido um caráter progressista e anti-neoliberal.

O Vice-Diretor do Departamento Internacional do Partido do Trabalho da Coréia, Pak Gun Kwang, após referir às ótimas relações entre o Partido do Trabalho da Coréia e o Partido Comunista do Brasil, manifestou o interesse da RPDC em aprofundar os laços econômicos, comerciais, culturais e diplomáticos com o Brasil.

Pak Gun Kwang historiou a dura caminhada do povo coreano, começando pela luta de libertação frente ao imperialismo japonês – que submeteu o povo coreano a mais brutal exploração e opressão –, passando pela guerra de extermínio e de “terra arrasada” que o imperialismo norte-americano e outros 15 países (sob a bandeira da ONU) realizaram contra o povo coreano entre 1950 e 1953, e que hoje segue através das ameaças permanentes que os Estados Unidos – a mais poderosa e mais agressiva potência nuclear do mundo – fazem contra a RPDC. Dura caminhada que forjou uma sólida unidade entre o Partido, o Povo e o Exército coreanos.

Pak Gun Kwang discorreu ainda sobre os grandes avanços que a RPDC vem experimentando nos últimos anos, sob a direção de Kim Jong Un, e que vem mudando a fisionomia da nação, visando à construção de um Estado poderoso e rico. Destacam-se, nesse sentido, inúmeros projetos e programas sociais nas áreas da moradia, da saúde, da educação, do lazer e da cultura. Para o ano de 2014, as prioridades são a ciência e a tecnologia, a agricultura e a construção.

A situação é tensa devido às maquinações dos Estados Unidos e do atual governo da Coreia do Sul, que fazem de tudo para impedir qualquer avanço no sentido da paz e da reunificação do país. A RPDC tem realizado os maiores esforços no sentido de melhorar as relações entre o Norte e o Sul e de buscar a reunificação. Os EUA e o atual governo da Coreia do Sul respondem realizando contínuos e agressivos exercícios militares conjuntos. Entre fevereiro e abril deste ano, foram feitos diversos desses exercícios militares; no dia 11 de julho foi enviado um poderoso **porta-aviões** para a Coreia do Sul e anunciados novos exercícios em agosto. Apesar das provocações, a guerra não acontece devido ao poderio militar da RPDC.

Os Estados Unidos mantém 30 mil soldados e mais de 1.000 artefatos nucleares na Coreia do Sul. Ameaçam permanentemente a RPDC com seus bombardeiros B52 e suas bases nucleares no Havaí e em Guam. Por isso a RPDC viu-se obrigada a desenvolver suas armas nucleares. Os EUA não conseguem lidar com a RPDC devido ao seu poderio nuclear. Essa é a única garantia da paz.

Tentam, então, usar uma vez mais a ONU contra o país, impondo-lhe todo o tipo de sanções. Até o direito de lançar satélites lhe negam, sob a acusação de que está realizando testes com foguetes balísticos. Algo que eles dispõem aos milhares, sem sofrer qualquer sanção.

Pak Gun Kwang concluiu sua exposição afirmando que “por essas razões a RPDC persevera na política de Songun, que significa colocar a questão militar e a defesa do país em primeiro



lugar. O que aconteceu no Iraque e na Líbia, e hoje acontece na Síria, nos mostra a justeza dessa política. O cerco militar dos EUA causa muitas dificuldades à RPDC, que precisa desviar enormes recursos da construção econômica e do bem estar do seu povo, para garantir a sua existência como nação. Mas venceremos, devido à grande unidade entre o Líder, o Partido, o Povo e o Exército.”

A reunião foi concluída com o convite do Vice-Diretor Pak Gun Kwang à nossa delegação para um jantar de confraternização nessa mesma noite.

PALÁCIO DE ESTUDO DO POVO

Em torno das 11h, fizemos uma visita ao **Palácio de Estudo do Povo**, situado na colina Namsan, na área central de Pyongyang, com 100.000 m² de área construída, que conserva 30 milhões de livros – 60% dos quais estrangeiros – e recebe diariamente mais de 12 mil usuários. O acesso às obras se dá através de um sistema em rede, onde o estudante pesquisa em um catálogo eletrônico e o solicita através de um cartão personalizado, tudo de forma automatizada. Os livros podem, inclusive, ser retirados em empréstimo, pelo prazo de 20 dias

São 20 modalidades de livros, sendo que 70% versam sobre temas científicos e técnicos. Grande parte do acervo já está digitalizado e há uma equipe de 100 especialistas trabalhando permanentemente na tradução de obras estrangeiras, para torná-las mais acessíveis à população.

Apesar de seus dez andares e de suas enormes dimensões, a sua construção foi realizada em apenas um ano e nove meses, ao custo de 100 milhões de dólares, tendo sido inaugurado em abril de 1982. O Palácio de Estudo conta com 638 salas de leitura, audição musical, aulas, palestras e consultas. Algumas dessas salas têm capacidade para 400 ou 800 pessoas, e ali são projetadas películas científicas. As salas de consulta são para assuntos científicos e para assuntos sociais, contando com doutores à disposição dos usuários.

No Palácio de Estudo do Povo, além dos cursos diurnos, são realizados cursos noturnos, possibilitando a sua frequência pelos trabalhadores. Entre os cursos mais comuns estão os de línguas estrangeiras – inglês, francês, russo, chinês e alemão –, de ciências econômicas e das obras dos líderes revolucionários. Participam de seus cursos presenciais, em média, cinco mil estudantes. Também são disponibilizados cursos por correspondência, facilitando o estudo para aqueles que trabalham. Da mesma forma, é um espaço para conferências e debates.



ENCONTRO COM A DIREÇÃO DE DIVULGAÇÃO AO EXTERIOR

Às 11h40 nos dirigimos para o Hotel Koryo onde, antes do almoço, tivemos uma reunião com funcionários da Direção de Divulgação ao Exterior, responsável pela publicação de obras de autores coreanos em línguas estrangeiras. Na ocasião, além do intercâmbio de idéias, nos presentearam algumas publicações em espanhol e em inglês sobre a Coreia e obras dos grandes líderes da revolução coreana.



HOSPITAL DE ESTOMATOLOGIA

Às 14h30min dessa segunda-feira, após o almoço, visitamos o Hospital de Estomatologia (dentes e boca) de Ryukyong, em Pyongyang. Esse moderno hospital para tratamento odontológico e das doenças da boca foi construído em menos de sete meses, sendo que suas obras foram iniciadas em 19 de março de 2013 e concluídas em 13 de outubro do mesmo ano.



O mais insólito, para nós brasileiros, é que foi construído pelo Exército, que na RPDC se destaca por efetuar tarefas não só atinentes à defesa do país, mas também na construção das mais variadas obras – como represas, estradas, ferrovias, centrais elétricas, prédios públicos, conjuntos habitacionais e centros de esporte e lazer.



Com 5.000 m2, atende de 250 a 300 pessoas dia, Conta com 30 modernos equipamentos para o tratamento dentário e ali trabalham 60 dentistas e 60 enfermeiros. Equipamentos de Raios-x e de diagnóstico de alta tecnologia, retirada de tártaro com ultra-som, implantes, produção e colocação de próteses, são alguns dos tantos tratamentos ali realizados.

Chamou-nos a atenção o fato de que cada paciente é atendido por duas pessoas: o dentista e um auxiliar (enfermeiro ou assistente). Ali também são fornecidas informações sobre a prevenção bucal e a população pode ter acesso a escovas comuns ou inter-dentais, dentífricos, etc. – tanto produzidos internamente como importados.

Todo o atendimento é gratuito, tendo em vista o que dispõe o artigo 56 da Constituição do país: “O Estado protege a vida e a saúde da população através do desenvolvimento e consolidação do sistema de tratamento médico gratuito geral, da medicina zonal e da medicina preventiva.”

Saimos dali positivamente impressionados pela qualidade do atendimento odontológico e bucal proporcionado aos cidadãos coreanos, conscientes do quanto ainda temos que avançar nesse terreno no Brasil, onde a imensa maioria da população encontra-se desprotegida quanto ao tratamento odontológico e bucal.

HOSPITAL PARA CRIANÇAS DE OKRYU

Nossa visita seguinte foi ao Hospital para Crianças de Okryu, também em Pyongyang. Da mesma forma que o Hospital de Estomatologia, ele foi construído em tempo recorde, com a participação do Exército. Iniciado em março de 2013, já em outubro desse mesmo ano abriu as suas portas para atender a população infantil de Pyongyang. Ou seja, a obra física e a instalação dos equipamentos duraram menos de oito meses!



São 32.800 m2, construídos, com 300 leitos, onde trabalham 170 médicos e 200 enfermeiros. Na ocasião, encontravam-se internados cerca de 220 crianças, além dos mais de 300 pacientes/dia que são atendidos na área ambulatorial. Conta, ainda, com um heliporto para o rápido transporte de seus pacientes.



Chamou a atenção de todos nós a modernidade dos equipamentos médicos – seja de Raios-X, ultra-som, tomografia computadorizada ou leitos hospitalares – e os cuidados com a decoração e com os demais detalhes do ambiente hospitalar, tendo em conta que os seus pacientes são crianças, buscando garantir-lhes um ambiente estimulante e atrativo.

Ali, por exemplo, as crianças hospitalizadas que estejam cursando o ensino fundamental ou o ensino médio têm a possibilidade de continuar estudando, contando com salas apropriadas e com o apoio de professores, de forma a não sofrerem prejuízo em seus estudos.



Um dos setores que nos chamou a atenção é para crianças com dificuldades para caminhar – seja por mal-formação ou por qualquer outra causa –, onde é desenvolvido um trabalho especializado para capacitá-las a superar esses problemas.

Por fim, tem enorme relevância o fato de que esse hospital de excelência está conectado através da rede nacional de computadores, por som e vídeo, com 300 outros hospitais das

diferentes províncias da RPDC, sistema através do qual os médicos dos demais hospitais intercambiam idéias, em tempo real, com os médicos do Hospital para Crianças de Okryu, permitindo um melhor diagnóstico das suas enfermidades. Inclusive – conforme pode ser observado em foto anexa –, assistimos ao vivo uma dessas consultas através do vídeo.

Mais uma vez, saímos admirados pela qualidade da atenção à saúde e com os cuidados da RPDC para com a sua população e perplexos em relação à manipulação da opinião pública mundial pelas grandes agências internacionais de notícias – na sua quase totalidade controlada pelos Estados Unidos – que nos tentam apresentar a República Popular Democrática da Coreia como um país atrasado, com uma população privada dos bens essenciais a uma vida digna. Certamente, a Coreia é o país onde é mais clara a distância entre a realidade e a falsidade da “versão”, apresentada e repetida incansavelmente pela mídia ocidental.

MONUMENTO AO PARTIDO DO TRABALHO DA CORÉIA

No final da tarde, a nossa delegação visitou o **Monumento à Fundação do Partido do Trabalho da Coreia**, inaugurado em 1995, por ocasião das comemorações dos 50 anos de fundação do Partido.

O imponente monumento – que ocupa uma área de 250 mil metros quadrados, às margens do Rio Taedong – foi erguido em menos de um ano e é formado por uma estrutura cilíndrica de 50 metros de diâmetro, construída com blocos de pedra, sobre a qual se erguem três fortes mãos, que empunham um martelo, uma foice e um pincel, simbolizando a unidade de operários, camponeses e intelectuais no Partido. Sua altura – da mesma forma que o diâmetro da base cilíndrica – é de exatos 50 metros, simbolizando os 50º aniversário do Partido do Trabalho da Coreia, fundado em 10 de outubro de 1945, logo após a vitória sobre o imperialismo japonês.

Na parte frontal do cilindro que forma sua base está escrito, em coreano, “Viva o Partido do Trabalho da Coreia organizador e orientador de todas as vitórias do Povo Coreano!” Nas paredes internas desse cilindro de pedra, estão gravadas em alto relevo, em bronze, imagens simbolizando a história do Partido.

FÁBRICA TEXTIL KIM JONG SUK

Após a visita ao Monumento ao Partido, nos deslocamos até a histórica **Fábrica Têxtil Kim Jong Suk** (Kim Jong Suk era a esposa do Presidente Kim Il Sung), que foi idealizada em outubro de 1948 e inaugurada dois dias antes do início da “Guerra da Coreia”, em junho de 1950, tendo sido duramente bombardeada pelos Estados Unidos, que quase a destruiu completamente.



Reconstruída após a guerra, hoje ela possui em torno de 8.500 empregados – dos quais **70% são mulheres** – que trabalham em três turnos de 8h, operando modernas máquinas e tendo o domingo como descanso. Aliás, o artigo 30 da Constituição é claro ao definir a jornada normal de 8 horas, sem prejuízo de jornadas menores nos trabalhos mais penosos: “A jornada de trabalho é de oito horas. O Estado aplica uma jornada mais curta, de acordo com o grau de dificuldade do trabalho e outras condições específicas”

A fábrica possui creche e jardim de infância para 1.000 crianças, duas bibliotecas (sendo uma digital), um ambulatório e um hospital com 300 leitos. Para as operárias solteiras foi construído, próximo à fábrica, um conjunto habitacional com 330 apartamentos, cada um com capacidade para sete pessoas, abrigando mais de 2.300 trabalhadoras, que têm assegurado gratuitamente o seu direito à moradia.

O moderno prédio de sete andares – inaugurado em 18 de outubro de 2013 – foi construído pelo Exército em apenas 180 dias, sendo formado por diversos blocos. Ele conta com um refeitório para 600 pessoas em área coberta e 200 pessoas em área aberta. Em cada bloco há uma loja de artigos de primeira necessidade, ambulatório, salão de beleza, biblioteca, sala de estar com televisão e lavanderia. Os apartamentos possuem aquecimento elétrico e geotérmico e também dispõem de televisão. Na área externa aos blocos, foram construídas canchas poliesportivas para uso das trabalhadoras.

JANTAR DO DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

No início da noite, após o retorno ao hotel, participamos do jantar oferecido pelo Vice-Diretor do Departamento Internacional do Partido do Trabalho da Coreia, Pak Gun Kwang, ocasião em que – além dos tradicionais brindes – tivemos oportunidade de aprofundar o intercâmbio de idéias sobre a realidade coreana e seus desafios, assim como sobre os possíveis campos de colaboração entre o Brasil e a RPDC.



22 de julho

COMPLEXO HIDRÁULICO DO MAR DO OESTE

Na terça-feira, 22 de julho, saímos às 8h da manhã para uma visita à Complexo Hidráulico do Mar do Oeste, ao sul de Pyongyang, onde o Rio Taedong desemboca no mar. Essa monumental obra – realizada pelo Exército e concluída em 1986 – permitiu regular o regime do Rio Taedong, que com seus 450 km de extensão banha a capital da Coreia.

Devido a que aqui o nível do mar sobe até sete metros, por ocasião da maré alta, a água salgada chegava até Pyongyang, impossibilitando o abastecimento de água para a população da capital e tornando não agriculturáveis grandes extensões de terra. Com realização da obra – concluída em cinco anos – foram reguladas suas inundações e secas e viabilizada a recuperação e a irrigação de mais de 300.000 hectares de terras. Além disso, foram aumentados os calados dos rios Taedong e Jaeryong e estabeleceu-se uma ligação rodoviária e ferroviária entre as duas margens do Rio Taedong, na sua foz.

Essa obra ciclópica – planejada em seus detalhes pelo Presidente Kim Il Sung – tem 45 metros de altura e oito quilômetros de extensão – sendo cinco quilômetros de pedra e cimento, 1,5 quilômetros da barragem propriamente dita e 1,5 quilômetros de seu sistema de 36 comportas e três eclusas – e foi inteiramente desenvolvida com engenharia, equipamentos e materiais coreanos. Sua profundidade varia de 200 a 250 metros e sua largura é de 15 a 16 metros. Suas três eclusas – para barcos de 2.000, 20.000 e 50.000 toneladas – estão formadas por pontes giratórias e podem funcionar simultaneamente, permitindo a passagem de um navio em apenas 45 minutos. Suas 36 comportas permitem regular o escoamento das águas, tanto nas cheias quanto nas vazantes do rio. Sua capacidade de transporte anual de cargas é de 45 milhões de toneladas.

Posteriormente, a construção de outras obras hidráulicas ao longo do Rio Taedong – como as eclusas de Mirim, Ponghwa e outras – permitiu conectar através de um grande canal aquático o leste e o oeste do país.



GRANJA COOPERATIVA DE CHONGSAN

Após a visita ao Complexo Hidráulico do Mar do Oeste, visitamos a Granja Cooperativa de Chongsan, situada nas proximidades. O clima chuvoso não nos permitiu uma visita mais completa, mas tivemos a possibilidade de conhecer seu principal núcleo urbano e de conversar com um dos dirigentes da referida cooperativa.

Segundo o que nos foi relatado, logo após a expulsão dos imperialistas japoneses, as terras que vieram a formar a cooperativa eram exploradas individualmente por diferentes famílias. Em Outubro de 1952, após uma reunião com o Presidente Kim Il Sung, foi aprovada a criação da cooperativa, a qual foi organizada através de um sistema de vilas cooperativadas. Em cada uma delas, os rendimentos da produção passaram a ser distribuídos segundo a qualidade do trabalho e o número de horas trabalhadas.

Seus 2.500 hectares são utilizados para a produção de arroz, milho, soja, batatas, trigo, cevada, hortaliças (100 hectares) e frutas (143 hectares), além da criação de gado. No núcleo urbano, pudemos observar uma grande quantidade de modernas estufas, utilizadas na produção agrícola intensiva.

Perguntado sobre a produtividade do arroz, foi-nos informado que é de em torno de 8,6 toneladas por hectares e que algumas culturas – como milho, batata e hortaliças – proporcionam dois ou três safras. A produção é bastante mecanizada (tratores, colheitadeiras e semeadoras), sendo feito algum beneficiamento da mesma.

No prédio de administração da Granja, visitamos diversas estruturas auxiliares à produção, entre as quais a sala de comando – que se interconecta através de uma rede de computadores aos diversos núcleos da cooperativa e a outros centros de produção e de pesquisa fora da cooperativa –, a sala de pesquisas e análises e a biblioteca digital.

No núcleo urbano principal da Cooperativa existe um Centro Cultural, construído em 1971, com um amplo auditório, onde ocorrem projeções cinematográficas, peças teatrais, apresentações artísticas, palestras e reuniões da comunidade. Pudemos constatar, ainda, a excelente qualidade das habitações dos cooperativados.

Após o encerramento da visita, retornamos a Pyongyang, onde almoçamos.



PAVILHÃO DE GOLFINHOS DE RUNGRA

Logo após o almoço, nos dirigimos ao Palácio de Golfinhos de Rungra – imponente e moderno prédio – para assistir ao espetáculo de seus golfinhos amestrados. Após uma visita ao Aquário aí existente, nos sentamos nas arquibancadas que circundavam a ampla piscina elíptica onde os golfinhos se apresentam. Apesar de ser uma tarde de terça-feira, um enorme público de jovens e adultos se fazia presente.



Não nos foi permitido fotografar o espetáculo, mas todos nós ficamos surpresos com o desempenho quase humano dos golfinhos, capazes das mais difíceis atividades a partir do comando de suas treinadoras. Mas o que mais nos deixou impressionados foi a sua capacidade de contar a partir da visualização de uma tabela onde eram colocadas somas ou subtrações, sugeridas pelo público. Após olhá-las, os golfinhos iam até uma pequena alavanca existente na borda da piscina e a acionavam tantas vezes quantas fossem necessárias para marcar o resultado da operação matemática!

Sem dúvida, a visita ao Pavilhão dos Golfinhos de Rungra, além de prazerosa, nos serviu para interagir com a população de Pyongyang, em um de seus momentos de lazer.

PARQUE DE DIVERSÕES DE RUNGRA

Concluído o espetáculo dos golfinhos, nos dirigimos ao Parque Popular de Diversões de Rungra. Infelizmente o mau tempo fez com que a maioria dos brinquedos ao ar livre estivesse desativada e o público fosse pouco numeroso. Restou-nos visitar o pavilhão de brinquedos eletrônicos, onde pudemos observar os seus apreciadores divertindo-se.



PALÁCIO DE CRIANÇAS DE PYONGYANG

A seguir, fizemos uma visita ao **Palácio de Crianças e Alunos de Pyongyang** – inaugurado em 1963 –, que serve como um centro de educação extra-escolar para crianças e alunos que – terminadas as aulas em suas escolas – para ali se dirigem com o objetivo de participarem de suas variadas atividades através de círculos. Cinco mil crianças realizam diariamente atividades em suas dependências.

O Palácio tem uma área construída de 50 mil metros quadrados e conta com mais de 500 salas, das quais mais de 200 são para estudo e atividades nas áreas de ciências sociais e



naturais, arte e literatura, esportes, indústria e agricultura. Sua biblioteca possui mais de 100 mil livros e uma sala de leitura com mais de 200 assentos. Ele dispõe de um ginásio para 500 pessoas e um teatro com 1.100 lugares. No seu décimo andar funciona um observatório astronômico.

Em nossa visita ao Palácio, pudemos assistir práticas de acordeão, de instrumentos típicos da Coreia e de Taekwondo. Após, tivemos a oportunidade de apreciar um espetáculo de crianças, que fizeram uma belíssima e expressiva apresentação de música, canto, dança e teatro, muito aplaudida pela nutrida platéia presente no teatro.



MONUMENTO DO MONTE MANSU

A seguir, nos deslocamos até o Monte Mansu, onde se encontra o **Monumento** em homenagem aos líderes históricos do povo coreano – Presidente Kim Il Sung e Generalíssimo Kim Jong Il. Na ocasião, a delegação brasileira depositou flores em seu monumento, em um gesto de homenagem a esses grandes dirigentes revolucionários da nação coreana.

O monumento, inaugurado em 1972, é composto pelas estátuas de Kim Il Sung e Kim Jong Il, tendo ao fundo um mural de 12,25 metros de altura e 70 metros de comprimento, onde está representado o histórico Monte Paektu. Em ambos os lados das estátuas, elevam-se dois conjuntos escultóricos que representam, respectivamente, o período da luta revolucionária antijaponesa e o período da revolução e da construção socialista.



CLUBE DE EQUITAÇÃO MIRIM

No final da tarde nos dirigimos ao **Centro de Equitação Mirim**, antigo Centro de equitação militar criado em 1992, que em 2012 foi transformado por Kim Jong Un – 1º Presidente do Comitê de Defesa Nacional – em um centro de equitação para crianças.

Em uma ampla área – que abrange espaços abertos e espaços fechados para cavalgar, cocheiras, salas de aula e administração – meninos e meninas têm a possibilidade de praticar a equitação, algo que no Brasil é privilégio somente das pessoas abastadas.

Além de conhecer esse espaço de esporte e lazer para as crianças coreanas, aproveitamos a oportunidade para experimentar nossas habilidades equestres, sem sofrer nenhuma queda...



ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA AGRICULTURA

De retorno ao Hotel Koryo, tivemos uma reunião com o Sr. Choc Chol Ho (e outro colega) da Academia de Ciências da Agricultura da RPDC e do Departamento de Intercâmbios Científicos e Tecnológicos com o Exterior.

De nossa parte, discorremos sobre a importância da agricultura e da pecuária gaúchas no contexto nacional – com destaque para a soja, o arroz, o trigo, o fumo, o milho e as carnes – e sobre o alto nível tecnológico da produção e da pesquisa agropecuárias em nosso Estado. Da mesma forma, informamos sobre a liderança do Rio Grande do Sul no campo da indústria de máquinas agrícolas e a excelência na produção de sementes, o que poderia ensejar algum tipo de colaboração mútua com a Coreia.

O Sr. Choc Chol Ho fez uma breve exposição sobre a agricultura na RPDC, referindo-se à carência de terras cultiváveis do país, devido ao seu relevo montanhoso (80%), e informou que os principais produtos colhidos na Coreia são o arroz e o milho, seguidos pela batata e, em seguida, pelo trigo e a cevada.

Segundo ele, a Academia de Ciências da Agricultura da RPDC está dedicada à investigação de novas sementes, que aumentem a produtividade da agricultura coreana e manifestou o seu interesse em que uma delegação coreana visite o Rio Grande do Sul. Da mesma forma, a Coreia está pronta para receber uma delegação do nosso Estado.

Ao concluir a reunião, sintetizamos os possíveis pontos de colaboração: 1) desenvolvimento de sementes; 2) tecnologias de cultivo; 3) conservação da fertilidade do solo; 4) mecanização agrícola (desenvolvimento de máquinas e combustíveis adequados à realidade do país); 5) Criação de animais.



23 de julho

LINHA DEMARCATÓRIA DE PANMUNJON

Na quarta-feira, 23 de julho, saímos do hotel às 8h da manhã para Kaesong, ao sul de Pyongyang, aonde chegamos às 10h. De Kaesong nos deslocamos até Panmunjon, situada a 8 km, por onde passa a linha demarcatória que separa o norte e o sul da Coreia e onde foi assinado o acordo de armistício de 1953.

Na localidade de Panmunjon, após uma espera de 15 minutos, a nossa delegação – acompanhada de um capitão norte-coreano – adentrou na área desmilitarizada e dirigiu-se até o local onde passa a linha demarcatória, onde postos de observação e soldados de ambos os lados se defrontam e se vigiam, dia e noite, a poucos metros de distância. Nessa área, os militares só podem portar armas pessoais de pequeno calibre.



Ali, depois de visitar o enorme prédio do lado norte e observar o seu equivalente no lado Sul, visitamos a sala conjunta (sobre a linha demarcatória) onde ocorrem as negociações permanentes entre as duas partes, relativas à implementação do armistício e para sanar eventuais conflitos. Nessa sala conjunta, a entrada pode ocorrer tanto pelo norte quanto pelo sul.

Nela, fotografamos as bandeiras dos 15 países que enviaram tropas para ajudar os Estados Unidos na sua agressão à Coreia e, com orgulho, comprovamos que a bandeira brasileira não figurava. Não por acaso, pois o Brasil foi fortemente pressionado pelos Estados Unidos a enviar tropas para a Coreia, não o tendo feito devido à forte campanha realizada pelo Partido Comunista do Brasil contra a participação do nosso país na Guerra da Coreia.

Após, visitamos o local onde foi negociado o armistício e o pavilhão onde o mesmo foi assinado. Ambos prédios ficam dentro da zona desmilitarizada, no território da RPDC.

Encerrada a visita a Panmunjon, almoçamos e a seguir nos dirigimos à Tumba e ao Museu do Rei Wangkon para uma visita.



TUMBA DO REI WANG KON E MUSEU DA DINASTIA KORYO

Os antecessores da nação coreana ingressaram na Idade do Bronze no final quarto milênio aC e criaram a Civilização Taedonggang. Surgiu, então, o primeiro Estado da nação coreana – conhecido como Joson Antigo e fundado pelo Rei Tangun. Civilização que irá durar cerca de três mil anos, até 108 aC.

Em 277 aC, emerge o primeiro Estado Feudal da Coreia, que rapidamente se expande, submetendo progressivamente os demais reinos. No início do século V dC, o Estado de Koguryo já domina um território de 2.400 km de leste a oeste e de 2.000 km de norte a sul. Sua capital é Pyongyang.

Em 918, o Rei Wangkon estabelece a dinastia Koryo, tendo por capital a atual cidade de Kaesong, unificando pela primeira vez a nação coreana. A dinastia Koryo durou até 1392, quando surge a dinastia feudal Joson, o último Estado feudal da nação coreana, que no início do século XX será dominado pelos japoneses.



É exatamente a tumba reconstruída do Rei Wangkon, fundador da dinastia Koryo, e o Museu dessa civilização que tivemos a oportunidade de visitar, logo após o almoço, de forma conhecer um pouco dessa antiga nação, cuja história remonta a cinco mil anos.

MONUMENTO PELA REUNIFICAÇÃO DA PÁTRIA

De volta a Pyongyang, visitamos o **Monumento às Três Cartas pela Reunificação da Pátria**, inaugurado em agosto de 2001, que simboliza o esforço do povo coreano – tanto do norte, quanto do sul – de reunificar a sua pátria dividida. O monumento, construído em granito natural, está situado em uma área de 100 mil metros quadrados e tem a forma de um arco formado por duas mulheres em trajes tradicionais, que sustentam conjuntamente as três cartas propostas pelo Presidente Kim Il Sung para a reunificação da Coreia e a Declaração Conjunta Norte-Sul de 15 de junho de 2000. Sua altura é de 30 metros e sua largura atinge 61,5 metros, tendo quatro conjuntos escultóricos em sua base.

A separação entre o “Norte” e o “Sul” ocorreu em 1945, quando tropas estadunidenses invadiram o sul da Coreia – que acabara de expulsar os imperialistas japoneses – e impuseram uma ditadura militar, dois dias após ter sido proclamada a República Popular da Coreia. Naquele momento, o paralelo 38 tornou-se a linha de separação entre o norte – onde o processo revolucionário prosseguiu – e o sul, onde sucessivos governos ditatoriais foram impostos pelos Estados Unidos, que impediram até hoje todos os esforços para a reunificação da península coreana.

A Guerra da Coreia – iniciada em 1950 e encerrada em 1953, com o Armistício de Panmunjon – só fez aumentar essa divisão e a ingerência norte-americana. Na década de setenta, os soldados sul-coreanos – orientados pelos EUA – construíram um muro de concreto com 240 quilômetros de comprimento, com 5 a 8 metros de altura, e com 10 a 19 metros de largura na sua base e de 3 a 7 metros na parte superior, separando fisicamente o norte e o sul da Coreia.

A primeira tentativa de reunificação, após o conflito de 1950-53, aconteceu em **1972**, quando o Presidente Kim Il Sung propôs reuniões de alto nível em Pyongyang, para debater a reunificação do Norte e do Sul. Desses encontros



saiu uma Carta assinada por ambas as partes, defendendo a Reunificação Independente (sem ingerências estrangeiras), Pacífica (sem o recurso às armas) e transcendendo as diferenças de idéias, ideais e sistemas. Posteriormente, pressionada pelos EUA, a parte sul-coreana recuou dos compromissos assumidos e reprimiu duramente as manifestações populares a favor da reunificação.

Em 1980, Kim Il Sung propôs em nova Carta a reunificação da Coreia através de um Estado Federal Unitário e um governo nacional unificado, com representação igualitária do Norte e do Sul, autonomia regional e direitos e deveres iguais. Ou seja, uma federação baseada em uma nação, um estado, dois sistemas e dois governos. Apesar do enorme apoio que essa proposta recebeu, tanto no Norte, como no Sul –, o governo sul-coreano a rejeitou, forçado pelos Estados Unidos.

Em 1993, Kim Il Sung propôs o Programa de dez Pontos da Grande Unidade Pan-Nacional para a Reunificação da Pátria, defendendo a criação de um Estado unificado independente, democrático e pacífico, mediante a grande unidade pan-nacional. Mais uma vez a proposta da RPDC não foi aceita pelo governo da Coreia do Sul, instigado ao confronto pelos Estados Unidos.

Em 2000, Kim Jong Il retomou os esforços norte-coreanos buscando a reunificação da Coreia e realizou um encontro com o Presidente da Coreia do Sul, Kim Tae Jun, em Pyongyang. Foi adotada, então, a Declaração Conjunta Norte-Sul de 15 de junho, desanuviando as tensões entre as duas Coreias. Pouco depois foi adotada a Declaração de 4 de outubro, que propiciou a criação do Parque Industrial conjunto de Kaesong e da Zona Especial de Paz e Cooperação do Mar do Oeste, a retomada da ligação férrea entre o Norte e o Sul, a participação conjunta nos jogos olímpicos de Pequim e intercâmbios culturais e familiares.

Inconformados com a aproximação entre as duas Coreias, os EUA passaram a pressionar o governo de Seul, ampliaram as manobras militares conjuntas e a nuclearização da Coreia do Sul e impuseram novas sanções econômicas à RPDC, elevando enormemente as tensões na península e inviabilizando maiores avanços na unificação entre o Norte e o Sul da Coreia.

É importante relatar esses esforços da RPDC buscando a paz e a reunificação do país para que se desmistifique a “versão” difundida pela mídia ocidental de que os norte-coreanos são intransigentes, não querem a paz e apostam unicamente no conflito e na guerra. O que constatamos, ao contrário, é uma ação permanente dos EUA no sentido de perpetuar o clima de conflito na região, inclusive para justificar a manutenção de suas bases militares no sudeste asiático e o cerco militar à China, além de seus gastos bilionários em armamentos de destruição em massa.



Kim Jong Il em um encontro com o presidente da Coreia do Sul Roh Moo-Hyun, pautando a questão da reunificação.

PARQUE DE DIVERSÕES DE GAESON

Concluída a visita ao Monumento pela Reunificação, retornamos ao hotel para jantar e, às 20h, saímos para o **Parque de Diversões de Gaeson**, próximo ao Arco do Triunfo de Pyongyang. Lá – apesar de ser uma noite de quarta-feira – encontramos um grande número de famílias divertindo-se. Como “ninguém é de ferro”, também aproveitamos para experimentar alguns dos “brinquedos”, que nada ficam a dever aos mais modernos parques de diversões do Ocidente.



Pessoalmente, junto com o resto da delegação, andamos nos tradicionais “carrinhos de choques” e na plataforma que despenca de uma torre, a partir de uma altura de cerca de 50 metros. Na verdade, nesse segundo brinquedo, somente eu, a Analúcia e o Anderson Falcão topamos o desafio; os demais “arrepriaram o cabelo”! Foi uma oportunidade de tirar uma bela foto, desde as alturas, do parque e do Arco do Triunfo.

Penso que o importante aqui – assim como em outros momentos em que visitamos equipamentos de lazer de Pyongyang – foi a possibilidade de conviver com a população coreana, na informalidade dos seus momentos de lazer, procurando interagir com ela, apesar da barreira da língua. Por sinal, ficou evidente para nós a quantidade de novos equipamentos culturais, esportivos e de lazer que foram criados nos últimos anos para usufruto da população da RPDC.

Após a visita ao parque de diversões, nos recolhemos ao hotel para um merecido descanso, apesar de alguns dos colegas da delegação ainda conseguirem um tempo para tomar uma cerveja com nossos amigos e acompanhantes coreanos, em algum dos bares do hotel. Aproveitando o tempo para perguntar mais sobre a realidade da República Popular Democrática da Coreia e sobre o seu povo.

É importante registrar a maneira franca e aberta, sem formalismos ou “segredos”, com que nossas perguntas e questionamentos eram respondidos. E se não tinham certeza da resposta, a tranquilidade com que nos diziam que iriam pesquisar e nos dar uma resposta em uma próxima ocasião.

24 de julho

PALÁCIO DO SOL DE KUMSUSAN

A manhã do dia 24 de julho, quinta-feira, véspera da nossa viagem de retorno, iniciou-se com uma visita ao **Palácio do Sol de Kumsusan**, onde repousam os restos mortais dos dois grandes dirigentes coreanos – “Presidente Kim Il Sung” e “Camarada Kim Jong Il”.



O prédio foi, originalmente, o Palácio Presidencial onde o Presidente Kim Il Sung trabalhava. Após a sua morte (1994), foi transformado no Palácio Memorial Kumsusan. Por fim, após a morte de Kim Jong Il (2011), foi renomeado Palácio do Sol Kumsusan.

Nele, além dos restos mortais conservados dos dois líderes, está preservada a sua memória, relíquias históricas, objetos de uso pessoal, medalhas e condecorações, fotos mostrando suas atividades, enfim um completo memorial de suas vidas. O Palácio é aberto à visitação pública, mas fotos internas não são permitidas. Ele também é circundado por belos jardins.

UNIVERSIDADE KIM IL SUNG

Após a visita ao Palácio do Sol Kumsusan, nos deslocamos até a **Universidade Kim Il Sung**, com o objetivo de visitar sua biblioteca eletrônica e sua piscina para professores e alunos.

A Universidade Kim Il Sung foi idealizada em dezembro de 1945, logo após a vitória contra os japoneses e iniciou as suas atividades em

1º de outubro de 1946, constituindo-se na primeira instituição de nível superior da Coreia. Atualmente, ela possui em torno de 25 mil alunos e 8 mil professores, tendo cursos nas áreas de ciências básicas, ciências aplicadas, engenharias, ciências médicas, ciências agrícolas, além das ciências humanas e ciências sociais. Disponibiliza cursos de graduação, pós-graduação e pós-doutorado. Além das suas diversas Faculdades, possui inúmeros Institutos de Pesquisa e Laboratórios, em diferentes áreas.

Além dos cursos tradicionais – como Economia, História, Filosofia, Direito, Medicina e tantos outros – a Universidade Kim Il Sung destaca-se por seus cursos de ponta em Energia Atômica (a Coreia domina tanto a fissão como a fusão atômica), computação, eletrônica e automação, nano materiais e nanotecnologias, física do plasma, bioengenharia, ciências espaciais, novos materiais, etc. A Universidade Kim Il Sung mantém os mais variados convênios com suas congêneres internacionais, intercambiando alunos e professores.

A nossa primeira visita foi à biblioteca digital da Universidade Kim Il Sung, um edifício com cinco andares e 15 mil metros quadrados de área construída, edificado em apenas nove meses pelo Exército e inaugurada em abril de 2010. Ao todo são 40 salas – incluindo salas de cursos, salas para dissertações, 16 salas de leitura com mais de 1.000 computadores, salas multimídia e salas de leitura através da rede mundial de computadores (internet). São 60 Terabytes de memória e dois milhões de livros já digitalizados e disponíveis para alunos e professores. O 1º, 2º e 3º andares são para os alunos e o 4º para os professores. Serviços de impressão são disponibilizados. Ao todo, atuam na biblioteca digital 230 funcionários.

A seguir, fizemos uma visita à piscina de professores e alunos da Universidade Kim Il Sung, construída em 2009, com três andares e uma área total de 14 mil metros quadrados, um verdadeiro parque aquático em recinto fechado. No andar térreo pudemos visitar uma piscina olímpi-



ca com oito raias e trampolins de até 4,5 metros de altura, com acomodações para 900 espectadores sentados, além uma enorme piscina para o lazer de alunos e professores, com equipamentos de hidromassagem e de diversão. No inverno, a água é aquecida para permitir a utilização das piscinas. Também são disponibilizados banheiros, sala de ginástica curativa, uma clínica e outros serviços.

Nessa visita, mais uma vez pudemos observar a modernidade das instituições coreanas e os seus cuidados detalhistas com a saúde e com o bem-estar da população.

COMPRA DE LEMBRANÇAS

Concluída a visita à Universidade Kim Il Sung, nos dirigimos a um Centro Comercial, próximo ao Arco do Triunfo, para visitar uma loja de artesanatos e adquirirmos, a preços razoáveis, lembranças da Coreia.

Ali pudemos apreciar quadros pintados em papel ou em seda, quadros bordados, cerâmicas, esculturas em jade ou outras pedras semipreciosas, jóias, vestimentas tradicionais, moedas do país, publicações, etc.

MUSEU DO EXÉRCITO POPULAR DA CORÉIA

Após o almoço, realizado no Hotel Koryo, nos deslocamos até o Museu de Exibição de Armamentos e Equipamentos do Exército Popular da Coreia, inaugurado em março de 2012, por ocasião do centenário do nascimento de Kim Il Sung. Ali não nos foi permitido realizar fotos, por razões óbvias.

O enorme Museu abriga todo tipo de equipamentos e armamentos utilizados pelo Exército, pela Marinha e pela Aeronáutica, sendo que a ampla maioria é produzida no próprio país. Os armamentos incluem armas leves, munições, morteiros e bazucas, os mais variados tipos de veículos blindados e de canhões, tanques de guerra, veículos com baterias de foguetes, foguetes de longo alcance, barcos de guerra, aviões, radares, etc. Ressalta aos olhos a avançada tecnologia necessária para a produção desses modernos equipamentos de guerra.

Chamou a atenção também, todo um setor dedicado à exposição dos armamentos e equipamentos norte-americanos, sul-coreanos e de outras nações que têm ameaçado a Coreia. Alguns desses equipamentos são expostos sob a forma de maquetes. O objetivo é permitir um melhor conhecimento dos armamentos dos potenciais inimigos.

Não observamos durante toda a visita qualquer postura agressiva, de ameaça ou de jactância dos norte-coreanos. Ao contrário, pudemos observar uma profunda preocupação defensiva – mas sem qualquer temor – frente ao cerco militar e diplomático que os Estados Unidos e os setores militaristas sul-coreanos buscam criar contra a RPDC, e a consciência de que só a sua fortaleza bélica será capaz de manter a paz e evitar a guerra.



CIRCO DE PYONGYANG

Encerrada a visita ao Museu de armamentos, nos dirigimos rapidamente para o monumental prédio do **Circo de Pyongyang**, pois estávamos atrasados e após o início do espetáculo, às 17 horas, ninguém mais pode entrar. Felizmente, chegamos a tempo e pudemos sentar-nos em meio ao público, em lugares previamente reservados para a delegação.

O Circo de Pyongyang foi inaugurado em 1989, sendo formado por cinco amplos prédios, com mais de 70 mil metros quadrados de área construída e dispo de 3.500 assentos. Possui um cenário redondo e outro quadrangular, o qual se desloca para diante. O redondo é formado por uma arena para animais, uma piscina para ginástica aquática e uma pista de patinagem sobre gelo, as quais se movem verticalmente e são trocadas através de telecomandos.

Mais uma vez, apesar de ser uma tarde de quinta-feira, um enorme público lotava quase totalmente os espaços disponíveis para os espectadores – crianças e adultos de todas as idades, trabalhadores e trabalhadoras –, que vibravam e aplaudiam com entusiasmo as apresentações.

O espetáculo começou com uma apresentação de acrobacias dentro d'água, seguiu com diversos números de equilíbrio, contemplou quadros humorísticos e satíricos – retratando a subserviência sul-coreana aos Estados Unidos –, seguiu com uma apresentação de trapezistas e concluiu com uma bela apresentação de equilíbrio equestre, com um final de cunho claramente patriótico. Todo espetáculo foi acompanhado por uma orquestra que executava as peças musicais.

Todos nós saímos entusiasmados com a qualidade do espetáculo e por termos podido, uma vez mais, conviver com a população coreana, em momentos de descontração.

Dirigimo-nos, então ao hotel, para jantar e descansar, visto que o retorno a Pequim não mais ocorreria pela Air China, pois o mau tempo havia impedido a vinda do avião procedente da China. Em função disso, nosso companheiro Anderson Falcão corria o risco de perder a conexão do dia seguinte para o Brasil. Felizmente, de forma ágil e sem burocratismos, nossos amigos coreanos providenciaram um vôo alternativo, na manhã do sábado, pela Air Koryo, companhia estatal coreana. O que inclusive nos deu a oportunidade de conhecer na prática os serviços dessa estatal coreana, tão mal falada pela mídia monopolista internacional. Mas esta é outra história, que relataremos adiante.



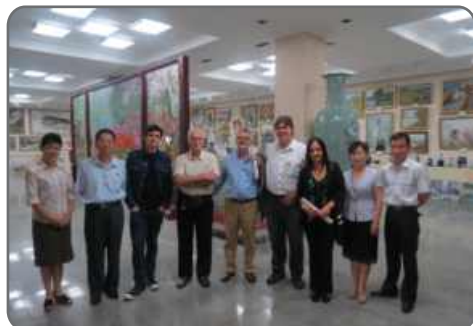
25 de julho

COMPLEXO DE CRIAÇÃO DE MANSUDAE

Nesse nosso penúltimo dia na RPDC, saímos do hotel às 9h30, para uma visita ao Complexo de Criação de Mansudae, em ligação com o qual trabalham mais de 600 artistas e 20 equipes profissionais, que inclusive já realizaram trabalhos arquitetônicos e artísticos em mais de 30 países do mundo.

Fomos recebidos carinhosamente pelos seus funcionários e diretores e visitamos diversos andares do referido Complexo, apreciando as obras artísticas expostas – pinturas, bordados, esculturas, cerâmicas, marchetados, etc.

Também tivemos a oportunidade de assistir um filme que apresentou diversas obras arquitetônicas e artísticas contratadas por governos de outros países ao Complexo de Criação de Mansudae, interessados na qualidade da sua tecnologia construtiva e artística. Destaca-se, nesse sentido, a obra monumental, realizada no **Senegal**, representando a Restauração da África. Segundo fomos informados, já existem obras arquitetônicas executadas pelo Complexo de Criação de Mansudae em 32 países do mundo.



METRÔ DE PYONGYANG

A seguir, nos deslocamos até o Metrô de Pyongyang, o mais profundo do mundo – com 120 metros abaixo da superfície – projetado para ser utilizado como eventual abrigo anti-aéreo, tendo em vista as ameaças permanentes dos Estados Unidos e de seus aliados contra a RPDC e tendo em conta a sua experiência de ter sido bombardeada de forma bárbara pelos norte-americanos, entre 1950 e 1953, durante a “Guerra da Coréia”.

A seguir, adentramos em uma de suas estações e, depois de apreciar a sua bela e artística decoração, seguimos em trem até a estação seguinte, compartilhando esse meio de locomoção com seus usuários quotidianos.

O Metro de Pyongyang possui duas linhas: Chollima (12 km) e Hyoksin (10 km), totalizando



22km de extensão. Mais uma vez, a realidade desmentiu a “versão” dos que “acusam” a República Popular da Coréia de construir um metrô desnecessariamente “suntuoso”. Longe disso, conhecemos um metrô com estações decoradas com obras de arte, sem preocupar-se em ser luxuoso. Apesar de entendermos não haveria nada de errado em colocar à disposição da população um serviço público de qualidade, belo e prazeroso. Ou será que a arte e a beleza deve ser um privilégio só dos ricos? O sistema de transporte público ainda possui 150 km de trólebus e 53 km do Pyongyang Tram.



ESCOLA INTERNACIONAL DE FUTEBOL

A última agenda na RPDC foi uma visita à **Escola Internacional de Futebol** – recentemente inaugurada –, que se constitui no 1º Centro Profissional de Futebol da Coréia, ocupando uma área total de 4.800 metros quadrados e quatro prédios, com uma área construída de 2.300 metros quadrados.

Dois prédios são utilizados como alojamento para os alunos, havendo quartos coletivos com televisão nos quartos e aquecimento elétrico e geotérmico. Um terceiro prédio é para as salas de aula, biblioteca, anfiteatro e demais estruturas de ensino. E o quarto prédio é para serviços – como refeitório, barbearia, lavanderia, ambulatório, etc. – e para as atividades sociais e de lazer.

Ali, estudam atualmente 165 jovens, com mais de sete anos de idade. Desses, em torno de 60% são do sexo masculino e 40% são do sexo feminino. Pela manhã, os estudantes acompanham aulas dos cursos normais para a sua idade; à tarde, ocorrem as aulas teóricas e as práticas de futebol.

O regime é de semi-internato, sendo que nos sábados e domingos eles retornam para as suas casas, para permanecer com a família. A escolha dos alunos que ali irão estudar é



feita tendo em conta a sua inteligência e outras qualidades. Pelo seu desempenho nos estudos e nas atividades esportivas, serão futuramente selecionados.

Depois de visitarmos as dependências da escola, tivemos uma reunião com a Diretora da Associação de Futebol da Coreia e sua representante na FIFA– Sra. Han Un Kyong – e com o Secretário da referida Associação – Sr. Kim Jong Man.

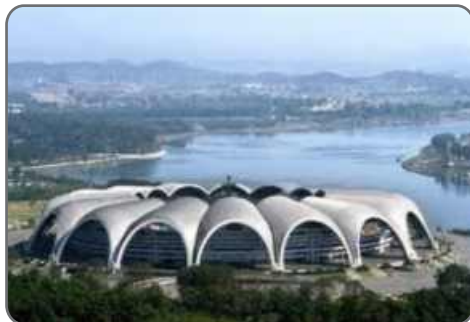
Além de manifestarem a sua grande admiração pelo futebol brasileiro – que consideram o melhor do planeta – e lamentarem que o Brasil não tenha sido o campeão do Mundo, ambos discorreram sobre os objetivos da escola e sobre o seu interesse em intercambiar experiências com o Brasil. Nesse sentido, relataram os esforços do embaixador brasileiro na RPDC, Roberto Colin, para trazer, em setembro de 2014, o administrador de estádios no Brasil e um técnico de futebol, para permanecerem 15 dias na Coreia.

Expressaram o seu interesse em viabilizar a ida de 4 a 5 de seus alunos ao Brasil, para treinar em clubes ou escolas de futebol do nosso país. Informaram que 40 de seus alunos já fizeram isso na Itália e na Espanha. E manifestaram a sua esperança de que a nossa delegação pudesse contribuir para viabilizar uma colaboração mais estreita entre os dois países.

De nossa parte, expusemos a realidade do futebol em nosso país – seus pontos fortes e seus pontos fracos – e nos comprometemos a encaminhar suas demandas, em consulta com o embaixador Roberto Colin, que já tomou diversas iniciativas nesse sentido.

Encerrada a nossa visita à Escola Internacional de Futebol, aproveitamos para passar no Estádio 1º de Maio – que tem lugar para 150 mil espectadores – que infelizmente encontrava-se em obras.

Em seguida, retornamos ao hotel para almoçar e – tendo em vista que o voo da Air China havia sido cancelado devido ao mau tempo em Pequim e já estávamos com as passagens para o voo da Air Koryo no dia seguinte pela manhã – aproveitamos a tarde chuvosa de sexta-feira para permanecer no hotel e preparar as malas. À noite, saímos com nossos amigos coreanos para jantar em um restaurante de comida típica coreana e confraternizar.



25 de julho

O RETORNO AO BRASIL

Pela manhã, logo após o café, seguimos para o aeroporto de Pyongyang, localizado a 24 quilômetros do Centro da cidade, para embarcar para Pequim.

O embarque transcorreu sem qualquer percalço ou burocracia, não havendo necessidade de abrir as malas para revisá-las, o que também não vimos acontecer com qualquer passageiro. Apesar de minha mala com sobrepeso – totalizando 25 kg – não me foi cobrado qualquer excesso de bagagem.

O avião – um moderno **Tupolev TU-204-100** – partiu no horário certo, teve um serviço de bordo adequado e chegou a Pequim no horário correto. Tudo ao contrário do que é dito pelos “objetivos” e “confiáveis” meios de informação ocidentais.

Depois de permanecermos em torno de 12 horas em Pequim, embarcamos para Porto Alegre, aonde chegamos na manhã do dia 28 de julho, encerrando uma interessantíssima viagem à República Popular Democrática da Coreia, convencidos da necessidade de divulgar amplamente o que vimos nesse belo e amigoso país, tão diferente daquilo que a quase totalidade das agências internacionais de notícias difundem, sem qualquer compromisso com a verdade.





ANEXO I

A Coreia do Norte contemporânea e sua liderança renovada

Paulo Fagundes Visentini*

Estudada em profundidade e/ou vista por dentro, a República Popular Democrática do Coreia (RPDC) surpreende e impacta até os estudiosos e/ou iniciados. Mesmo escrevendo um livro sobre o país, a oportunidade de visitá-lo marcou-me profundamente, pois o trabalho destrutivo da mídia causa danos inclusive aos mais honestos analistas. Um recente encarte turístico do jornal China Daily, de Pequim, convidava o leitor: “visite a Coréia do Norte e conheça o passado”. Não tão passado, pois sua urbanidade combina prédios residenciais de estilo soviético (construídos logo após a Guerra de 1950-53) com um futurismo arrojado, de ficção científica: arranha-céus ultra-modernos e praças, monumentos e avenidas amplas, limpas e imponentes. Pyongyang é uma cidade impar, na época da mesmice da globalização. E o regime é mais complexo e flexível do que imagina o “moderno” jornalista chinês, autor do artigo, que ignora que é o “passado” (socialismo) que está permitindo à China se tornar uma potência.



Pyongyang

Os anos 1990 foram os da Penosa Marcha, com a desintegração da URSS (e o fim da ajuda econômica), a China cobrando em dólar, a morte do líder fundador Kim Il Sung e uma sequência de secas e enchentes gerando fome e morte. De repente, haviam desaparecido os aliados e protetores dos norte-coreanos e 90% do comércio externo. Kim Jong Il, como estratégia de sobrevivência da nação e do regime, adotou a política do Songun, de precedência das questões militares. Afinal, na esteira da queda do socialismo na URSS, no leste europeu e, especialmente do caso da “reunificação” da Alemanha, anunciava-se o colapso iminente do país. A defesa, mais do que nunca, virou prioridade.

Mas durante a presidência Clinton e a de um moderado na Coreia do Sul, houve diálogo e distensão, conhecida como Sunshine Policy (Política do raio de Sol), proposta por Seul. Mas a situação mudou com a chegada de George W. Bush à Casa Branca, inclusive pressionando o governo do Sul a interromper a cooperação com Pyongyang; Além de gerar

nova onda de militarização, ainda que os norte-coreanos nada tivessem a ver com o “terrorismo” combatido pelos americanos. Hoje, com um governo conservador no Sul e as manobras militares norte-americanas, voltou o jogo calculado do Ocidente que produz crises militares e nucleares (último recurso de dissuasão do acuado regime do Norte).

A economia da RPDC voltou a crescer há uma década (com avanços e recuos de mercados privados) e, apesar das aparências, o jovem dirigente Kim Jong Un tenta moderar o poder do exército (mas modernizá-lo como força de dissuasão) em relação ao do Partido (civis) e está melhorando a qualidade de vida da população. “Os militares devem cuidar dos temas militares e os civis dos assuntos civis”, disse o jovem líder. Foi enfatizada a busca de atingir o status de potência nuclear, com a bomba atômica e o desenvolvimento de mísseis e satélites, o que permitirá reduzir os custos militares. Um exército convencional defasado sairia mais caro para modernizar e de pouco valeria, e assim haverá mais recursos para investir na economia.



Kim Jong Un

Em apenas quatro meses ele conseguiu consolidar o poder (seu pai levou quatro anos). Da mesma forma que seu avô, e diferentemente de seu pai, ele se faz presente em todas as atividades e interage com a população, além de haver promovido grande número de novos quadros e aposentado antigos. Há enormes realizações visando melhorar a vida cotidiana da população, com novos hospitais, parques de diversões, residências e modernização do ensino e aumento do consumo. Na Zona Especial de Kaesong voltam a operar joint-ventures entre empresas estatais do Norte e privadas do Sul. No extremo norte foi criada a Zona de Ranjin, com um moderno porto conectado ao nordeste da China e à Rússia, que abriga empresas de vários países. E cada pedaço de terra disponível é cultivado no rochoso e montanhoso país, num esforço para manter a segurança alimentar.



Porto de Ranjin

Ao lado das imagens onipresentes dos cultuados líderes, proliferam celulares e computadores (com intranet nacional), sinalizando reformas e modernização. Pessoas bem vestidas, saudáveis, disciplinadas e cordiais levam uma vida aparentemente normal (muito mais relaxada e segura que a nossa), apesar das tensões militares, e desfrutam dos modernos parques de diversão e centros culturais e esportivos. Há muita esperança no atual processo de renovação e uma vontade de superar o isolamento, que é mais imposto de fora para dentro, obrigando-os a uma resposta equivalente por razões de segurança.

Algo que chama a atenção dos críticos é o culto à personalidade dos dirigentes e a existência do que o conceituado coreanista norte-americano Bruce Cumings denominou de Monarquia Confuciana. Há muita hipocrisia na crítica, porque geralmente as mesmas pessoas admiram as monarquias européias por gerarem estabilidade política. É importante ressaltar que o sistema político norte-coreano é republicano e bastante complexo, havendo limites ao poder do dirigente e certo grau de liderança coletiva e participação popular. Por outro lado, é a situação de tensão militar externa que gera os elementos para a identificação da nação com uma pessoa, cuja liderança de continuidade também é fundamental para evitar crises sucessórias, que no caso da RPDC seriam, certamente, fatais. A liderança quase sacralizada representa mais um símbolo de unidade nacional do que o poder em si mesmo.

O povo norte-coreano e sua liderança são muito orgulhosos de suas realizações e não se dobram sequer à China, cujos interesses são oscilantes. O ideologia Juche, de auto-suficiência, representa uma política de auto-preservação que não pretende ser imposta a outras nações, apesar da grande cooperação com dezenas de Estados em desenvolvimento.



Comemorações pelo 100º aniversário do nascimento de Kim Il-Sung

A Coreia do Norte busca conhecer e relacionar-se com os outros povos, sem querer impor sua visão de mundo, nem que eles venham a indicar o caminho que ela deve seguir. Há muitos turistas ocidentais e chineses nas ruas, e a RPDC deseja aumentar o fluxo.

A dimensão coletiva na sociedade supera qualquer noção individualista, não havendo indícios de que a população não apóie o regime, que goza de legitimidade. Há tentativas cuidadosas de reformas, mas a adoção integral da via chinesa é impossível, dadas as condições do país. Busca-se uma modernização própria, que deve ser acompanhada da aceitação internacional e, especialmente, do estabelecimento de relações diplomáticas e econômicas com os EUA (com um acordo de paz) e a garantia de respeito ao regime. Objetivos que não seriam alcançados com a desnuclearização unilateral. Mas velhos e conhecidos problemas persistem e a RPDC segue sendo uma sociedade tipicamente asiática e socialista, difícil de compreender pelo Ocidente. Se Cuba, segundo Fernando Morais, é “uma ilha cercada de amigos e inimigos por todos os lados”, a RPDC é uma nação isolada por inimigos, ignorância e preconceitos (inclusive da esquerda).

* *Historiador, Professor Titular de Relações Internacionais da UFRGS (paulovi@ufrgs.br)*



ANEXO II

A República Popular Democrática da Coreia, ontem e hoje

*Analúcia Danilevicz Pereira**

A República Popular Democrática da Coreia (RPDC) vista de perto, surpreende em todos os sentidos. Mas, talvez, o mais admirável seja a lucidez e a serenidade de uma sociedade marcada pela guerra. A História Coreana, ao longo do século XX, se caracterizou por quase meio século de ocupação colonial e militar japonesa (extremamente agressiva) e pelos impactos altamente nocivos da Segunda Guerra Mundial. Na sequência da Guerra no Pacífico, o “problema coreano” serviu aos Estados Unidos para a deflagração da Guerra da Coreia (1950-53), que arrasou a infraestrutura da Península recém-libertada e massacrou a população coreana indiscriminadamente. Foi uma guerra de extermínio. Já no início do conflito, para se ter uma ideia, no distrito de Sinchon, os EUA atacaram por 52 dias ininterruptos, entre 17 de outubro e 7 de dezembro de 1950, matando 35.383 habitantes. Ou seja, a quarta parte de sua população. Com o fim da Guerra da Coreia, vieram as sanções e a política de confrontação permanente (conduzida pelos EUA e seus aliados sul-coreanos), apoiada pela ostensiva propaganda para difamação e caricaturização do país.

Mas, a RPDC é um Estado construído como resultado da luta de libertação nacional e da revolução social. Ao visitarmos os imponentes museus em Pyongyang, encontramos não apenas a preservação da História de um país, mas, fundamentalmente, da memória e da autoestima de um povo. Jovens e idosos, homens e mulheres, camponeses e trabalhadores urbanos, em grande número, frequentam diariamente esses espaços.

Conhecem e preservam sua História e sua memória. A experiência das guerras para a sociedade coreana é, hoje, uma referência para a defesa do país e para o bem-estar de seu povo. Ou seja, novas guerras não devem acontecer. Os norte-coreanos são disciplinados, mas alegres; educados (e reservados), mas hospitaleiros. São orgulhosos do seu país e de si mesmos, e respeitadores dos demais. A forte concepção de “nação” (aprofundada ao longo da luta anti-japonesa) permitiu a construção de uma sociedade impar, que agregou à prática revolucionária elementos originais (profundamente ligados às complexas circunstâncias da luta de independência). A chamada Ideia Juche (“Grande Propósito”) nasceu como uma tese específica da Revolução Coreana que, ao “considerar o povo como o céu”, confere ao esforço

coletivo a capacidade de não apenas alcançar a independência, mas de resistir às dificuldades e às provações, com dignidade e honra. O conceito, portanto, tem raízes profundas e influenciou decisivamente como filosofia política, assim como identidade nacional. Nesse espírito, os coreanos combateram os japoneses, resistiram à guerra imposta pelos EUA, sobreviveram às sanções e à chamada “Marcha Penosa”, no imediato pós-Guerra Fria. E, ainda, revela muito sobre o processo de mudanças em curso na RPDC, agora sob a liderança de Kim Jong Un. A fisionomia do país está se transformando (mas não a essência). Grandes projetos públicos (educação, saúde, lazer, entre outros) são pensados e concretizados em pouquíssimo tempo.

As instituições políticas (e militares), a economia e a sociedade coreana experimentam mudanças importantes. Embora sutis, as mudanças são visíveis. Não se trata de reformas do tipo chinês ou vietnamita, mas de um esforço para solidificar a economia socialista coreana (que provou ser persistente e adaptável) e de um novo impulso a coesão social e melhoria de vida da população. A estrutura de lazer, que combina entretenimento, cultura e politização, é apenas uma pequena parte do provimento de bem-estar. O que revela as rápidas medidas do novo governo, entre outros aspectos, é o aporte dado às grandes universidades e às escolas de nível primário e secundário (**creches e jardins de infância funcionam, inclusive, dentro das fábricas**). A ênfase à educação era e continua sendo uma forte característica nesse país. A infraestrutura e a oferta pedagógica universitária e das escolas básicas são notáveis e os professores e pesquisadores são respeitados como pessoas fundamentais para o desenvolvimento da nação. Na RPDC, além de uma formação integral qualificada, as crianças aprendem outros idiomas (especialmente o inglês) desde os sete anos de idade, por exemplo. O estudo de línguas pode ser aprimorado no nível superior em uma instituição específica, o Instituto de Línguas Estrangeiras, com 23 departamentos, entre eles o de Língua Portuguesa, com crescente procura entre os estudantes coreanos. Os profissionais formados por esse Instituto serão professores, tradutores ou diplomatas.

A população norte-coreana não enfrenta problemas de acesso aos órgãos de saúde. Além da prática da medicina preventiva, postos de saúde, que garantem o primeiro atendimento, existem em todas as regiões (urbanas e rurais). Hospitais especializados e bem equipados garantem um atendimento humanista ao povo, como o **Hospital para as Crianças de Okryu**. Lá, as crianças não parecem estar internadas. Com a presença permanente de suas mães, as crianças têm horário destinado às aulas (os professores vão ao hospital) para não perder o ano letivo e há, também, um amplo



espaço de lazer, com brinquedos e diversão. Por um sistema de teleconferência, os pediatras se reúnem para discutir o diagnóstico de uma criança que reside em outra cidade, evitando o ônus do deslocamento para a família. As crianças, segundo os norte-coreanos, merecem políticas especiais.

Em um novo momento, quando a chamada “comunidade internacional”, mais uma vez, se une para acusar o país de ameaçar a paz mundial, os norte-coreanos seguem a vida, com os pés na sua terra e os olhos no mundo, como declarou Kim Jong Il. Aliás, em muitos aspectos, os norte-coreanos estão à frente dos ditos “desenvolvidos”. Idosos, jovens e mulheres não precisam reivindicar seus “direitos de grupo minoritário” – todos são parte igualmente importante e integrados à dinâmica social. Na memória dos norte-coreanos está muito viva, por exemplo, a imprescindível atuação militar feminina na guerrilha anti-japonesa (**Kim Jong Suk** foi uma destacada guerrilheira, esposa de Kim Il Sung), assim como na reconstrução do país no pós-Guerra, quando jovens estudantes removeram destroços e ajudaram a reerguer sua infraestrutura. Hoje, as mulheres conhecem perfeitamente seu papel social e demonstram sua importância com discrição e elegância inigualáveis.

Problemas persistem e os desafios tendem a aumentar. Mas a RPDC sobreviveu e não dá sinais de fadiga. Ao contrário. Mais uma vez erraram os analistas convictos do esfacelamento de todas as experiências socialistas com o fim da URSS. Dos “sobreviventes”, talvez possa surgir a inspiração a uma esquerda sem projeto político desde o fim da Guerra Fria ou seduzida pelos valores da pós-modernidade ocidental.



Kim Jong Suk e Kim Il Sung



**Historiadora, Professora Adjunta de Relações Internacionais/UFRGS (ana.danilevicz@ufrgs.br).*



ANEXO III

As relações Brasil – República Popular Democrática da Coreia

Roberto Colin*

Poucos conflitos têm sido tão estendidos e com sua solução protelada quanto o da Coreia, onde atitudes hostis e anacrônicas da Guerra Fria persistem há mais de 60 anos. A História e a Geografia colocaram a Coreia em uma encruzilhada estratégica onde ocorreram, durante séculos, recorrentes choques de interesses entre grandes potências. A península Coreana é hoje a região onde os interesses e influências de quatro grandes potências – China, Rússia, Japão e Estados Unidos estão mais proximamente conectados.

A maior concentração mundial de poderio militar e econômico está hoje no Nordeste da Ásia, com as três maiores potências nucleares (EUA, Rússia e China), um país dotado de programa de armas nucleares (Coreia do Norte), dois países com capacidade para a produção de armas nucleares (Japão e Coreia do Sul), e cinco dentre as maiores economias mundiais (Estados Unidos, China, Japão, Coreia do Sul e Rússia). O Brasil tem interesses crescentes na região, onde estão alguns dos nossos mais importantes parceiros como a China, o Japão e a Coreia do Sul. Mas a equação do Nordeste da Ásia ficaria incompleta sem a República Popular Democrática da Coreia. - RPDC

O Brasil e a RPDC estabeleceram relações diplomáticas em 9 de março de 2001. A RDPC abriu embaixada residente em Brasília em 2005 e, em resposta, o Brasil criou sua Embaixada residente no dia 29 de setembro de 2008, iniciando seus trabalhos em maio de 2009. A instalação de nossa Embaixada residente em Pyongyang teve, entre outros objetivos, o de contribuir para a solução pacífica da questão Coreana, promovendo a aproximação da RPDC com a comunidade internacional, além de abrir novas oportunidades de atuação política, econômica e comerciais do Brasil na região.

Em recente encontro que mantive com o novo Ministro dos Negócios Estrangeiros Ri Sol Yong, a autoridade registrou que o Governo da RPDC muito apreciou a iniciativa brasileira de abrir uma embaixada em Pyongyang, segundo ele um canal direto de contato que permite ao Brasil ter suas próprias percepções sobre a RPDC. No mesmo encontro, o Ministro afirmou que, por sua política externa independente, o Brasil ocupa uma posição de vanguarda na luta por uma ordem internacional mais justa e, por esta razão, a RPDC tem apoiado nossas candidaturas aos mais diversos foros.

Minha avaliação, depois de mais de dois anos como embaixador em Pyongyang, é de que as sanções e o isolamento não trouxeram nenhuma contribuição à paz regional e que somente pela via do engajamento e da integração à comunidade internacional a RPDC alterará suas prioridades políticas e suas atitudes. Como se trata de um desafio para toda a comunidade internacional, também o Brasil tem um papel a desempenhar na Coreia do Norte.

A abertura da embaixada residente em 2009, o curso de capacitação da ABC/EMBRAPA a técnicos agrícolas norte-coreanos em 2011 e as doações de alimentos por intermédio do Programa Mundial de Alimentos em 2010, 2011 e 2012 constituem considerável capital político que deve ser preservado e ampliado, pois constitui a base da relação de confiança que se estabeleceu entre o Brasil e a RPDC.



Segundo o embaixador, o futebol é uma das áreas prioritárias de cooperação entre Brasil e Coreia do Norte.

Na foto, a partida entre as equipes dos dois países, válida pela Copade 2010, vencida pelo Brasil por 2x1.

Identifiquei três áreas prioritárias, nas quais poderíamos atuar: o prosseguimento da cooperação agrícola, em particular nas culturas da soja, arroz e milho; na área desportiva, em particular no futebol; e na área acadêmica, com foco no Instituto de Línguas Estrangeiras. Ações nessas áreas poderiam contribuir positivamente para a aproximação deste país com a comunidade internacional, partindo do pressuposto de que as relações interpessoais e a exposição a outras formas de governança, de gestão econômica e de organização social poderão ajudar nos

interlocutores norte-coreanos a ter uma visão crítica de sua própria realidade.

Em 2010, por ocasião da visita de missão de cooperação técnica com representantes do Itamaraty, da Embrapa e da ABC, foi assinado entre o Brasil e RPDC o Acordo de Cooperação Econômica e Técnica. No âmbito desse acordo, em 2011, missão norte-coreana integrada por quatro técnicos, recebeu treinamento sobre plantio de soja na Embrapa em Piracicaba e Londrina.

A Academia de Ciências Agrícolas da RPDC reiterou, em diversas ocasiões, o desejo de continuar esse tipo de cooperação. Além disso, a Academia apresentou ampla proposta de cooperação técnica na área agrícola, em que a parte norte-coreana se propõe a financiar parte dos projetos. No mencionado encontro que mantive com o novo Ministro dos Negócios Estrangeiros Ri Sol Yong, a autoridade expressou a expectativa de que a agricultura se torne a área prioritária da cooperação bilateral, com programas de longo prazo.

No contexto de importantes iniciativas do governo local na área do esporte, foi inaugurada em maio do ano passado, em Pyongyang, uma Escola Internacional de Futebol. A instituição conta com cerca de 100 alunos com idades entre 8 e 16 anos, dos quais cerca de 40 % são meninas. Como Escola Internacional, o objetivo da instituição é trazer profissionais estrangeiros à RPDC para treinar os jovens atletas norte-coreanos, e enviar os alunos ao exterior para intercâmbio com outras instituições especializadas.

Em de outubro do ano passado, um primeiro grupo de 38 alunos da Escola Internacional de Futebol com idade inferior a 14 anos partiu para a Itália e Espanha para realizar curso de capacitação em escolas de futebol daqueles países pelo prazo de um ano. Os jovens norte-coreanos tiveram as passagens aéreas pagas pelo Governo da RPDC e as despesas de alojamento e alimentação custeadas por entidades locais de amizade com a Coreia do Norte. Embora de escopo limitado, a criação de um centro desportivo voltado às relações com o exterior representa mais um gesto de abertura da RPDC a contatos com a comunidade internacional.



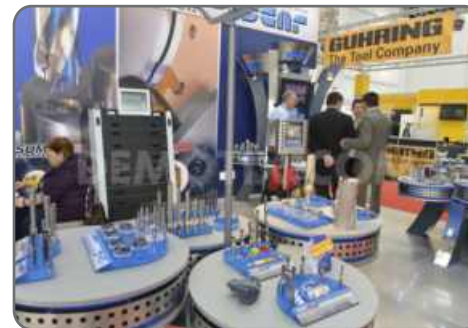
Em conversa que mantive com o Ministro dos Esportes, Ri Jang Mu, a autoridade informou que o líder Kim Jong Un, ele próprio um aficionado do **futebol**, atribui a maior importância ao treinamento, no exterior, de jovens talentos na área do futebol e espera que alguns deles possam ir ao Brasil. Disse que o Ministério dos Esportes dispõe de recursos para custear as despesas, mas que gostaria de poder contar com algum apoio do Governo ou de instituição brasileira.

O Instituto de Línguas Estrangeiras de Pyongyang, que tem status de universidade, forma uma turma de cinco estudantes a cada quatro anos. Embora o número ainda seja modesto, a atuação futura desses profissionais se reveste de importância, uma vez que eles atuam como assessores e tradutores em funções-chave no Partido e no Governo, inclusive

no Ministério de Negócios Estrangeiros. Alguns dos estudantes formados pelo instituto podem ser recrutados para atuar como diplomatas norte-coreanos.

Considero que o Instituto de Línguas Estrangeiras tem um potencial estratégico para o Brasil que merece ser explorado. Na eventualidade de um aumento da interação comercial, cultural e política com o Brasil, esses estudantes atuarão como interlocutores naturais e privilegiados de nossas empresas e instituições.

O Departamento de Português do Instituto de Línguas de Pyongyang é, portanto, um dos raros nichos onde se identifica uma perspectiva real e concreta de cooperação entre Brasil e RDPC. Particularmente, a ida de professores norte-coreanos ao Brasil para um curso de capacitação e a vinda de um professor brasileiro para ministrar curso de curta duração para professores e alunos, representaria importante passo na área de cooperação educacional.



Além das ações nas três áreas mencionadas, o Brasil poderia participar de feiras e eventos culturais na RPDC. Tendo em vista o constante crescimento do mercado interno, seria interessante a participação brasileira na principal feira internacional da RPDC, a **“Pyongyang International Trade Fair”**, que tem duas edições anuais, uma na primavera e outra no outono. A última edição da feira, em maio passado - que duplicou seu tamanho em relação à do ano passado - contou com a participação de mais de 20 países, inclusive da União Europeia.

A participação em eventos culturais também deveria ser considerada. Os dois principais eventos culturais internacionais da Coreia do Norte são o **“Festival Internacional de Amizade da Primavera”**, que ocorre anualmente em abril, e o **“Festival Internacional de Cinema de Pyongyang”**, realizado todos os anos em setembro. Em ambos os festivais os anfitriões arcam com as despesas de hospedagem e alimentação.

Finalmente, a troca de visitas é outro elemento que contribui para o desenvolvimento das relações bilaterais. Neste sentido, registro a recente visita da delegação chefiada pelo Deputado Raul Carrion, que teve a oportunidade de conhecer um pouco da realidade norte-coreana e identificar novas áreas de cooperação.

* *Embaixador do Brasil na RPDC*



ANEXO IV

Como Obama fomenta uma crise na Península Coreana

Gregory Elich *

As relações entre os Estados Unidos e a Coreia Popular atingiram seu nível mais baixo e, na maior parte das mídias ocidentais, fala-se da aparentemente irracional e dura retórica vinda da Coreia Popular. Inexplicavelmente, nos dizem, a Coreia Popular optou por elevar a tensão.

O que falta nessa imagem de comportamento hostil norte-coreano e de imaculada inocência americana é o contexto. Como é freqüente, as mídias apresentam eventos de um modo isolado como se surgissem subitamente e sem qualquer causa.

É preciso olhar para trás no tempo para perceber o que está a perturbar os norte-coreanos. Em meses recentes, a administração Obama deu diversos passos que a RPDC (República Popular Democrática da Coreia, o nome oficial da Coreia Popular) considerou ameaçadores. O primeiro passo no caminho do agravamento das relações ocorreu em outubro de 2012, quando os Estados Unidos concederam à Coreia do Sul uma isenção sob o *Regime de Controle de Tecnologia de Mísseis*, a qual permitiu estender o alcance dos seus mísseis balísticos de modo a que pudessem cobrir todo o território da RPDC. Em consequência, houve um conjunto de exigências aplicáveis a todos os países que houvessem aderido ao tratado, e um conjunto diferente que se aplicava só à Coreia do Sul, com o claro propósito de alvejar o seu vizinho do Norte.

Naquele mesmo mês, responsáveis militares dos EUA e Coreia do Sul encontraram-se para a *Reunião Anual Consultiva de Segurança*, onde acordaram amplas mudanças na sua aliança. Ainda mais importante: eles desenvolveram um plano que denominaram "dissuasão sob medida" ("tailored deterrence"), o qual apela a operações militares conjuntas sul-coreanas-estadunidenses contra a Coreia Popular num certo número de cenários, incluindo incidentes menores.

Qualquer "provocação" por parte da Coreia Popular deverá ser respondida com força desproporcional e, segundo responsáveis militares sul-coreanos, "esta estratégia será aplicada tanto em tempo de paz como de guerra".

Uma componente essencial da dissuasão sob medida é uma "cadeia de destruição" ("kill chain") para rastrear e atacar sítios de mísseis norte-coreanos, em que satélites e drones americanos detectam alvos e mísseis e aviões de guerra sul-coreanos os eliminam. O plano apela a um ataque antecipado (pre-emptive) baseado na percepção de um lançamento iminente de mísseis norte-coreanos. O vice-comandante do Comando Coreia das Nações Unidas, general Jan-Marc Jouas, explicou que mísseis norte-coreanos podiam ser rapidamente alvejados "antes de estarem em posição de serem empregados". Para dizer isso em termos simples, poderia ser lançado um ataque a sítios de mísseis com base em suposições, mesmo quando mísseis norte-coreanos não estivessem numa posição de fogo.

Em 13 de abril de 2012, a RPDC lançou em órbita um satélite de observação da terra, o que disparou condenações pela administração Obama, com a acusação de ser um teste disfarçado de míssil balístico. Resoluções da ONU proibem a Coreia Popular de testar mísseis balísticos, mas Pyongyang argumentou que enviar um satélite para o espaço não é a mesma coisa que efetuar um teste



de míssil balístico. Peritos em tecnologia de mísseis tendem a concordar, destacando que o míssil lançado pela RPDC não tinha desempenho para servir de ICBM e que a rota do seu vôo adotou uma viragem aguda para evitar voar sobre Formosa e as Filipinas, uma ação que é contraproducente para um teste de míssil balístico.

Vasos de guerra sul-coreanos conseguiram recuperar destroços do foguete norte-coreano. Análises efetuadas mostravam que um motor pequeno com um baixo impulso de 13 a 14 toneladas propulsionaram o segundo estágio. O engenheiro aeroespacial Marcus Schiller, baseado em Munique, informou que um segundo estágio de baixo impulso e queima longa, tal como o utilizado pelos norte-coreanos, é precisamente a concepção necessária para um lançador de

satélite. Tal concepção é necessária para atingir uma altitude suficientemente elevadas para colocar um satélite em órbita. Essa concepção, contudo, é inadequada para um teste de míssil balístico, pois ela faria perder mais de 1.000 quilômetros de alcance. Para testar um míssil balístico, o segundo estágio deveria ter a concepção



oposta, tendo um alto impulso e tempo de queima curto. Schiller conclui que os relatos das mídias ocidentais de que o satélite norte-coreano serviu como teste de míssil balístico "não são verdadeiros".

Michael Elleman, analista de segurança do *International Institute for Strategic Studies*, observa que os resultados de um lançamento de satélite "têm aplicação limitada para mísseis balísticos", pois só frações das questões em causa podem ser testadas. "Outras exigências, mais notavelmente tecnologias de reingresso e exigências de flexibilidade operacional, não podem ser tratadas adequadamente por lançamentos de satélites". Elleman informa que por estas e outras razões, lançamentos de mísseis com satélite pela Coréia Popular "não são um substituto para o teste de mísseis balísticos".

Curiosamente, no mesmo dia em que a Coréia Popular lançou o seu satélite no espaço, a Índia, outra potência nuclear, testou o disparo de um míssil balístico sem que responsáveis americanos expressassem qualquer queixa. Os Estados Unidos não têm falta de engenheiros aeroespaciais e os responsáveis dos EUA certamente estavam conscientes de que o lançamento do satélite da Coréia Popular não podia tecnologicamente ser interpretado como um teste de míssil balístico disfarçado. Parece que a administração Obama deliberadamente optou por falsificar a natureza do lançamento a fim de promover os seus próprios objetivos políticos.

O lançamento do satélite proporcionou à administração Obama uma oportunidade para endurecer o nó corrediço em torno da Coréia Popular e, após negociações extensas, conseguiu pressionar uma resolução no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Como explicou a porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, Victoria Nuland, a intenção da administração Obama era "continuar a aumentar a pressão sobre o regime norte-coreano. E estamos a procurar a maneira de melhor fazer isso, a avançar tanto bilateralmente como com nossos

parceiros. Até que eles obtenham a mensagem, vamos ter de continuar a fomentar o isolamento deste regime".

Com a aprovação da resolução 2087, de 22 de janeiro de 2013, do Conselho de Segurança da ONU, novas sanções foram impostas à Coréia Popular, apesar do tratado internacional do espaço exterior garantir o direito de explorar o espaço a "todos os estados sem discriminação de qualquer espécie".

A Coréia Popular reagiu furiosamente por ser discriminada como o único país sobre a terra ao qual é negado o direito de lançar um satélite. A RPDC não tendia a anuir à imposição de sanções adicionais, quando a sua economia já estava a cambalear com as sanções existentes. Um porta-voz da RPDC destacou que ao forçar a resolução no Conselho de Segurança, os Estados Unidos haviam violado a Carta das Nações Unidas, a qual declara que "a Organização é baseada no princípio da igualdade soberana de todos os seus membros".

Falando nas Nações Unidas, o delegado da RPDC, So Se Pyong, declarou: "Houve não menos de 2.000 testes nucleares e pelo menos 9.000 lançamentos de satélite no mundo desde que a ONU existe, mas nunca houve uma única resolução do seu Conselho de Segurança que proibisse testes nucleares e lançamentos de satélites". Acrescentando que os Estados Unidos havia executado mais testes nucleares e lançamentos de satélite do que qualquer outro país, o delegado disse que não deveria ser permitido aos Estados Unidos bloquearem à Coréia Popular exercer o seu direito "a utilizar o espaço para fins pacíficos", nem utilizar as Nações Unidas "como uma ferramenta para executar a sua política hostil para com a RPDC".

Sem qualquer surpresa, a Coréia Popular optou por exprimir a sua resistência à agressividade da política estadunidense efetuando o seu terceiro teste nuclear em 12 de fevereiro de 2013. Vários dias depois, numa aparente referência ao Iraque e à Líbia, as mídias norte-coreanas recordaram os destinos que haviam acontecido àqueles países que haviam abandonado suas armas nucleares em resposta à pressão estadunidense. Estes exemplos, acrescentaram, "ensinam a verdade de que a chantagem nuclear dos EUA deve ser contida com contramedidas substanciais, não com compromisso ou retirada".



Um dia após o teste nuclear, o Ministério da Defesa sul-coreano anunciou que havia instalado mísseis de cruzeiro capazes de atingir qualquer lugar na Coreia Popular e que aceleraria o desenvolvimento de mísseis balísticos de alcance semelhante. Além disso, a implementação da cadeia de destruição (kill chain) seria acelerada. Planejada originalmente para estar completa em 2015, a cadeia de destruição está agora em vias de estar instalada no final deste ano.

Enquanto transcorriam as discussões no Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a imposição de sanções adicionais à Coreia Popular, a União Européia avançou com o seu próprio conjunto de medidas, incluindo uma proibição de comércio com entidades públicas norte-coreanas e de comércio com títulos públicos da RPDC. A UE também aplicou uma proibição à abertura de bancos europeus na RPDC e de bancos norte-coreanos estabelecerem uma agência na UE.

Foram gastas mais de três semanas para negociar uma resolução do **Conselho de Segurança da ONU** em resposta ao teste nuclear norte-coreano. A questão mais contenciosa era incluir ou não o Capítulo 7, Artigo 42, o qual teria autorizado imposição militar. Tanto os Estados Unidos e a Coreia do



Sul argumentaram fortemente pela sua inclusão. Outra questão difícil era a inspeção de navios cargueiros norte-coreanos e houve discussão extensa antes dos Estados Unidos e a China acordarem na extensão de inspeções.

Os chineses recusaram-se a concordar na imposição militar, certamente temendo que isso aumentasse o risco de guerra. Nem acompanharam algumas das medidas mais duras que os Estados Unidos haviam incluído, como uma lista de desejos na sua minuta. A imposição militar teria sido particularmente perigosa, dada a história de como o Artigo 42 serviu de caminho para os Estados Unidos travarem guerras.

Embora os Estados Unidos não obtivessem tudo o que queriam, a aprovação da Resolução 2094, de 7 de março de 2013, do Conselho de Segurança da ONU, atingiu muitos dos objetivos que buscavam. A resolução exige a todos os países que inspecionem navios e aviões norte-coreanos que forem suspeitos de

transportar bens proibidos. Restrições duras são aplicadas a operações bancárias norte-coreanas. É ordenado aos países que impeçam indivíduos norte-coreanos de transferir volume de dinheiro (bulk cash), incluindo pessoal diplomático, que passam a estar sujeitos a "vigilância agravada" em violação da Convenção de Viena



sobre Relações Diplomáticas. Ao visar diplomatas norte-coreanos para vigilância, buscas e detenção, os Estados Unidos têm como objetivo eliminar um dos poucos meios remanescentes que a RPDC tem para envolver-se em transações monetárias internacionais. As sanções bancárias da ONU e dos Estados Unidos fizeram com que a maior parte dos bancos internacionais ficassem pouco desejosos de ter transações com a Coreia Popular, forçando a RPDC a efetuar grande parte do seu comércio exterior na base do dinheiro vivo.

É a medida de restringir negócios de bancos com a Coreia Popular que promete causar o maior dano à economia norte-coreana. *"Perseguir o sistema bancário de um modo universal é comprovadamente a coisa mais forte na lista"*, observa o antigo responsável do Departamento de Estado J. R. Revere. *"Isto começa a incidir na capacidade da Coreia Popular para financiar muitas coisas"*. Primariamente o comércio normal, dever-se-ia dizer.

Poucos dias depois, o Departamento do Tesouro dos EUA avançou com as suas próprias sanções, proibindo transações entre o *Foreign Trade Bank* da Coreia Popular e indivíduos e negócios estadunidenses, e colocando um congelamento sobre seus ativos mantidos sob jurisdição dos EUA. O *Foreign Trade Bank*, destaca o Departamento do Tesouro, é *"o banco primário do intercâmbio externo da Coreia Popular"*. A proibição impede efetivamente bancos e empresas em outros países de comerciarem com o *Foreign Trade Bank*, por temor de serem excluídos do contacto com o sistema financeiro dos EUA. *"Quando há um banco estrangeiro com que bancos dos EUA não estejam a fazer negócios, bancos em outros países começam a evitar transações com ele"*, observa um especialista financeiro. *"Eles ficam preocupados acerca de sofrerem eles próprios as conseqüências"*. Tipicamente, o comércio internacional está baseado no dólar, exigindo transações a processar através do sistema financeiro estadunidense.

Por essa razão, "bancos chineses não vão ser capazes de ajudar a Coréia Popular", acrescenta o analista financeiro.

Pelo seu lado, a Coréia do Sul adotou políticas que agravam o perigo de guerra. Segundo um responsável militar sul-coreano, "Foi dada aos comandantes a autoridade para agirem primeiro à vontade no caso de uma provocação norte-coreana para infligir uma retaliação que é mais de dez vezes tão dura quanto o nível da provocação". O Diretor de Operações do Estado Maior das Forças Armadas, Kim Yong-hyon, declara que em resposta a um incidente as forças armadas sul coreanas "punirão resolutamente não só a origem da provocação como também suas forças que comandam". Não é preciso muita imaginação para reconhecer como tal política tem o potencial para transformar uma escaramuça menor numa guerra.

Os Estados Unidos e a Coréia do Sul assinaram recentemente um plano de contra-provocação, no qual forças estadunidenses se comprometem a providenciar apoio quando forças sul-coreanas ataquem um alvo norte-coreano. O plano esclarece ações que devem ser tomadas como resposta a vários cenários. De acordo com um responsável militar sul-coreano, ele leva em conta a política sul-coreana "a qual apela ao lançamento de contra-ataque não só para a origem da provocação como também a forças que a apóiam e seus comandantes". Em alguns cenários "armas estadunidenses podem ser mobilizadas para retaliar em águas territoriais e solo da Coréia Popular". O plano de contra-provocação requer à Coréia do Sul consultas com os Estados Unidos antes de entrar em ação, mas se Seul requerer assistência os Estados Unidos não podem recusar-se a tomar parte em operações militares.

Numa poderosa demonstração destinada a intimidar a Coréia Popular, os Estados Unidos e a Coréia do Sul começaram o seu exercício militar anual *Resolução Chave (Key Resolve)* em 11 de março, sobrepondo-se ao exercício militar de dois meses *Foal Eagle* que começou em 1º de março. Durante o exercício, bombardeiros **B-52** com capacidade nuclear decolaram de Guam e praticaram o despejo de munições na Coréia do Sul. Os comandantes estadunidenses sabiam que esta ação inflamaria sensibilidades norte-coreanas, dadas as dolorosas memórias que os norte-



coreanos têm da Guerra da Coréia, quando bombardeiros estadunidenses executaram uma política de terra queimada e arrasaram toda cidade norte-coreana até ao solo.

Os Estados Unidos mais uma vez agravaram a pressão sobre a RPDC com o envio do **submarino USS Cheyenne**, movido a energia nuclear, equipado com mísseis *Tomahawk*, para participar no *Foal Eagle*. Logo após, bombardeiros B-2 *Stealth* voaram sobre a Coréia do Sul em exercícios militares.



"Como o B-2 tem a função de invisibilidade ao radar, ele pode penetrar a defesa antiaérea para lançar armas convencionais e nucleares", comentou um responsável militar. "É a arma estratégica mais temida pela Coréia Popular". O B-2, dever-se-ia notar, é o único avião capaz de entregar a bomba *Massive Ordnance Penetrator* de 30 mil libras [13.590 kg], a qual pode perfurar através de 200 pés [61 m] de concreto antes de detonar. O avião também pode transportar múltiplas armas nucleares. Continuando a escalar a demonstração de força, os Estados Unidos enviaram a seguir aviões de combate F-22 *Stealth* à Coréia do Sul. O governo sul-coreano pediu aos Estados Unidos para não mostrar os aviões em público porque isso seria uma provocação desnecessária à Coréia Popular. O pedido foi desatendido pelos Estados Unidos.

Num aumento do arsenal sul-coreano, os Estados Unidos aprovaram a venda de 200 bombas destruidoras de *bunkers*, adequadas para alvejar instalações subterrâneas norte-coreanas. Os planos exigem que as bombas sejam instaladas até o fim do ano. A Coréia do Sul também planeia comprar à Europa 200 mísseis de cruzeiro *Taurus*, lançados do ar, os quais são capazes de penetrar até seis metros de concreto reforçado.

Como parte do seu planejamento para contingências futuras, os Estados Unidos constituíram uma organização militar responsável pela entrada na Coréia Popular e captura de instalações e armas nucleares no caso de uma crise na RPDC. Naquele cenário, as forças dos EUA também prenderiam "figuras chave" e reuniriam informação classificada. Não foi revelado quais indivíduos norte-coreanos seriam sujeitos a prisão pelas forças dos EUA. A força seria composta por forças armadas dos EUA, operacionais de inteligência e pessoal

anti-terrorismo. Um ensaio de imitação a implementar o plano fez parte dos exercícios *Key Resolve* recentemente concluídos.

Tendo feito tudo para provocar os norte-coreanos, a administração Obama agarrou a oportunidade para apontar a sua reação como justificção para instalar uma lista de desejos (*wish list*) de *hardware* anti-míssil. O Pentágono anunciou que estacionaria 14 interceptadores de mísseis adicionais em Fort Greely, Alasca e prosseguiria com o seu plano de colocar um segundo radar anti-míssil no Japão. Uma bateria *Terminal High-Altitude Area Defense* (THAAD) é prevista ser exibida em Guam na sua primeira instalação, e a plataforma **SBX-1X-Band Radar** com base no mar está a mover-se para o Pacífico ocidental, que a Marinha diz poder ser o primeiro de outros posicionamentos navais.

O Wall Street Journal relata que o espetáculo de força militar foi planejado antecipadamente, no que a administração Obama denominou "o manual de estratégia" ("*the playbook*"). Os Estados Unidos agiram com intenção deliberada de ameaçar a Coreia Popular. Segundo o artigo, a administração decidiu colocar o manual em "pausa" só quando as mídias revelaram a deslocação de dois destróieres com mísseis guiados para o Pacífico ocidental e foi sentido que talvez esta notícia arriscasse pressionar os norte-coreanos demasiado longe. O posicionamento dos destróieres, como foi dito, não era para ser revelado. Os próximos passos no manual foram adiados. Também foi informado que os Estados Unidos adiarão em um mês um vôo de teste de um *Minuteman* ICBM a fim de não aumentar tensões.

A percepção que a administração Obama pretende transmitir ao público americano e mundial, portanto, é que os Estados Unidos estão a agir responsabilmente a fim de neutralizar a situação. Um alto responsável da defesa, entretanto, disse: "*Não havia ordem de segredo da Casa Branca*" em relação ao posicionamento dos destróieres. Além disso, *hardware* militar recentemente posicionado não foi retirado, ao passo que o exercício combinado em grande escala dos EUA-Coreia do Sul, *Foal Eagle*, no degrau da porta da Coreia Popular continua sem pausa.



Apesar das afirmações de que está a amortecer suas ações, a administração Obama está a fazer o oposto. Responsáveis dos EUA dizem que não pretendem entrar novamente em combate com a RPDC. A dissuasão sob medida e a cadeia de destruição estão em programação acelerada, colocando a Península Coreana à beira da guerra. Enquanto isso, os Estados Unidos estão a trabalhar arduamente para persuadir outros países a sancionarem o *Foreign Trade Bank* da RPDC e estão a considerar outros meios pelos quais possam levar a Coreia Popular ao colapso econômico. Um responsável anônimo do Departamento de Estado dos EUA observou que ainda havia espaço para a ampliação de sanções. "*Não sei o que acontecerá, mas não alcançamos o limite, ainda há espaço para mais, e temos de tentar*".

Responsáveis dos EUA pediram à União Européia para aplicar sanções ao *Foreign Trade Bank* e novas discussões são previstas de acordo com essas linhas. O Japão e a Austrália já concordaram e juntar-se aos Estados Unidos nas sanções ao banco e tanto o responsável do Departamento do Tesouro David Cohen como o secretário do Tesouro Jack Levy pediram à China para fazer o mesmo. O presidente Obama deu um telefonema pessoal ao presidente chinês Xi Jinping, instando-o a sancionar o *Foreign Trade Bank* e os responsáveis dos EUA continuam a pressionar a China, insistindo em que se a China não "tomar posição" sobre a Coreia Popular os EUA aumentarão suas forças militares na Ásia.

Essa consequência, os chineses com certeza compreendem, seria voltada tanto contra eles como contra a Coreia Popular. A opção que a administração Obama está a oferecer é que os chineses possam ou observar os Estados Unidos expandirem a sua militarização da região e endurecerem o seu cerco à China, ou dobrarem-se à pressão americana e cooperarem provocando a ruína econômica da Coreia Popular. É provável que ao escolher a última opção os chineses venham a descobrir que os Estados Unidos não têm intenção de reduzir seu eixo central na Ásia e a sua presença militar na região crescerá sem dificuldades.



Uma fonte diplomática revela que – quer a China concorde ou não em acompanhar os pedidos estadunidenses – o efeito sobre a economia da Coreia Popular pode ser o mesmo. "O que o governo dos EUA está à procura de aplicar é pressão psicológica sobre bancos chineses. Se bancos dos EUA evitarem transações com bancos chineses que têm laços com bancos norte-coreanos na lista negra ou outras entidades, isso pode levar a efeitos semelhantes àqueles das sanções do boicote secundário".



Sem qualquer dúvida, os responsáveis e as mídias norte-coreanas têm estado a emitir proclamações de cortar o fôlego, a efetuar ações como cortar a linha telefônica militar com a Coreia do Sul, a anunciar a intenção de retomar o funcionamento do reator nuclear de Yongbyon e de encerrar temporariamente o Complexo Industrial de Kaesong, o que parece exacerbar tensões de forma imprudente. Contudo, há lógica no seu comportamento. A administração Obama nunca quis negociar com a Coreia Popular e, claramente, pretende efetuar mudança de regime quando acumula sanções sobre sanções e desenvolve planos militares que ameçam a existência da RPDC. Com efeito, ações dos EUA encorajaram a Coreia Popular a desenvolver um programa de armas nucleares como seu único meio de dissuasão realista contra ataques, dada a tecnologia obsoleta do seu armamento convencional.

Entretanto, responsáveis norte-coreanos sabem que os EUA têm conhecimento que eles não têm uma arma nuclear utilizável, nem têm um veículo de entrega adequado. A RPDC tem alternativas limitadas e, por agora, os responsáveis norte-coreanos aparentemente percebem que têm apenas duas opções. Ou aceitam, docilmente, ciclo após ciclo de punições, enquanto observam impotentes o crescente dano à sua economia e as ameaças à sua nação; ou podem reforçar a sua retórica como meio de enviar uma mensagem aos Estados Unidos. Essa mensagem é de que se o Estados Unidos atingirem a Coreia Popular obterão uma resposta mais forte do que esperam e que deveriam pensar duas vezes antes de atacar; e que quanto mais os Estados Unidos exercerem pressão, mais a RPDC resistirá.

Infelizmente, isto produz um ciclo de realimentação (*feedback loop*), em que quanto mais os Estados Unidos punem a RPDC, mais fortemente os norte-coreanos resistem e, quanto mais resistem, mais punição vem a seguir. O único meio aparente de sair deste impasse é um processo de paz, mas a administração Obama permanece obstinadamente oposta a negociações.



O analista de assuntos internacionais Chen Qi, da Universidade Tsinghua, destaca que os Estados Unidos "não respeitaram as preocupações de segurança da RPDC e que está é a razão porque a questão nuclear na Península Coreia não foi resolvida". Chen sugere que "Washington pode querer que a questão nuclear de Pyonyang não seja resolvida porque lhe proporciona uma desculpa para a instalação de sistemas anti-mísseis e penetrações militares na região, as quais estão alinhando-se com o seu reequilíbrio militar no Extremo Oriente". Os responsáveis dos EUA têm persistido, nunca esconderam, em seu desejo de provocar mudança de regime na Coreia Popular, sem importar-se com os perigos dessa política.

Uma mudança na política estadunidense pode nunca ocorrer, a menos que a Coreia do Sul abra o caminho com firmeza e isso é uma perspectiva improvável no presente. Tal mudança pode ter de esperar cinco anos, quando a próxima eleição presidente terá lugar na Coreia do Sul. Isto é um longo tempo, dados os planos estadunidenses para elevar tensões na Península Coreana. Se a Coreia do Sul não demonstrar liderança para uma abordagem alternativa antes disso, a questão é por quanto tempo tensões podem ferver sem transbordar em uma perigosa crise.

Por Gregory Elich [*], no Counterpunch - 21 de abril de 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALPEROVITZ, Gar. Diplomacia Atômica. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed. / Ed. Saga, 1969, 390p.
- AN CHOL GWANG. Le probleme coreen et la presence militaire americaine em Coree du Sud. Pyongyang :Ed. en Lenguas Extranjeras, 2003, 115p.
- ASAMBLEA POPULAR SUPREMA. Constitución socialista de la República Democrática de Corea. Pyonyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2014, 33p.
- ASAMBLEA POPULAR SUPREMA. Ley de salud pública de la República Democrática de Corea. Pyonyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1989, 19p.
- ASAMBLEA POPULAR SUPREMA. Ley sobre la protección del ambiente de la República Democrática de Corea. Pyonyang: Ed en Lenguas Extranjeras, 1991, 23p.
- BANG HWAN DJOU e TCHAI BONG HYEUK. Guide Touristique de la Corée. Pyonyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1991, 188p.
- BARTOV, Omer, GROSSMANN, Atina e NOLAN Mary. Crimes de Guerra - Culpa e Negação no Século XX. Rio de Janeiro: Difel, 2005, 375p.
- BERSTEIN, Serge e MILZA, Pierre. História do Século XX: 1945-1973,, Vol. 2. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 2007, 560p.
- BIANCO, Lucien. História Universal Siglo XXI, vol. 33 - Ásia contemporânea. México DF: 1980, 359p.
- BROWN, ARCHIE. Ascensão e queda do comunismo. Alfragide/Portugal: Publicações Dom Quixote, 2010, 771p.
- CHA, Victor. The impossible state. North Korea, past and future. London: The Bodley Head, 2012, 530p.
- CHANNING LIEM. La guerre de Coree une question sem réponse. Pyonyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1993, 74p.
- CHOMSKY, Noam. Estados canallas. El imperio de la fuerza en los asuntos mundiales .Barcelona: Paidós, 2002, 285p.
- COLEONI, Angelo. Breve história das agressões americanas. Praga: Agência de Imprensa Orbis, 1982, 219p.
- CORDELLIER, Serge e LAPAUTRE, Catherine (coord. e realização). O Mundo Hoje - Anuário Econômico e Político Mundial. São Paulo: Ensaio, 1993, 500p.

- CORTÁZAR, Fernando García de e ESPINOSA, José María Lorenzo. Historia del mundo actual: 1945-1995 - 1. Memoria de medio siglo. Madrid: Alianza Ed., 1996, 542p.
- CORTÁZAR, Fernando García de e ESPINOSA, José María Lorenzo. Historia del mundo actual: 1945-1995 - 2. Imago mundi. Madrid: Alianza Ed., 1996, 344p.
- CROUZET, Maurice. História Geral das Civilizações - VII: A época Contemporânea - 2) O mundo dividido. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, 248p.
- CROUZET, Maurice. História Geral das Civilizações - VII: A época Contemporânea - 3) O O desmoroamento dos Impérios Coloniais. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, 319p.
- CUMINGS, Bruce. El lugar de Corea en el sol. Una historia moderna. Córdoba/Argentina: Comunic-arte Ed., 2004 (1ª Edição: 1997), 584p.
- DE BRITTO, Letelba R. Um brasileiro na Coréia. Rio de Janeiro: Ed. Contemporâneas, 1952, 128p.
- DIVERSOS. Historia de las actividades revolucionarias del Presidente Kim Il Sung. Pyonyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2012, 505p.
- DIVERSOS. Kim Jong Il - Gran Hombre. Pyonyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2012, 242p.
- DONOVAN, James A. Militarismo: O Caso Americano. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971, 292p.
- DROZ, Jacques (org.) e outros. História general del socialismo – de 1945 a nuestros días – 1. Barcelona: Ed. Destino, 1986, 494p.
- FINAMOUR, Jurema Yarry. Coréia Sem Paz. Rio de Janeiro: Ed. Atualidades, 1958, 187p.
- FORBES, Cameron. The Korean War - Australia in the Giants' Playground. Sydney: Macmillan, 2010, 534p.
- FRIEDRICH, Jörg. Yalu - À beira da terceira guerra mundial. Rio de Janeiro: Record, 2011, 559p.
- GELLATELY, Robert. Stalin's Course – Battling for Communism in War and Cold War. New York: Vintage Books, 2013, 477p.
- GIORDANO, Mário Curtis. História do Século XX. São Paulo: Idéias e letras, 2012, 1006p.
- GUILHERME, OLYMPIO. URSS & USA. Rio de Janeiro: Ed. Brand, 1954, 352p.
- HARUKY, Wada. The Korean War – An International History. Maryland/EUA: Rowan and Littlefield, 2014, 381p.

HASTINGS, Max The Korean War. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1987, 381p.

HEIFERMAN, Ronald, SHERMER, David e MAYER, S.L. Guerras do Século 20. Rio de Janeiro: Ed. Primor, 1975, 511p.

HINTON, Harold C. A China Comunista na Política Mundial. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1967, 579p.

HO JONG HO, KANG SOK HUI e PAK THAE HO. L'imperialisme US, provocateur de la guerre de Corée. Pyongyang: Ed en Lenguas Extranjeras, 1993, 265p.

HOBSBAWM, Eric. Historia de Siglo XX. Buenos Aires: Crítica, 2005, 616p.

HONG SEUNG EUN. Le Developpement Economique de la Republique Populaire Démocratique de Corée. Pyongyang: Ed. En Lenguas Extranjeras, 1990, 75p.

HOROWITZ, David. Estados Unidos frente a la revolución mundial (de Yalta al Vietnam). Barcelona: Ed. Cultura Popular, 1968, 510p.

HYAMS, Edward. Dicionário das Revoluções Modernas. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975, 218p.

JOAM e NA CHOL GANG. Corea en el Siglo XX. Los 100 hechos mas relevantes. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2002, 208p.

JON CHOL NAM. A duel of reason between Korea and US - Nuke, Missile and artificial satellite. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2000, 281 p.

JONG YONG NAM e KIM MYONG NAM. Sinchon Museum Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2009, 56p.

KANG RYON SIL, HAN PONG CHAN e KIM JI HO. Panorama of Korea. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 1999, 281p.

KIERNAN, V. G. Estados Unidos o novo imperialismo. Rio de Janeiro: Record, 2009, 486p.

KIM CHOL MYONG. Les Etats-Unis, royaume du terrorisme. Pyongyang: Ed. en Langues Etrangères, 2003, 26p.

KIM CHOL U. Política de Kim Jong Il: priorización militar. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2002, 103p.

KIM IL SUNG. En el transcurso del siglo - Memórias Vol 2. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1992, 491p.

KIM IL SUNG. En el transcurso del siglo - Memórias Vol 3: Pyongyang: Ed. en lenguas Extranjeras, 1993, 450p.

KIM IL SUNG. En el transcurso del siglo - Memórias Vol 4. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1993, 468p.

KIM IL SUNG. La construcción del socialismo. Buenos Aires: Ed. CEPE, 1973, 158p.

KIM IL SUNG. No transcurso do século - Memórias Vol 1. São Paulo: Inst. Amizade Brasil/Coréia, 2012, 346p.

KIM IL SUNG. Obras Completas Vol 2 (Agosto 1945 - Diciembre 1945). Pyongyang: Ed. en lenguas Extranjeras, 2012, 495p.

KIM IL SUNG. Obras Completas Vol 3 (Enero 1946 - Junio 1946). Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2012, 506p.

KIM IL SUNG. Oevres Completes Vol 4 (Juillet 1946-décembre 1946). Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2011, 504p.

KIM IL SUNG. On the building of the people's goverment: Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1991, 293p.

KIM IL SUNG. Programa de Diez Puntos de la Gran Unidad Pannacional para la Reunificación de la Pátria. Montevideo, 2012, 4p.

KIM IL SUNG. Que los jovenes Sean firmes continuadores de La causa revolucionária del Zuche. Pyongyang, 1981, 18p.

KIM IL SUNG. Que os jovens levem a cabo a causa revolucionária - VIII Cong. UJTS. São Paulo: 2012. 12p.

KIM IL SUNG. Sobre la administración de la economía socialista. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1992, 428p.

KIM JONG IL. El Partido del Trabajo de Corea es el organizador y orientador de todas las victorias de nuestro pueblo. Brasília: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2010, 27p.

KIM JONG IL. Materialicemos de modo consecuente el legado del Gran Líder Camarada Kim Il Sung, para la Reunificación de la Patria. Brasília: Asa Cópias, 2013, 22p.

KIM JONG IL. Para reforzar el sistema de dirección del partido. São Paulo: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2010, 16p.

KIM JONG IL. Por el triunfo de la causa socialista: Pyongyang: Ed. En Lenguas Extranjeras, 1999, 260p.

KIM JUN HYOK, OM HYANG SIM, KIM JI HO e CHAE KUM OK. Mariscal Kim Jong Un en 2012. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2014, 188p.

KIM MIONG CHOL. Les Etats-Unis, royaume du terrorisme. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2003, 21p.

KIM MYONG CHOL. Kim Jong IL: jour de la reunification de la Corée. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2001, 204p.

KINDER, Hermann e HILGEMANN, Werner. Atlas Histórico Mundial - II - De la Revolución Francesa a nuestros dias. Madrid: Ed. Istmo, 1977, 358p.

LEE, Steven Hugh. La guerra di Corea. Bologna: Ed. Il Mulino, 2003, 211p.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Formação do Império Americano: da guerra contra Espanha à guerra do Iraque, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005, 851p.

MORRAY, J.P. Origens da Guerra Fria (De Yalta ao Desarmamento). Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1961, 357p.

PERNAU, José. Historia Mundial desde 1939. Madrid: Salvat Ed., 1979, 144p.

PEYROU, Oscar. Corea: hacia un Estado Obrero (1973) – História del Movimiento Obrero- 74. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1991, 32p.

PIKE, Francis. Empires at War – A Short History of Modern Asia Since World War II. London: I.B.Tauris, 2011, 860p.

PRIESTLAND, David. A Bandeira Vermelha – Uma História do Comunismo. São Paulo: Leya, 2012, 800p.

REVUNENKO, V.G. História dos tempos atuais: 1917/1957. Rio de Janeiro: 1961, 293p.

RI JONG CHOL. Política Songun de Corea. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 2012, 62p.

SCOWEN, Peter. O livro negro dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Record, 2003, 263p.

STONE, Irwin F. La historia oculta de la Guerra de Corea. La Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1952, 389p.

SUPREME PEOPLE'S ASSEMBLY. The land law of the Demoratic People's Republic of Korea. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1992, 34p.

SURET-CANALE, J. e VIDAL, J.E. A República Popular Democrática da Coreia. São Paulo: Ed. Estampa, 1977, 238 p.

The West Sea Barrage. Pyongyang: Ed. en Lenguas Extranjeras, 1994, 9p.

TRIAS, Vivian. Historia del Imperialismo Norteamericano - 2. La Hegemonia: 1919-1963. Buenos Aires: A.Peña Lillo Ed., 1977, 291p.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. História do Século XX. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 1998, 246p.

VISENTINI, Paulo, DANILEVICZ, Analúcia, MARTINS, José Miguel. Revoluções e regimes marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional. Porto Alegre: Leitura XXI / Nerint/UFRGS, 2013, 405p.

VITORINO, William. Guerra na Coréia - A origem do conflito. São Paulo: Ed. Minuano, 2010, 66p.

WALTERS, Vernon A. Missões Silenciosas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1968, 574p.

ZETNER, Christian. Grandes guerras de nuestro tiempo: las guerras de la postguerra (I) Conflictos armados de 1945 a 1954. Barcelona: Ed. Bruquera, 1980, 182p.

CHOMSKY, Noam. Estados canallas. El imperio de la fuerza en los asuntos mundiales.. Barcelona: Paidós, 2002, 285p.

COLEONI, Angelo. Breve história das agressões americanas. Praga: Agência de Imprensa Orbis, 1982, 219p.

HYAMS, Edward. Dicionário das Revoluções Modernas. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975, 218p.

KIERNAN, V. G. Estados Unidos o novo imperialismo. Rio de Janeiro: Record, 2009, 486p.